

José Jair Ribeiro  
Maurício Perondi  
Miriam Pires Corrêa de Lacerda  
Patrícia Krieger Grossi  
(Orgs.)

# Juventudes na Universidade

olhares e perspectivas

O **Observatório Juventudes PUCRS** foi criado pela Rede Marista RS | DF | Amazônia em 2011 com a finalidade de pesquisar temáticas relacionadas às juventudes, oferecendo subsídios, assessorias e materiais de estudos para pesquisadores, educadores, gestores de políticas públicas, pessoas envolvidas na ação evangelizadora e na garantia dos direitos humanos. Contato: [observatoriojuventudes@pucrs.br](mailto:observatoriojuventudes@pucrs.br).

**Organizadores:**

**José Jair Ribeiro**

Graduado em Filosofia e Teologia. Mestre em Teologia. É integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

**Maurício Perondi**

Graduado em Filosofia. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

**Miriam Pires Correa de Lacerda**

Graduada em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

**Patrícia Krieger Grossi**

Graduada em Serviço Social. Mestre em Serviço Social pela PUCRS e Doutora em Serviço Social pela Universidade de Toronto, Canadá. É integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

# **Juventudes na Universidade: olhares e perspectivas**

**José Jair Ribeiro  
Maurício Perondi  
Miriam Pires Corrêa de Lacerda  
Patrícia Krieger Grossi  
(Orgs.)**



**José Jair Ribeiro  
Maurício Perondi  
Miriam Pires Corrêa de Lacerda  
Patrícia Krieger Grossi  
(Orgs.)**

# **Juventudes na Universidade: olhares e perspectivas**

**Redes Editora  
Porto Alegre  
2014**

© 2014, **Redes Editora**

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na Web e outros) sem a expressa permissão dos Organizadores.

**Coordenação Editorial**

Guacira Gil  
Salette Campos de Moraes

**Conselho Editorial**

Me. Ana Maira Zortéa  
Dr<sup>a</sup>. Guacira Gil  
Dr. José Willibaldo Thomé  
Dr. Marcos Villela Pereira  
Dr<sup>a</sup>. Maria Inês Côrte Vitória  
Dr<sup>a</sup>. Salette Campos de Moraes

**Capa**

Foto de Gilson Oliveira /Arquivo Fotográfico/ASCOM/PUCRS  
Criação/Execução de Alessandra Pacheco/Rede Marista

**Catálogo na Fonte**

---

J97

Juventudes na Universidade : olhares e perspectivas / organizadores  
José Jair Ribeiro ... et all. – Porto Alegre : Redes Editora, 2014.  
166 p. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-61638-77-1

1. Jovens – Educação. 2. Estudantes Universitários – Aspectos  
Sociais. 3. Juventude e Novas Tecnologias. 4. Juventude – Vida Religiosa.  
I. Ribeiro, José Jair.

CDD 378.1981

---

**Bibliotecária Responsável**

Ginamara Oliveira Lima - CRB 10/1204

**Redes Editora**

Porto Alegre, RS - Brasil  
<http://www.redeseditora.com.br/loja>

# Sumário

<b>Prefácio</b> .....	7
<b>Introdução</b> .....	11
<b>Capítulo 1:</b> O que é “ser jovem”? Reflexões sobre o conceito de juventudes na perspectiva de jovens universitários .....	19
<i>Giovane Antonio Scherer</i> <i>Maurício Perondi</i> <i>Karen Theline Cardoso dos Santos da Silva</i>	
<b>Capítulo 2:</b> Os desafios da universidade diante da pluralidade juvenil ....	33
<i>Miriam Pires Corrêa de Lacerda</i> <i>Josiane Machado Godinho</i>	
<b>Capítulo 3:</b> Trabalho: um demarcador geracional para os jovens universitários.....	49
<i>Fernanda Aschidamini</i> <i>Gabriela Dutra Cristiano</i> <i>Maurício Perondi</i>	
<b>Capítulo 4:</b> Juventudes e as novas tecnologias.....	69
<i>Miriam Pires Corrêa de Lacerda</i> <i>Silvia Gama</i>	
<b>Capítulo 5:</b> As juventudes e as múltiplas manifestações das violências: uma reflexão ética na contemporaneidade .....	87
<i>Giovane Antonio Scherer</i> <i>Patrícia Krieger Grossi</i> <i>Beatriz Gershenson Aguiisky</i>	

**Capítulo 6:** Sexualidade e gênero em pauta: diálogos com as juventudes ..101

*Patrícia Krieger Grossi*

*Andréia Mendes dos Santos*

*João Paulo Ottolia Niederauer*

*Gisele Ribeiro Seimetz*

**Capítulo 7:** Juventudes: religião e espiritualidade .....115

*Maurício Perondi*

*José Jair Ribeiro*

*Francine Ester da Silva Pereira*

**Capítulo 8:** A certeza e a (in)certeza: trajetórias juvenis e projetos  
de vida em um contexto de transformações societárias.....135

*Giovane Antonio Scherer*

*Patricia Krieger Grossi*

**Considerações finais**.....147

**Agradecimentos** .....151

**Apêndice** .....153

**Sobre os Autores**.....161



## Prefácio

O jovem antecipa o dia de amanhã. A juventude tem sempre mais o futuro do que o passado. Tem um mundo para construir em cima de um mundo já construído. Sobre o jovem muito se escreveu. O próprio Aristóteles, no século IV antes de Cristo, por exemplo, dedicou páginas importantes sobre esse assunto. Seu discurso vai em direção de uma fenomenologia da juventude. Para o filósofo grego os jovens facilmente deixam-se arrebatar por alguns desejos. E são capazes de pôr em prática tudo o que desejam. E, entre os desejos corporais, é, sobretudo, pelas paixões amorosas que se deixam empolgar mais. Costumam seguir o primeiro impulso de seu coração... Os jovens também são bondosos e crédulos, porque ainda não foram decepcionados muitas vezes. E, são abertos à esperança, porque os Jovens, como os bêbados, são ardentes por natureza e a esperança tem a perspectiva do futuro. Seguindo ainda o pensamento de Aristóteles, os Jovens gostam mais dos amigos e de estar em companhia de outros jovens porque apreciam a vida em comum. Embora escrito há mais de dois mil anos, o texto de Aristóteles continua atual. Isso poderia nos levar a crer que jovem, em qualquer época, é sempre o mesmo. Não é uma tarefa fácil, definir a juventude. Uma categoria mais adequada seria aquela de juventudes.

Quando se entra em contato com o jovem universitário, percebe-se certa inquietação, que se manifesta em um pessimismo e em fortes doses de ansiedade. São três causas essenciais desta ansiedade: a dificuldade para encontrar o próprio posto neste mundo em contínua mudança; a perspectiva de um trabalho alienante; a ausência de um estatuto para os jovens. Os efeitos dessa marginalidade se notam de formas diversas nos jovens, e deram lugar ao que se chama síndrome da caixa do sentido da vida. Uma coisa se põe clara na juventude de hoje em dia: a radical reivindicação ao direito de definir as próprias necessidades e a luta para satisfazê-las.

A necessidade de identidade vem acompanhada do rechaço dos itinerários pré-fabricados provenientes do sistema. Chamamos de “adaptação” a falta de reais oportunidades de conseguir a própria identidade, a marginalização social que sofre o controle dos adultos, adaptação que neste caso significa fazer um caminho em sentido contrário ao da autêntica identidade. Os jovens somente querem mover-se nos âmbitos que podem ser controlados por eles mesmos.

Equivocam-se os adultos quando mitificam a juventude como simples “condição existencial”. Os jovens não comportam este estereótipo tão simples e têm consciência de que a juventude é um marco biológico diferencial quando se comparam jovens e velhos; porém, não é critério de identificação dos sujeitos sociais. Os jovens percebem entre os jovens as mesmas diferenças que separam e distinguem as pessoas de qualquer idade. As diferenças se convertem frequente-

mente em verdadeiros antagonismos. A sociedade de hoje oferece aos jovens possibilidades nunca antes conhecidas, de multiplicar suas experiências até à saciedade, de utilizar instrumentos de compreensão e domínio da realidade até então desconhecidos, de receber estímulos e respondê-los de forma diferenciada. O que se poderia chamar: a enfermidade da abundância.

Não nos deixa dúvida, a juventude é como as plantas, que para seu desenvolvimento correto necessitam de um terreno adequado, atenção e acompanhamento. Os jovens necessitam de uma visão de futuro, esperança, razão e oceano de vida. Aqui, precisamente, se encontra a entranha mais genuína dos jovens. Por definição, os jovens não estão pura e simplesmente à espera de sua realização pessoal e coletiva; na verdade o que eles reivindicam é o direito à participação ativa na história nacional e mundial. Aqui se coloca a urgência de uma nova moral social e econômica.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que os jovens se encantam com a internet e com as inovações tecnocientíficas, protestam contra a miséria e a guerra, que de forma trágica continua presente no desenrolar do século XXI. O jovem busca a sua inserção no mundo por meio de uma ordem diferenciada, que considere suas opiniões e visão de mundo. Os jovens universitários constituem-se numa força positiva e possuem um enorme potencial para contribuir no desenvolvimento e progresso social. Isso significa trabalhar com três atitudes básicas diante dos jovens na Universidade. A primeira é ver o jovem como solução e não como problema; uma segunda atitude implica ver o jovem como fonte de iniciativa e não como receptáculo; e por fim, ver o jovem como parceiro e interlocutor das decisões nos processos educativos e não como destinatário das ações voltadas a eles.

O mundo adulto é convidado a desenvolver uma nova visão e uma nova atitude em relação à juventude. Caso contrário, nossa sociedade continuará privando os jovens do direito de desenvolver seu potencial. Potencial esse que deve ser desenvolvido por meio do amor, da cidadania e do trabalho. Tratar o jovem como problema é reforçar um estigma que os torna cada vez mais filhos do medo. Medo de ficarem fora do mundo do trabalho, medo de se tornarem vítimas e autores de violência, medo de ficar a margem das decisões que afetam suas vidas.

Um individualismo fortíssimo caracteriza nossa época. E, apesar de uma tendência natural à relação e ao grupo, é imensa a solidão na juventude. Importante o sentimento e o sentido da pertença a um grupo e a uma comunidade, por onde ele consiga transitar com segurança. Não basta formar apenas profissionais, mas formar gente que pensa.

Os estudantes que entram na universidade eles buscam a qualidade profissional e a aprender a ser gente. A universidade como uma espécie de astúcia da história – o destino da universidade parece incerto em todos os quadrantes. A universidade mais que de uma reforma precisa de uma grande transformação. Pa-

rabéns a todos que contribuíram na construção desta belíssima obra “Juventudes na Universidade: olhares e perspectivas”. Trata-se de um trabalho interdisciplinar, e de muitas mãos, envolvendo o Observatório Juventudes PUCRS, numa parceria do Centro de Pastoral e Solidariedade com as Faculdades de Educação e de Serviço Social e com a Coordenação de Pastoral da Rede Marista. Cumprimentos a todos os autores, que este livro sobre as juventudes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul ajude-nos a conhecer o nosso estudante para assim melhor desempenhar a nossa missão.

*Ir. Evilázio Teixeira – Vice-Reitor da PUCRS*



## Introdução

Este livro apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com estudantes da PUCRS na faixa etária dos 16 a 29 anos, com o objetivo geral de identificar os aspectos socioeconômicos, culturais e crenças desses sujeitos, visando o conhecimento de suas necessidades para qualificação de estratégias metodológicas e pedagógicas utilizadas por educadores e gestores da PUCRS na perspectiva dos Direitos Humanos. Os objetivos específicos foram: a) Identificar características socioeconômicas, culturais e crenças dos(as) jovens estudantes da PUCRS; b) Identificar as oportunidades e desafios para o trabalho educacional da PUCRS a partir da perspectiva dos(as) jovens estudantes; c) Verificar de que forma as crenças espirituais dos(as) jovens estudantes da PUCRS se relacionam com seus hábitos e formas de pensamento. A análise das juventudes contemporâneas precisa ter simultaneamente presente, tanto os processos ligados à globalização da cultura, quanto os referentes à produção e à circulação de localidades. Com os dados apresentados, pretendemos vocalizar o que esses(as) jovens pensam, pois em nossos espaços institucionais, muitas vezes continuamos esquecendo de escutar aqueles para os quais se dirigem nossas ações. Isso acontece não só na Universidade, mas em outros espaços, como no trabalho, nas políticas públicas ou, ainda, nas propostas de lazer.

Essa pesquisa foi desenvolvida pelo Observatório Juventudes PUCRS, constituído no final de 2011, buscando formar um espaço interdisciplinar de formação, envolvendo pesquisa e extensão, enfocando as discussões no contexto atual das juventudes. O mesmo está centrado nos seguintes eixos: a condição juvenil nas sociedades contemporâneas, a construção de metodologias de trabalho com jovens, as políticas públicas e as ações sociais voltadas às juventudes, as práticas culturais e as ações coletivas das juventudes na cidade, juventudes e fenômeno religioso.

O objetivo do Observatório é pesquisar temáticas relacionadas às juventudes, oferecendo subsídios e materiais de estudos para educadores(as) e gestores(as) de políticas públicas na garantia dos direitos humanos. Sua criação é uma iniciativa da Rede Marista RS/DF/Amazônia, que delegou a sua coordenação ao Centro de Pastoral e Solidariedade da PUCRS. Atualmente, são parceiras do Observatório: a Faculdade de Serviço Social, a Faculdade de Educação e a Coordenação de Pastoral da Rede Marista. Para a realização desta pesquisa também contamos com o apoio da Faculdade de Matemática da PUCRS na organização da parte estatística dos dados.

Conhecer o segmento juventudes a partir do olhar do estudante da PUCRS vai ao encontro do compromisso da PUCRS e das Mantenedoras (União Brasileira de Educação e Assistência – UBEA; Sociedade Meridional de Educação

– SOME; União Sul Brasileira de Educação e Ensino – USBEE) com uma formação diferenciada, voltada ao atendimento das demandas e necessidades da comunidade. Crenças, valores, modo de pensar, expectativas e necessidades compõem o cenário da pesquisa, que perpassa a dimensão quantitativa, mas incorpora o universo dos significados das experiências desses jovens estudantes para que estes possam sentir-se reconhecidos e protagonistas neste processo de investigação.

Na sociedade contemporânea, observa-se que, muitas vezes, a dimensão humana das(os) jovens torna-se invisibilizada, dando lugar à lógica do mercado, o que significa uma valorização da mercadoria e do capital e uma desvalorização do humano. O ser social perde em protagonismo e autonomia em favor de sua instrumentalização por uma lógica de mercado na qual passa a ser visto como produto.

Com isso, a luta pelo reconhecimento dos Direitos Humanos torna-se pulverizada e fragmentada, uma vez que o sistema capitalista tem como objetivo ampliar o lucro, e não contribuir para melhor distribuição da riqueza socialmente produzida. Sendo assim, a cultura dos indivíduos é alterada, voltada para o consumo, fazendo com que processos sociais competitivos prevaleçam na socialização de sujeitos individualistas e contribuam para a alienação diante das expressões da Questão Social. Devido a isso, torna-se fundamental pensar ações pedagógicas e estratégias emancipatórias que venham contribuir de modo significativo no reconhecimento dos Direitos Humanos para todos os segmentos sociais, em especial para as juventudes.

Quanto à metodologia do estudo, optou-se por utilizar os dois tipos de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa pelas características das questões norteadoras do estudo. A principal metodologia a ser utilizada, inicialmente pode ser caracterizada como quantitativa já que é reconhecida pela sua importância em trabalhos de grande espectro, especialmente quando se trata de levantamentos de dados gerais e estatísticos, caso específico de parte dessa pesquisa. Portanto, a primeira etapa da pesquisa consistiu na realização de um estudo quantitativo descritivo. A pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados, assumindo em geral, a forma de um levantamento.

Foi feito um levantamento dos estudantes da PUCRS, a partir do banco de dados da Central de Registro do Aluno da Pró-Reitoria de Graduação. Posteriormente, foram realizados contatos com a direção de todas as Unidades acadêmicas para verificar o interesse em participar da pesquisa, sendo aceito por todas as Unidades acadêmicas da universidade. As visitas às unidades acadêmicas participantes para apresentar a proposta da pesquisa foi realizada pelo coordenador do Centro de Pastoral e Solidariedade e pelas professoras pesquisadoras das Unidades acadêmicas envolvidas. Um questionário online autoaplicável com 35 perguntas foi disponibilizado, pelo período de um mês, na Central do Aluno

da PUCRS para ser respondido somente por alunos na faixa etária dos 16 aos 29 anos, contendo dados como idade, etnia, gênero, estado civil, renda, ocupação, composição familiar, escola que estudou, participação em grupos de convivência, prática esportiva, *hobbies* e hábitos culturais, hábitos de leitura e escrita, religião, lazer, entre outros aspectos.

A pesquisa foi divulgada nas redes sociais da PUCRS e esse questionário online ficou disponível para ser respondido no período de outubro a novembro de 2012, sendo que 4.998 estudantes aderiram à pesquisa. Os dados foram posteriormente disponibilizados pela Gerência de Tecnologia da Informação e Telecomunicação (GTIT) e tabulados em planilha Excel. Após, foram submetidos à análise estatística descritiva simples no programa SPSS, *Statistical Package for Social Sciences*.

Esse estudo foi complementado com uma etapa qualitativa, com a utilização de grupos focais que permitiram o aprofundamento das questões norteadoras. Conforme Minayo (2007), a pesquisa qualitativa deve ter como principal preocupação, a lógica que permeia a prática que se dá na realidade, correspondendo a um processo mais profundo de relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a variáveis quantificáveis.

Nessa etapa, foram realizados grupos focais sobre diferentes temas que serão abordados nos capítulos desse livro. Os temas de discussão foram: trabalho; cultura e cotidiano; projetos de vida; novas tecnologias; violência, ética e moral; espiritualidade e relações de gênero e sexualidade. Além dos temas específicos de cada grupo, também foi realizada a seguinte questão comum a todos eles: “o que é ser jovem?”

O grupo focal tem como finalidade obter dados a partir de reuniões com um grupo de pessoas que representam o objeto de estudo, buscando enfatizar a compreensão do fenômeno estudado do ponto de vista do grupo, consistindo na interação entre os participantes e o pesquisador, objetivando colher dados a partir da discussão focada em tópicos diretivos e focais, por isso chamada de grupo focal (BAUER; GASKELL, 2003).

Compreende num processo de constituição das percepções, atitudes e representação social de um grupo de pessoas, em um ambiente onde há uma troca de experiências, para estabelecer uma interação entre os participantes.

No grupo focal, o entrevistador, muitas vezes chamado de moderador, é o catalisador da interação social (comunicação) entre os participantes. O objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade [...] os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo em vez de se fundamentarem na perspectiva individual [...] (BAUER; GASKELL, 2003, p. 75).

O grupo focal não trabalha com amostras probabilísticas, mas com o intuito de estudar como se formam e se diferem as percepções, opiniões acerca de um fato ou serviço. Conta com sujeitos que apresentam afinidade com o foco de estudo, sendo um grupo formado de 6 a 10 participantes, não parentes, com duração de uma hora e meia, sendo de um a oito encontros, conforme o pesquisador julgar necessário. Foram realizados 7 grupos focais, com 6 a 14 alunos em cada, totalizando 60 alunos, de ambos os sexos, com o objetivo de aprofundar certos temas a partir da análise da resposta do instrumento quantitativo no período de agosto a setembro de 2013.

Com o término do trabalho de campo e de posse do material obtido durante a realização dos grupos focais e aplicação dos instrumentos, fizemos a organização dos dados e sua representação e descrições em tabelas para posterior interpretação e análise de conteúdo. A partir dos pressupostos básicos de pesquisa, temos a clareza de que não se pode admitir visões isoladas, estas devem ser relacionadas com o contexto social. Nossa sistematização teve por objetivo estabelecer diferentes olhares diante de um mesmo fato social norteados por uma intencionalidade. Frente à riqueza das informações e para buscar articulação entre os fatos e as falas, fizemos uso da proposta metodológica da análise de conteúdo que é definida por Bardin (1977, p. 42) como

Um conjunto de técnicas de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

A análise de conteúdo é uma técnica de investigação pela qual se sistematiza a partir do processo de categorização, o conteúdo obtido na coleta de dados. A mesma autora refere que a análise de conteúdo tem um rigor que é marcado pelo aspecto da comunicação a partir de diferentes formas, e o tratamento descritivo desse processo constitui um dos primeiros procedimentos.

A análise de conteúdo sendo um método de análise é definida por Bardin (1977), como uma proposta que tem um procedimento que pode privilegiar o processo de análise passando da mera descrição para a interpretação de conteúdo. Fazem parte desse processo várias etapas que constituíram o “*corpus*”<sup>1</sup> entre as quais estão presente a exaustividade, a representatividade, a homogeneidade e a pertinência. E a fase da interpretação inferencial, uma das mais importantes desse processo, é constituída pela análise, explicação dos conteúdos realizados a partir da mediação entre o conteúdo descrito e a teoria que orienta o objeto de estudo (PRATES, 2005).

1 “Corpus é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”.



A análise de conteúdo se desenvolve em três fases que são pré-análise<sup>2</sup>, nesta, faz-se a leitura flutuante<sup>3</sup>, exploração do material<sup>4</sup> e tratamento dos dados<sup>5</sup>, inferência e interpretação (BARDIN, 1977). A análise de conteúdo deve ultrapassar o senso comum na interpretação, neste sentido, o pesquisador deve ser vigilante consigo mesmo e com o processo.

As análises dos grupos focais foram aprofundadas no Fórum Interno do Observatório Juventudes, realizado no primeiro semestre de 2014, que envolvia toda a equipe da pesquisa, integrando estudantes de graduação e pós-graduação, num ambiente interdisciplinar. Os(as) bolsistas de iniciação científica que participaram da pesquisa provinham de diferentes Unidades acadêmicas como o Serviço Social, Comunicação Social, Psicologia, Arquitetura e Educação, contribuindo para o olhar ampliado do fenômeno juventudes e suas manifestações.

O projeto foi aprovado pela comissão Científica da Faculdade de Serviço Social e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS sob o protocolo nº 99.950. O compromisso ético da pesquisa é o retorno desses dados à comunidade científica e à comunidade em geral.

Compartilhamos também que as juventudes universitárias, constituem-se em um segmento que vem demarcando espaços e territórios nos quais as formas peculiares de relacionar-se, vestir-se, falar em grupo, entre outras, encontram-se em constante modificação. Sob esse prisma, semelhante a outros segmentos da população, as juventudes em seus agrupamentos diferencia-se, a partir de ideários, estéticas e consumos culturais que estariam em estreita relação com o nível socioeconômico, o grau de escolaridade, a raça, a etnia, o gênero, entre outros marcadores identitários. Portanto, consideramos as juventudes, em sua diversidade, no plural, em sua heterogeneidade. Atualmente, o Estatuto da Juventude, Lei 12.852/13, define jovem como todo o indivíduo que se encontra na faixa etária entre 15 e 29 anos. A ampliação dos 24 para os 29 anos não é uma singularidade da política brasileira. Configura-se, na verdade, em tendência nos países que procuram instituir políticas públicas para as juventudes, tendo como argumentos uma maior expectativa de vida para a população em geral, e maior dificuldade desta geração em ganhar autonomia, em função das mudanças do mundo do trabalho (AQUINO, 2009). Em nosso estudo, consideramos a faixa etária, a partir dos 16 anos, em função do período em que ingressam no ensino superior.

---

2 “Tem por objetivo sistematizar as ideais iniciais de forma a conduzir em operações sucessivas em um plano de análise”.

3 “leitura flutuante é a primeira atividade e consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações”.

4 “consiste na codificação e enumeração do material, onde os resultados brutos dos dados são tratados de maneira a buscar significados válidos”.

5 “Adiantamento de interpretações a partir dos objetivos propostos e outras descobertas que possam ser inesperadas” (BARDIN, 1977).

O presente livro está constituído por uma introdução e oito capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “*O que é ‘ser jovem’? Reflexões sobre o conceito de juventudes na perspectiva de jovens universitários(as)*”, de autoria de Giovane Antonio Scherer, Maurício Perondi e Karen Theline Cardoso dos Santos da Silva, tem por objetivo debater o conceito de juventudes, bem como, apresentar a percepção dos(as) jovens universitários(as) a respeito “*do que é ser jovem*”.

O segundo capítulo, intitulado “*Culturas e cotidiano de jovens estudantes da PUCRS: Um desafio à Universidade*”, de autoria de Miriam Pires Corrêa de Lacerda e Josiane Machado Godinho, toma em análise os registros do cotidiano e das culturas juvenis trazidos por universitários e universitárias, com idades entre 16 e 29 anos, como uma possibilidade de conhecimento dos(as) acadêmicos(as) que transitam por essa instituição. As pesquisadoras apontam que a criação dos espaços de escuta oportunizada pelos grupos focais permitiu aos participantes trazerem seus posicionamentos a respeito de si, do outro, do mundo enfim, de forma que os diferentes percursos de vida trilhados pudessem ser compartilhados com outros(as) jovens que, embora habitem um mesmo espaço institucional, têm histórias e trajetórias distintas.

O terceiro capítulo, intitulado “*Trabalho: um demarcador geracional para os(as) jovens universitários(as)*”, de autoria de Fernanda Aschidamini, Gabriela Dutra Cristiano e Maurício Perondi, enfoca o trabalho como eixo fundamental da sociabilidade humana e como uma categoria ontológica. O capítulo traz elementos que buscam a compreensão do significado do trabalho para os(as) estudantes e as implicações das transformações no mundo do trabalho no cotidiano e na ideologia dos(as) universitários(as) da PUCRS. Para finalizar a discussão, abordam a relação entre trabalho e formação profissional.

O quarto capítulo, intitulado “*Juventudes e as novas tecnologias*”, de Miriam Pires Corrêa de Lacerda e Silvia Gama, aborda o uso das novas tecnologias e o seu impacto nas interações juvenis através das quais se criam novos espaços de socialidade. As pesquisadoras se interrogam a respeito da experiência dos(as) jovens com as mídias digitais e como tais experiências interferem nas suas vidas.

O quinto capítulo, intitulado “*As Juventudes e as múltiplas manifestações das violências: uma reflexão ética na contemporaneidade*”, de Giovane Antonio Scherer, Patricia Krieger Grossi e Beatriz Gershenson Aguinisky, apresenta o debate sobre juventudes, violência e ética, a fim de desvendar as percepções das juventudes sobre tais temáticas. Apresenta-se a análise das falas das juventudes a respeito da violência, bem como, suas formas de manifestação e naturalização por meio de diversos processos sociais, buscando realizar uma mediação com o conceito de ética e sua importância como forma de enfrentamento à cultura da violência potencializada no contexto atual.

O sexto capítulo, intitulado “*Sexualidade e gênero em pauta: diálogos com as juventudes*”, de autoria de Patrícia Krieger Grossi, Andréia Mendes dos Santos,

João Paulo Ottolia Niederauer e Gisele Ribeiro Seimetz, enfoca na compreensão das relações de gênero e sexualidade na sociedade. Apresenta a análise da discussão sobre papéis de gênero socialmente construídos, relações entre sexualidade e amor, ficar e namorar, virgindade, entre outros temas.

O sétimo capítulo, intitulado “*Juventudes: religião e espiritualidade*”, de Maurício Perondi, José Jair Ribeiro e Francine E. S. Pereira, analisa como os(as) jovens universitários(as) se relacionam com a religião, como vivenciam sua espiritualidade, se frequentam alguma religião, se na prática religiosa predomina o caráter individual ou comunitário/coletivo e como percebem a relação da religião com a ciência, economia, meio ambiente, política e questões sociais, entre outros aspectos.

O oitavo capítulo intitulado “*A certeza e a (in)certeza: trajetórias juvenis e projetos de vida em um contexto de transformações societárias*”, de Giovane Antonio Scherer e Patricia Krieger Grossi, apresenta o debate a respeito dos projetos de vida de jovens universitários(as) da PUCRS, como se veem no futuro, o que pretendem alcançar e o que gostariam que fosse diferente na sociedade. As narrativas dos(as) participantes da pesquisa são analisadas frente aos impactos provocados pelas mudanças estruturais ocorridas no último século, resultando na corrosão das estruturas sólidas no que se refere, especialmente, ao mundo do trabalho, impactando na catalisação de (in)certezas. No âmbito da sociabilidade capitalista, as relações de produção são acirradas, modificando as trajetórias dos(as) jovens sujeitos de diversas formas.

Ao longo dos capítulos são apresentados gráficos e quadros para maior conhecimento do que os(as) jovens da PUCRS pensam acerca de diversas temáticas.

Por fim, nas *Considerações Finais* apresentamos as conclusões e recomendações que possam servir de subsídios aos gestores(as), professores(as) no seu cotidiano profissional frente a essa realidade vivenciada pela juventude universitária, em sua diversidade. Apresentamos também um Apêndice, com a tabulação dos dados do questionário online, através de gráficos, quadros e tabelas para maior conhecimento do que os(as) jovens da PUCRS pensam acerca de diversas temáticas, que devido ao escopo do livro, não foi possível explorar, permanecendo para futuras análises.

Nesse livro, as leitoras e os leitores irão perceber que o texto utiliza uma linguagem não sexista, isto implica uma opção metodológica e política e não apenas uma questão gramatical, pois pretendemos oferecer uma linguagem que apresente equitativamente as mulheres e os homens para dar visibilidade às experiências das jovens e dos jovens desse estudo. Para tal, utilizamos como referência o “Manual para o uso não sexista da linguagem”, que afirma que a linguagem é um dos agentes socializadores de gênero e a omissão de um gênero possui um valor simbólico, pois “o que não se nomeia não existe” (RIO GRANDE DO SUL, 2014, p. 26).

Portanto, pensar as juventudes de hoje, em suas múltiplas determinações e expressões obriga a todos a pensar e a falar no “plural” e falar em uma linguagem

que incorpore a perspectiva de gênero e não reproduza desigualdades. Desejamos uma boa leitura a todos e todas e que as narrativas dos(as) jovens possam iluminar nossos caminhos para um diálogo mais sintonizado às necessidades desse segmento populacional.

### **Referências**

AQUINO, L. Introdução. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M.; ANDRADE, C. C. **Juventude e Política Social no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Imagem, Texto e Som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Lei 12.852/13, 5 de agosto de 2013.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PRATES, J. C. O método e o potencial interventivo e político da pesquisa social. Recife, **Revista Temporalis**, n. 9. UFPE(a)BEPSS, 2005.

RIO GRANDE DO SUL. **Manual para o Uso da Linguagem não Sexista: o que bem se diz bem se entende**. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria de Política para as Mulheres, 2014.

# Capítulo 1

## O QUE É “SER JOVEM”? REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE JUVENTUDES NA PERSPECTIVA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

*Giovane Antonio Scherer<sup>1</sup>*

*Maurício Perondi<sup>2</sup>*

*Karen Theline Cardoso dos Santos da Silva<sup>3</sup>*

### 1. Introdução

Compreender o fenômeno das juventudes: eis um importante desafio para os tempos atuais. O debate sobre juventudes vem sendo fomentado ao longo das últimas décadas, tanto no âmbito da sociedade civil, como nas esferas governamentais, na perspectiva da ampliação de políticas públicas. Porém, em alguns contextos, a base conceitual desse segmento social ainda se mostra difusa, não dando clareza para toda a complexidade que envolve essa temática.

Este capítulo busca debater o conceito de juventudes, bem como apresentar a percepção dos(as) jovens universitários a respeito “*do que é ser jovem*”. Tal reflexão vai ao encontro de um dos objetivos principais deste estudo que consistiu na investigação do perfil dos jovens universitários da PUCRS, tendo em vista a diversidade que caracteriza as juventudes contemporâneas. Assim, no primeiro momento, foram elaboradas questões específicas para a fase quantitativa onde se buscou conhecer quem são os(as) jovens universitários. Já no segundo momento, nos grupos focais se procurou compreender “o que é ser jovem” a partir da percepção dos próprios sujeitos jovens.

A opção de tomar como ponto de partida as percepções dos próprios universitários está relacionada com uma determinada visão da juventude que ultrapassa a concepção de que são apenas sujeitos passivos, que estão em transição para a vida adulta. De acordo com Urteaga (2011) existem duas formas principais de como os(as) jovens são concebidos socialmente. A primeira delas é a construção sociocultural do que é o juvenil, que é realizado prioritariamente pelas instituições (família, universidade, mundo do trabalho, etc.) e pelo mundo adulto de maneira geral. Nesta compreensão as juventudes estão situadas numa perspectiva de futuro, para o qual devem ser preparados(as), mas que acaba por invisibilizá-los(as) no presente. A segunda forma é a construção juvenil da cultura, que corresponde aos territórios e espaços juvenis e às produções culturais e de significados que são produzidos pelos(as) próprios(as) jovens, nos interstícios das instituições.

---

1   Doutorando em Serviço Social e Professor na Faculdade de Serviço Social da PUCRS. Integrante do Observatório Juventudes.

2   Doutor em Educação pela UFRGS. Coordenador do Observatório Juventudes PUCRS.

3   Graduada em Pedagogia pela PUCRS. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

Nesta investigação adotamos esta segunda forma de compreensão dos(as) jovens por entender que ela prioriza uma posição de sujeito em que aqueles que participam têm a oportunidade de expressão e, deste modo, se torna possível uma aproximação mais evidente das realidades juvenis.

Na primeira parte deste capítulo será realizada uma discussão conceitual sobre juventudes, relacionando com o que os próprios sujeitos expressaram a respeito do tema. Para tal, em todos os grupos focais foi utilizado como disparador inicial a questão “O que é ser jovem para você?”, através da qual foi possível identificar as concepções que atravessam seus olhares sobre si mesmos.

Na segunda parte serão aprofundados os dados relativos aos perfis dos(as) estudantes da PUCRS, relacionando-os com outras pesquisas sobre os perfis da juventude brasileira.

## 2. Ser jovem: uma perspectiva plural

Pensar as juventudes no contexto contemporâneo mostra-se como um grande desafio, uma vez que o olhar para este segmento social traz consigo definições sobre o que têm mudado ao longo do tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais (NOVAES, 2006). Atualmente o Estatuto da Juventude, define “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”<sup>4</sup> (BRASIL, 2013). Porém, é necessário compreender que, apesar da importância da definição etária, as juventudes não podem ser reduzidas a simples visão numérica. Segundo Cordeiro (2009), ser jovem, muito além de uma experiência geracional, diz respeito a viver múltiplos pertencimentos; é estar permanentemente em trânsito nessas experiências, sendo atravessado e construído pelas condições concretas de vida.

Buscando uma visão mais heterogênea da juventude brasileira, apresenta-se em uma das falas dos(as) participantes, a questão das juventudes e não uma só juventude. “Por se ter uma dificuldade de se conceituar o que é juventude que a literatura sociológica brasileira vem empregando a expressão *juventudes*” (VELOSO; BARBOSA, 2012). Esse conceito de “juventudes” (DAYRELL, 2003; NOVAES; VANNUCHI, 2004; ABRAMO; BRANCO, 2005; CASTRO; ABRAMOVAY, 2009) é usado porque existe uma realidade plural e multifacetada ao se tratar de jovens, visto que carregam consigo infinitas “faces” como grupos étnicos distintos, cor da pele, classe social, cotidianos, projetos de vida e futuro, culturas, costumes, que os definem como diversos(as) e diferentes.

Ao falar sobre o significado de “ser jovem” um(a) dos(as) universitários(as) assim se expressou:

Olha, concordo com um pouco de tudo, só que eu acho também que a gente sempre pensa, por um lado, pelo jovem e pelo outro jovem. Nós

4 Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, artigo 1º, inciso 1.

somos esse tipo de jovem, dentro da nossa classe social, vamos dizer assim, e tem muitos jovens que não tem essa oportunidade de ter esperança, de ter escolhas. Então eu acho que, juventude tem que ser pensado tanto dessa forma, que é o que a gente tá dizendo aqui, mas também pelo outro lado, por isso juventudes e não juventude (GF3; S3)<sup>5</sup>.

Neste sentido, compreender “o que é ser jovem” nos demanda a olhar para uma série de elementos que nos remetem a uma heterogeneidade de elementos que apontam para a pluralidade presente neste segmento social. Se outrora a discussão sobre o conceito juventudes no plural era utilizada prioritariamente pelos(as) pesquisadores(as), agora, percebe-se também no léxico dos(as) próprios(as) jovens.

A fala a seguir remete a concepção dos(as) jovens para o contexto de pluralidade vivenciado por este segmento social.

Então, também concordo que a gente tem que ampliar essa cultura, ampliar essa concepção de juventude para juventudes. A gente tem a nossa realidade dentro dessa juventude, [mas] dentro da universidade são várias realidades né, várias juventudes. Então ser jovem é um pouco do que cada um trouxe, é ter esperança, é espírito de mudança, é espírito ou é uma transição da adolescência pra adulto, pra vida adulta (GF5; S3).

A fala do(a) jovem remete à concepção da necessidade de superação da ideia homogênea de juventude, uma vez que, segundo Velho (2006) colocar a juventude no plural expressa a posição de que é necessário qualificá-la, percebendo como uma categoria complexa heterogênea, na busca de evitar simplificações e esquematismos. Dayrell (2003) refere que construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica considerá-la como parte de um processo que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social, onde se nega a compreensão simplista da juventude como uma etapa com um fim predeterminado, assim como, um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

Ao mesmo tempo em que os(as) jovens pesquisados remetem um contexto de heterogeneidade ao olhar para a construção social das juventudes, apontam este momento da vida como um período de busca identitária, de construção de significados, conforme ilustra a fala que segue.

E pra mim, jovem é aquela fase que tu tá tentando buscar a tua própria identidade. Antes a gente falava muito que jovem e juventude era aquela transição entre infância, adulto e tu não sabia muito bem. Acho que juventude é mais ou menos isso. É aquela fase que a gente tá ten-

---

<sup>5</sup> Para melhor entendimento dos registros esclarecemos que o S seguido de um algarismo que aparece logo após o parêntese, indica o número que cada um dos(as) universitários(as) recebeu ao chegar, tendo em vista favorecer a fidedignidade no apontamento das falas de cada um(a) dos(as) participantes de cada um dos grupos focais, enquanto que as letras GF identificam qual era o grupo em que participaram.

tando buscar a nossa própria identidade em outras coisas, em outras pessoas, em nós mesmos... Pra mim juventude é muito confuso (risos). É uma parte muito confusa. Pelo menos a minha juventude tá sendo assim. A gente tá sempre tentando buscar algo, alguma coisa pra se firmar. Então pra mim se resume em buscar a sua própria identidade (GF4; S5).

O relato aponta para uma busca pessoal de construção da própria identidade, colocada pelo(a) jovem com um dos principais desafios de sua juventude. Certamente a construção identitária perdura por toda a vida, contudo, toma contornos importantes para os(as) jovens, visto que eles precisam assumir de forma autônoma a responsabilidade por este processo, conforme destaca Melucci:

No seu aspecto dinâmico, a identidade apresenta-se como um processo de individuação e de crescimento da autonomia. Vemos hoje nossa identidade como um produto de uma ação consciente e resultado da autorreflexão, mais do que como um dado ou uma herança. Somos nós que construímos nossa consistência e reconhecemo-nos dentro dos limites impostos pelo ambiente e pelas relações sociais (2004, p. 47).

Para o autor, a identidade é construída pelo sujeito, através de um processo autorreflexivo, mas também pelo contexto em que está inserido. Neste sentido são múltiplas variáveis que tem implicações para os(as) jovens e, possivelmente, por isso, lhes causa “confusão”, conforme referiu um(a) dos(as) universitários(as).

Ampliando a discussão, os(as) jovens ao analisarem os elementos que constituem o “ser jovem” apontam que esta situação pode causar uma super-responsabilização das juventudes, especialmente no contexto do mundo moderno, onde existem diversas exigências para este segmento social:

Há muita expectativa em cima da faixa etária dita como jovem, né? Então tem essa expectativa bem grande, que tu tem que saber fazer muita coisa, tu tens que ser bom profissional, tem que tá maduro, tu tem que ter uma boa opinião, argumentação pra tudo. E às vezes eu acho que é muita expectativa e a gente não tá maduro o suficiente pra tanta expectativa (GF4; S4).

As expectativas referidas na fala deste(a) jovem, dizem respeito a uma concepção, ainda muito presente no contexto atual, que designa a juventude como o período necessário de transição para a vida adulta, o que implica em tomadas de decisões e acesso ao mundo do trabalho. Porém, especialmente devido às transformações societárias das últimas décadas no que se refere aos processos de reestruturação produtiva<sup>6</sup> o que acarreta em um quadro de precarização das condi-

6 Este processo é desenvolvido pela mudança no padrão de produção, sendo que o cronômetro e a produção em série e de massa são substituídos pela flexibilização da produção, pela especialização flexível, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado (ANTUNES, 2009).



ções de trabalho e desemprego estrutural, onde as juventudes veem sofrendo sérios impactos. Desta forma, o debate sobre juventude e trabalho mostra-se de fundamental importância em um contexto onde as juventudes vivenciam os impactos de processos de reestruturação produtiva, conforme será aprofundado no capítulo 3.

Diante dos diversos debates a respeito do “que é ser jovem” realizados nos grupos focais, percebe-se nas falas dos jovens percepções ambíguas e contraditórias existentes na percepção da sociedade para com as juventudes, que ora as culpabilizam, ora colocam como únicas responsáveis pelo futuro.

Eu acho que a juventude sempre vai ser a culpada. Tanto de coisas boas quanto de coisas ruins. Porque como ela falou assim: o jovem tem essa coisa, essa sede de ter a força, de se sentir forte. Tu não vai culpar os idosos do aumento da violência, é óbvio que vai ser os jovens. Porque é a faixa etária que tá nessa fase de mudança, tá nessa fase de ter sede. Eu acredito que, por exemplo, no tempo de juventude dos meus pais, era a juventude deles que tava em alta. Era a juventude deles que tava fazendo protesto, tava fazendo manifestação. Sei lá e vai que tenha saído uma pesquisa dessas também. Foi a juventude dos meus pais também culpada pela violência também. Então eu acho que a juventude sempre vai ser o auge de tudo. Porque é nessa fase é que as pessoas sabem que o jovem tá buscando... [...] É o jovem que essa sede de fazer as coisas e é o jovem que vai fazer. Então é o jovem que vai ser sempre culpado (GF4; S6).

Neste sentido, conforme afirma Lacerda (2010), emerge no contexto atual uma nova condição juvenil tida como assustadora, e que vem sendo descrita em um significativo número de discursos, como constituída por seres irresponsáveis, imaturos, inconsequentes sem limites, violentos, desinformados. Isto é, no âmbito da sociedade contemporânea, firmou-se uma vinculação, quase direta, entre a temática juvenil e as questões de “desordem social”, impondo a identificação dos jovens como o grupo que necessitava ser controlado e tutelado (AQUINO, 2009). Scherer (2013) corrobora esta ideia ao afirmar que na atualidade, constrói-se uma visão social das juventudes como um “perigo para a sociedade”, reforçando a visão das juventudes como um “problema” que precisa ser tratado, sendo que essa concepção está associada às juventudes enquanto sujeitos que questionam as estruturas sociais por meio de seus comportamentos, tidos como “rebeldes”, vistos a partir de um paradigma adultocêntrico<sup>7</sup>, que está fortemente presente nas visões sobre as juventudes.

### **3. Universitários(as) da PUCRS: diversidades e diferenças geracionais**

Além de conhecer como vem se constituindo a concepção “do que é ser jovem” através da própria visão dos(as) universitários(as), na pesquisa, também se

<sup>7</sup> Paradigma adultocêntrico, segundo Costa (2006), é a concepção conservadora e repressora que secundariza as juventudes, não observando as suas necessidades e potencialidades em um contexto mais amplo. Constitui-se por ser uma visão vertical no que tange às juventudes.

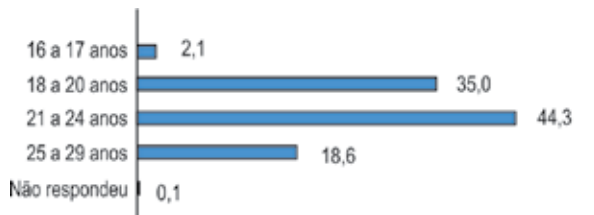
buscou conhecer as principais características do heterogêneo grupo que compõe as juventudes da universidade.

Dos respondentes ao instrumento online, 2.816 eram mulheres (56,3%) e 2.175 homens (43,5%). Tal dado pode ser comparado com os números divulgados pela Secretaria Nacional de Juventude, por meio da Pesquisa Agenda Brasil de 2013 (SNJ, 2013), em que a distribuição entre jovens do sexo masculino e jovens do sexo feminino quase se equivalem, pois a representatividade é de 49,6% e 50,4%, respectivamente.

Apesar de as proporções se aproximarem, na pesquisa com universitários(as) da PUCRS, o índice feminino foi um pouco superior. Se considerarmos o contexto histórico geracional, em que as mulheres tiveram menor incentivo e acesso à educação formal, percebe-se que estamos presenciando uma mudança neste panorama, reparando uma situação de exclusão da presença feminina.

Dos(as) respondentes, 81,4% encontram-se na faixa etária entre 16 a 24 anos, sendo que os que têm idades entre 21 e 24 anos (44,3%) são predominantes, conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 1: Distribuição etária dos(as) jovens universitários(as) (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Na comparação com a média nacional, segundo dados da Pesquisa Agenda Jovem Brasil (SNJ, 2013), a maioria da juventude brasileira também se concentra na faixa etária dos 18 aos 24 anos, correspondendo a 47%. Cabe ainda ressaltar que o Estatuto da Juventude, aprovado em 2013, prevê que a juventude vai até os 29 anos e que nesta pesquisa, o percentual de universitários que tem entre 25 e 29 anos correspondeu a 18,6%. Tal dado demonstra que um segmento expressivo de universitários(as) não tem uma vida acadêmica linear e processual que se estende logo após o término do Ensino Médio, pois se assim fosse, concluiriam seus cursos antes dos 25 anos.

Conforme aponta a Quadro 1, a pesquisa revelou que a maioria dos(as) estudantes vive em Porto Alegre, 3.047 (61%) e que somando quem reside na Grande Porto Alegre, essa percentagem aumenta para 70,6% respondentes. Já 1.122 estudantes são provenientes de outras cidades do Rio Grande do Sul (22,4%) e 309

estudantes (6,2%) são de outros estados do Brasil. Em menor número, encontramos 36 estudantes do exterior que participaram da pesquisa (0,7%). Os intercâmbios da PUCRS com instituições de ensino internacionais e convênios como o PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação) contribuem para o aumento do número de estudantes estrangeiros na PUCRS, um segmento que vem crescendo.

Quadro 1: Procedência dos(as) jovens universitários(as)

<b>Naturalidade:</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Frequência</b>
Porto Alegre	61,0	3047
Grande Porto Alegre	9,5	475
Outras cidades do Estado	22,4	1122
Outros estados do Brasil	6,2	309
Exterior	0,7	36
Não respondeu	0,2	9

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Dentre 4.998 respondentes do questionário, 90,4% (4.518) se declaram brancos(as), 3,1% negros(as), 5,4% pardos(as) e 0,1% indígenas, conforme o Quadro 2.

Quadro 2: Etnia dos(as) jovens universitários(as)

<b>Qual a tua etnia:</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Frequência</b>
Negra	3,1	157
Parda	5,4	269
Indígena	0,1	7
Branca	90,4	4518
Outra	0,8	39
Não respondeu	0,2	8

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Esses dados vão ao encontro do perfil dos(as) jovens universitários(as) no Brasil. Os(as) jovens pertencentes às minorias étnico-raciais têm maiores dificuldades de acesso às Universidades, pois, entre outros motivos, abandonam a escola precocemente para se inserir no mundo de trabalho. Têm menores oportunidades para realizar cursinhos preparatórios para o vestibular e maior vulnerabilidade socioeconômica. Políticas de ação afirmativa através de 50% de cotas para alunos(as) negros(as) provenientes de escolas públicas e de programas como o PROUNI (Programa Universidade para Todos) estão contribuindo para aumentar o acesso deste segmento no ensino superior a fim de diminuir as desigualda-

des étnico-raciais vigentes em nossa sociedade. Tal dado demonstra que o perfil dos(as) universitários(as) da PUCRS apresenta uma heterogeneidade em diversos aspectos, mas que ainda carece de diversidade quanto à dimensão étnica.

A pesquisa investigou também de quais redes de ensino os(as) estudantes são oriundos, sendo a maior parte da rede particular, mas cerca de 36,9% adentra a Universidade pela rede pública, de acordo com o Quadro 3. Um fator que contribui para este dado é o PROUNI, que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e/ou parciais a estudantes de cursos de graduação, em instituições privadas de educação superior. A PUCRS fornece estas bolsas de estudo desde 2005, quando do início do programa e, no ano de 2013, contou com 5.526 estudantes beneficiados(as) (PUCRS, 2013).

Quadro 3: Natureza da escola dos(as) universitários(as) na Educação Básica

<b>Estudaste:</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Frequência</b>
Só em escola pública	36,9	1843
Só em escola particular	40,7	2035
Em escola pública e particular – sendo que a maior parte em rede pública	11,7	584
Em escola pública e particular – sendo que a maior parte em rede particular	10,5	523
Não respondeu	0,3	13

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Seguindo a reflexão sobre o ingresso dos(as) universitários(as) outro dado pesquisado foi se os(as) estudantes cursaram a Educação de Jovens e Adultos antes de ingressarem na Universidade, sendo que dentre 4.498 respondentes 94,3% não frequentaram esta modalidade de ensino. Ainda que seja um número baixo, 4,8% no Ensino Médio e 0,4% no Ensino Fundamental, a presença de tal índice aponta para a multivariada trajetória escolar dos(as) jovens, demonstrando o quanto ainda é necessário o investimento e a qualificação da Educação Básica.

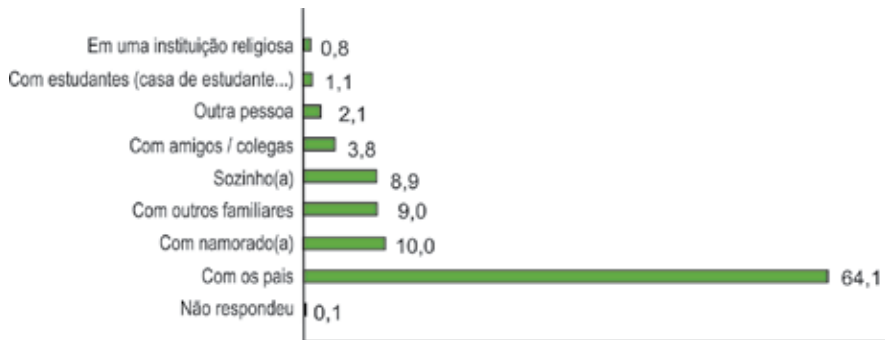
Quadro 4: Universitários(as) que cursaram modalidade EJA

<b>Cursaste Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Frequência</b>
Não	94,3	4712
Sim, no Ensino Fundamental	0,4	19
Sim, no Ensino Médio	4,8	238
Sim, em ambos	0,3	13
Não respondeu	0,3	16

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Outro dado investigado foi o local de moradia dos(as) universitários(as), conforme se visualiza no Gráfico 2.

Gráfico 2: Local de moradia dos(as) jovens universitários(as) (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

A pesquisa revelou que a maioria dos(as) respondentes (64,1%) reside com os pais, confirmando que a ampliação da etapa da juventude não se dá apenas na questão etária, mas em outras como é o caso da moradia, que historicamente, sempre foi um dos fatores levados em conta a respeito da transição para a vida adulta. Tal situação também pode ser reflexo das dificuldades de independência financeira, visto que a inserção produtiva torna-se sempre mais difícil ou precarizada, sobretudo para os(as) jovens, conforme será aprofundado no capítulo 3, que aborda a temática do trabalho. Este é um dado que reflete uma mudança significativa com relação a gerações anteriores em que a juventude saía de casa para constituir uma vida independente da família muito mais cedo que atualmente. Esta mudança tem sido tão expressiva ao ponto de os(as) jovens que demoram para sair de casa serem chamados(as) de “geração canguru” (COBO; SABÓIA, 2010).

Outros 10% dos(as) jovens residem com namorado(a), marido, mulher, companheiro(a), seguido daqueles que residem com outros familiares (9%) e sozinhos(as) (8,9%). Somente 3,8% residem com amigos(as) e/ou colegas, provavelmente, os(as) jovens que vêm do interior, constituindo-se como uma estratégia muito utilizada para dividir as despesas. Em menor número, 57 jovens referiram residir em moradia estudantil (casa de estudante). A PUCRS não dispõe de moradia estudantil, muito embora, esta seja uma das constantes reivindicações do movimento estudantil.

Gráfico 3: Situação de relacionamento dos(as) jovens universitários(as) (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Em relação ao estado civil, o Gráfico 3 aponta que 4.391 jovens (87,9%) se declaram solteiros(as), seguidos de união estável (7,5%). O índice de jovens casados é de 3,5% somente. Esse dado reflete as pesquisas nacionais de juventude (SNJ, 2013; Perfil da Juventude Brasileira / ABRAMO; BRANCO, 2005) que demonstram que o jovem está casando mais tarde. Este é outro aspecto que apresenta uma mudança geracional expressiva com relação aos(as) jovens de outros momentos históricos. Em menor número, somente com 38 respondentes (0,8%) do total da amostra, aparecem os(as) jovens que estão em união homoafetiva. Muitos desses(as) jovens vêm assumindo o status de união estável conforme revelou o Censo 2010 (IBGE, 2012) em pesquisas realizadas em âmbito nacional. Esses(as) jovens, contudo, ainda sofrem as discriminações decorrentes de uma sociedade regida pela heteronormatividade, sendo que aqueles(as) que possuem uma orientação sexual diversa são alvos preferenciais do *bullying*. Segundo Louro (2009), todos(as) aqueles(as) que não se encaixam no padrão social dominante são denominados “outros”, portanto a heteronormatividade define-se por uma norma compulsória à heterossexualidade e está apoiada na ligação entre sexo, gênero e expressão da sexualidade.

Em relação ao número de filhos(as), 4.809 jovens responderam que não possuem filhos(as), o que equivale a 96,2% da amostra. Nos grupos focais, constituir família está nos projetos de vida dos(as) jovens em 10 anos, mas o trabalho e os estudos aparecem em primeiro plano. Dados, tais como o do Censo 2010, apontam que os(as) jovens estão tendo filhos cada vez mais tarde e em menor número, se comparados com a juventude de décadas passadas. Esta realidade se reflete na juventude universitária, não somente na postergação da maternidade/paternidade, quanto na decisão de não ter filhos(as).

Na pesquisa também foi interrogado acerca das principais fontes de apoio nos momentos de dificuldade (Quadro 5). A respeito da questão, 3.180 jo-

vens referiram que se sentem apoiados(as) pelos(as) amigos(as), o que equivale a 63,6% da amostra. Este índice é maior do que aquele relativo ao do(a) cônjuge, namorado(a) ou companheiro(a), que corresponde a 42,8%. Entretanto, a maior fonte de apoio é a família, sendo citada por 4.085 jovens, que é equivalente a 81,7%. Uma das menores fontes de apoio buscada é o(a) líder religioso(a), apontado somente por 227 jovens (4,5%). Apesar dos(as) estudantes passarem grande parte do seu tempo no ambiente acadêmico, somente 161 jovens (3,2%) referem ao(a) professor(as) como uma pessoa que lhe apoia em momentos de dificuldade. Outros 242 jovens (4,8%) também referem se sentirem apoiados(as) por outro(a) profissional em situações de dificuldade. Este profissional pode ser um(a) psicólogo(a), psiquiatra, fonoaudiólogo(a), entre outras profissões da área da saúde ou da educação. No caso da PUCRS, há a oferta de atendimento psicossocial gratuito a alunos(as) e professores(as) que experienciam alguma dificuldade de ordem emocional ou cognitiva, tendo o acompanhamento feito por uma equipe multiprofissional formada por assistente social, psicólogos(as), psiquiatra e psicopedagogo(a). A demanda pelos serviços no Centro de Atendimento Psicossocial (CAP<sup>8</sup>) tem aumentado a cada ano e constitui-se em uma alternativa para o(a) aluno(a) que não dispõe de recursos financeiros ou desconhece onde acessar serviços especializados na rede de saúde.

Quadro 5: Fontes de apoio nos momentos de dificuldade

Nos momentos de dificuldades me apoiam:	Sim		Não	
	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência
Amigos	63,6	3180	36,4	1818
Cônjuge, companheiro(a), namorado(a)	42,8	2140	57,2	2858
Líder religioso	4,5	227	95,5	4771
Membro familiar	81,7	4085	18,3	913
Professor(a)	3,2	161	96,8	4837
Outro profissional	4,8	242	95,2	4756

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Em relação aos aspectos que contribuem para o amadurecimento (Quadro 6) dos(as) jovens universitários(as), 3.533 respondentes referiram que a família contribui para o amadurecimento pessoal, o que equivale a 70,8 % da amostra. Se levarmos em consideração a opinião de quem concorda parcialmente com esta

8 O Centro de Atenção Psicossocial – CAP visa auxiliar na minimização de dificuldades que possam interferir no processo ensino-aprendizagem que exige do aluno maturidade, atitudes e habilidades para além da construção do conhecimento teórico. O CAP é um espaço de escuta para alunos e professores, sem ônus financeiro, onde são feitos aconselhamentos e encaminhamentos, quando necessários. (Fonte: <http://www.pucrs.br/prac/cap/apresent.php>).

afirmação, o índice sobe para 92,7%. Este dado revela a importância da família para o(a) jovem, visto que tanto nos momentos de dificuldades como na contribuição para o amadurecimento ela é apontada como a principal alternativa.

Quadro 6: Espaços que contribuem para o amadurecimento

Grau de concordância com as frases:	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Não respondeu
Minha família contribui para o meu amadurecimento	0,8	1,8	4,6	21,9	70,8	0,1
O trabalho contribui para o meu amadurecimento	0,7	0,9	4,8	23,2	70,3	0,2
Minhas amigas contribuem para o meu amadurecimento	1,0	2,3	12,4	40,3	43,9	0,3
Minha religião contribui para o meu amadurecimento	23,9	10,3	27,2	16,9	21,1	0,6
Minha universidade contribui para o meu amadurecimento	1,2	2,8	11,2	35,6	48,8	0,4

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Juntamente com a família, outro aspecto central na vida dos(as) jovens, o qual acreditam contribuir para o amadurecimento dos(as) mesmos(as), é o trabalho. 4.673 jovens concordam com esta assertiva, o que corresponde a 93,5% dos(as) respondentes. Apesar dos estudos apontarem que a juventude compõe um dos segmentos mais vulneráveis ao desemprego e ao trabalho precariado, informal, de baixa remuneração, ainda possuem uma visão positiva do trabalho. Tal aspecto será aprofundado no capítulo 3.

#### 4. Considerações Finais

A realização da pesquisa permitiu perceber o perfil dos(as) jovens universitários(as) da PUCRS, conhecendo suas principais características e também compreendendo suas percepções sobre o que é ser jovem no mundo atual. A investigação evidenciou que temos na universidade perfis de jovens muito diferentes dos(as) universitários(as) que se tinha há uma ou duas décadas. Concordando com a literatura sobre o tema os(as) próprios(as) estudantes destacam a diversidade que os(as) caracteriza, enfatizando que na universidade existem diversas juventudes que precisam ser reconhecidas e valorizadas.



Esta diversidade é mais visível no pensamento sobre o que é ser jovem hoje e na comparação geracional de outros períodos históricos em aspectos como: o status de relacionamento (demoram mais para casar), na sua forma de moradia (moram mais tempo com os pais), na questão de gênero (mais mulheres no Ensino Superior), na paternidade/maternidade (demoram mais para ter filhos(as)), nem todos(as) tem trajetória linear na Educação Básica ou mesmo no Ensino Superior, (alguns cursam EJA, outros(as) demoram mais para concluir a formação acadêmica).

A pluralidade é menos visível na dimensão étnica, visto que mais de 90% dos universitários(as) são brancos(as), diferentemente dos percentuais étnicos que temos na sociedade. Outra dimensão que não é tão diversa, que inclusive poderia ser apontada como uma continuidade histórica é a importância da família, seja para o apoio nos momentos difíceis ou para a contribuição com o amadurecimento pessoal.

Dentre os temas abordados pelos(as) participantes, a dimensão do trabalho surge como algo determinante para a suas trajetórias, sendo que o mesmo poderia ser considerado como um demarcador geracional, dada a importância que é atribuída ao mesmo.

Os(as) jovens ainda destacam este período como sendo um momento de realizar opções importantes, de construir a sua identidade e de encontrar o seu lugar num mundo em constantes e aceleradas mudanças. Apesar de contarem com diversos apoios, muitas vezes sentem o peso das decisões e das responsabilidades que lhes são colocadas.

Através desta pesquisa não se pretendeu configurar um perfil definitivo dos(as) jovens universitários(as), outrossim, compreender traços destes estudantes que permitisse conhecê-los(as) melhor e a partir disso fornecer elementos para uma melhor atuação pedagógica, institucional e social junto a eles(as).

Os achados do estudo remetem a um desafio de continuidade e de aprofundamento do que significa ser jovem no contexto atual e através deste alargar o entendimento acerca das relações que a instituição precisa estabelecer com as juventudes.

## **Referências**

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.

AQUINO, L. Introdução. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M.; ANDRADE, C. C. **Juventude e Política Social no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Quebrando mitos: juventude, participação e políti-**

cas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

COBO, B.; SABÓIA, A. L. A “geração canguru” no Brasil. Caxambú/MG: **Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais** – ABEP, 2010.

CORDEIRO, D. **Juventudes nas Sombras**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2009.

COSTA, A. C. G. da. **Por uma política nacional de execução das medidas socioeducativas: conceitos e princípios norteadores**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

DAYRELL, J. O Jovem como Sujeito Social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set. / out. / nov. / dez., 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**: nupcialidade, fecundidade e migração. Brasília, 2012. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/nupcialidade\\_fecundidade\\_migracao/nupcialidade\\_fecundidade\\_migracao\\_tab\\_pdf.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/nupcialidade_fecundidade_migracao/nupcialidade_fecundidade_migracao_tab_pdf.shtm)

LACERDA, M. “Diabolização” das Juventudes: mídia, subjetividade e educação In: **IX Congresso Internacional de Salud Mental y Derechos Humanos**, 2010, disponível em: [http://jornalnasaladeaula.com.br/\\_common/dados\(a\)rquivosbiblio/miriam\\_lacerda.pdf](http://jornalnasaladeaula.com.br/_common/dados(a)rquivosbiblio/miriam_lacerda.pdf)> Acesso em novembro de 2013.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009. v. 32.

MELUCCI, A. **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

NOVAES, R. Os Jovens de Hoje: contexto, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

PUCRS – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RS. **Relatório de desenvolvimento social 2013**. Porto Alegre, 2013.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE (SNJ). **Pesquisa Agenda Juventude Brasil 2013**. Pesquisa Nacional sobre perfil e opinião dos jovens Brasileiros 2013. Brasília, 2013.

SCHERER, G. **Serviço Social e Arte**: juventudes e direitos humanos em cena. São Paulo: Ed. Cortez, 2013.

URTEAGA, M. **La construcción juvenil de la realidad**: jóvenes mexicanos contemporáneos. México D.F.: Casa Abierta al Tiempo; Juan Pablos Editor, 2011.

VELHO, G. Juventudes, projetos e Trajetórias na Sociedade Contemporânea. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

VELOSO, L.; BARBOSA, L. Notas sobre o conceito de juventude e geração. In: BARBOSA, L. (Org.). **Juventude e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 17-27.

## Capítulo 2

### OS DESAFIOS DA UNIVERSIDADE DIANTE DA PLURALIDADE JUVENIL <sup>1</sup>

*Miriam Pires Corrêa de Lacerda<sup>2</sup>*

*Josiane Machado Godinho<sup>3</sup>*

#### **A título de iniciação...**

Este texto toma em análise os registros do cotidiano e das culturas juvenis trazidos por universitários e universitárias, com idades entre 16 e 29 anos, como uma possibilidade de conhecimento dos(as) acadêmicos(as) que transitam por essa instituição. Acreditamos que a criação dos espaços de escuta oportunizada pelos grupos focais permitiu aos participantes trazerem seus posicionamentos a respeito de si, do outro, do mundo enfim, de forma que os diferentes percursos de vida trilhados por nossos(as) interlocutores(as) pudessem ser compartilhados com outros jovens que, embora habitem um mesmo espaço institucional, têm histórias e trajetórias distintas.

Nesse sentido, o texto se vale de alguns dados referentes às características sociodemográficas de todos(as) participantes do estudo e de registros colhidos durante a realização do grupo focal Culturas e Cotidiano do qual participaram 11 estudantes, sete do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idades entre 19 e 24 anos.

#### **Quem são os jovens estudantes que ouvimos?**

A partir da tabulação dos dados do questionário sociodemográfico foi possível constatar que 56,4% dos participantes do estudo foram mulheres (2814) e 43,6% homens (2175). Esses dados corroboram os divulgados pela ANDIFES (2011) em estudo realizado, nacionalmente, nas Universidades Federais que também apontam para a maioria de mulheres universitárias (53,5%), sendo que na região Sul, temos um percentual de 50,53% do sexo feminino e 49,47% do sexo masculino.

Com relação à idade a maioria dos(as) estudantes de nossa Universidade situa-se na faixa entre dezoito e vinte e quatro anos totalizando 79% dos(as) participantes desta investigação. Quando comparados aos dados da pesquisa da ANDIFES (2011) para a região Sul constata-se pequena diferença, pois a porcentagem de alunos e alunas matriculados nas Universidades Federais na mesma faixa etária é de 70,88%.

<sup>1</sup> Este texto, com pequenas alterações, foi apresentado na X ANPed-SUL, em Florianópolis, outubro de 2014.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES/PROSUP.

Considerando a etnia, 90,6% dos(as) participantes deste estudo declararam-se brancos, 3,1% negros, 5,4% pardos e 1% indígena. Esses dados apontam para uma maior dificuldade de jovens que pertencem a minorias étnico-raciais ingressarem na Universidade, visto terem, em muitos casos, que abandonar seus estudos precocemente, para trabalhar. A adoção de políticas de ações afirmativas vem aumentando gradativamente o acesso deste segmento ao Ensino Superior. Nesse aspecto, o estudo que estamos realizando é relevante, pois irá orientar a adoção de medidas concretas que permitam a permanência de todos(as) os(as) estudantes até a conclusão do curso.

Com relação à Educação Básica, temos em nossa Instituição 40,7% de alunos(as) egressos somente da Escola Particular, 36,9% somente da Escola Pública e, os demais, egressos(as) de uma trajetória entre Escolas Públicas e Particulares com prevalência para a Escola Pública (11,7%). Alinhada a estes achados outro se revela: temos um percentual de 5,5% dos(as) alunos(as) respondentes egressos das classes de Educação de Jovens e Adultos. Tais achados são importantes quando se definem estratégias de trabalho em sala de aula. Vale assinalar que a Instituição possui recursos tanto no âmbito pedagógico quanto no âmbito sócio emocional para atender os(as) estudantes. No entanto, aliado ao esclarecimento dos alunos e alunas para que possam, espontaneamente, buscar tais recursos, é importante que os professores e professoras, que mais diretamente acompanham os processos de aprendizagem dos(as) jovens estudantes estejam sensibilizados para perceber as dificuldades que surgem ao longo do processo e proceder aos necessários encaminhamentos, quando for o caso.

Um aspecto interessante que investigamos, diz respeito aos hábitos de leitura de nossos(as) jovens estudantes. Sob este aspecto, em que pese 29,5% declarar sua preferência pelos livros, quando perguntados sobre hábitos de leitura é baixo o número de exemplares que costumam ler durante um ano (excetuando-se as leituras obrigatórias). O quadro abaixo é representativo do que afirmamos.

Quadro 1: Sem contar as leituras obrigatórias, quantos livros lê por ano

<b>Sem contar as leituras obrigatórias, quantos livros lê por ano:</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Frequência</b>
Nenhum	11,1	554
Um a três	47,8	2387
Quatro a seis	19,4	970
Seis a dez	11,2	550
Mais de dez	9,8	489
Não respondeu	0,8	38

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Associando-se tal achado aos dados coletados quando perguntamos a respeito da principal fonte de informação, evidencia-se que estamos vivendo um tempo no qual a maior fonte de informação para os(as) jovens é a internet. Cada dia mais se democratiza o acesso à informação em tempo real e que pode ser acessada por qualquer aparelho móvel. O gráfico abaixo complementa tal achado ao mostrar a diferença entre a primeira e a segunda opção:

Gráfico 1: Assinala tua principal fonte de informações/notícias (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Em relação às pessoas consideradas como fontes de apoio em momentos de dificuldades 3.180 jovens referiram que se sentem apoiados pelos amigos(as), o que equivale a 63,6% da amostra. Os dados mostram que se sentem mais apoiados pelos amigos(as) do que pelo(a) cônjuge, namorado(a) ou companheiro(a) (42,8%). A maior fonte de apoio, entretanto, é a família, sendo que 4.085 jovens sentem-se apoiados(as) por ela, o que representa 81,7%. Apesar da grande maioria dos(as) jovens passarem um tempo significativo de seu dia na Universidade, somente 161 jovens (3,2%) referem os professores e professoras como pessoas que os apoiam em momentos de dificuldade. 242 jovens (4,8%) referem se sentir apoiados(as) por profissionais da área da saúde ou da educação em situações de dificuldade, o que corrobora a importância dos serviços de Apoio ao Estudante no âmbito da própria Universidade.

Também foi solicitado aos(as) jovens que assinalassem o grau de concordância com determinadas frases cujo proposto era investigar as instâncias que contribuem para o seu amadurecimento. Neste quesito, 93,0% da amostra concorda que a família contribui para seu amadurecimento. Os(as) jovens consideram o trabalho uma dimensão importante em suas vidas sendo que, neste aspecto, 93,5% dos respondentes manifestaram sua concordância com o valor do trabalho para o amadurecimento pessoal. Os amigos e amigas também são referidos por 84% dos(as) jovens pesquisados como importantes para o amadu-

recimento. Em relação à Universidade, 84,4% concorda que ela contribua para o amadurecimento dos(as) jovens.

Esses dados, entre outros coletados pelo estudo, reforçam a ideia de que está havendo uma sensível mudança de perfil dos(as) jovens que estão chegando à Universidade. Nesse contexto, a juventude é uma categoria que traz consigo as marcas dos processos sociais, políticos, econômicos, relacionais e culturais de seu tempo, sendo, portanto, à semelhança da infância, uma construção social. O enfoque, de natureza sociocultural, considera o fenômeno da juventude demarcando espaços e territórios e, sob esse prisma, semelhante a outros segmentos da população, a juventude em seus agrupamentos ou tribos diferencia-se, a partir de ideários, estéticas e consumos culturais que estariam em estreita relação com o nível socioeconômico, o grau de escolaridade, a raça, a etnia, o gênero, entre outros marcadores identitários.

Não podemos generalizar a todos(as) os(as) estudantes universitários(as), os resultados desta investigação, visto ter ficado restrita a uma Instituição específica, cujos(as) jovens apresentam traços em comum, mas também singularidades que demarcam espaços, trajetórias, ideais e experiências vividas de formas distintas. Reconhecer esta diversidade implica que os professores e gestores busquem novas estratégias para alcançar os resultados desejados. É chegado um novo tempo que está a exigir a necessária reflexão a respeito de projetos pedagógicos que precisam contemplar as demandas trazidas pelos(as) jovens que chegam à Universidade. Instrumentalizar as necessárias mudanças é um dos desafios que este estudo se propôs responder.

### **Culturas Juvenis**

Como explicitado acima, o enfoque que adotamos para essa investigação, de natureza sociocultural, considera o fenômeno da juventude demarcando espaços e territórios nos quais as formas peculiares de relacionar-se, vestir-se, falar em grupo, colocar-se frente à vida, enfim, reafirmam as distintas possibilidades de ser jovem e de viver a juventude. A verbalização mostra o quanto os(as) jovens têm clareza disto:

[...] cada um vivencia o momento de uma maneira diferente com pessoas diferentes em lugares diferentes, em momentos diferentes, então não tem como tu determinar que vai ser dessa maneira que tu vai ser jovem. Cada um constrói a sua juventude na verdade de uma maneira singular, não tem como, como eu comparar a minha juventude, a juventude dela, dela, que eu vivenciei da minha maneira e ela vai vivenciar da maneira dela onde ela está inserida.... Por mais que a gente faça o mesmo curso, por mais que a gente more na mesma cidade, são situações completamente distintas, não tem como comparar (GF2; S8).

Diferente do que algumas apreciações pretendem nos fazer crer, os(as) jovens pesquisados(as) não constituem uma classe ou grupo social homogêneo e sempre que se procura unificar os sentidos e os deslocamentos das juventudes empobrecemos a riqueza de um fenômeno complexo. Para Pais (2004) é importante estarmos alertas a um discurso que cria ‘uma’ juventude, pois “os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não refletem a realidade, embora ajudem a criá-la” (Idem, 2004, p. 11).

Seguindo essa linha de raciocínio, uma questão interessante para ser pensada, diz respeito ao entendimento da juventude como período de transição entre a infância e a idade adulta e como tal, considerada tempo de passagem e de preparo para algo que virá. É interessante notar que, muito embora este enfoque tenha sido predominante, segundo Abad (2003) até meados do século XX, esta visão do(a) jovem como sujeito em preparação e, portanto como receptor de formação, é o eixo que ainda predomina não só nas ações decorrentes das políticas públicas voltadas para eles(as), mas ainda está presente na percepção que alguns (algumas) jovens têm a respeito de si. O depoimento a seguir é exemplar para isso:

[...] é a gente ta num período de transição pra vida adulta, então a gente tem que qualificar, tem que estudar, tem que trabalhar, pra quando tu chegar na vida adulta, tu constitui tua família, ou o que tu quiser na sua vida adulta (GF2; S2).

O hábito de ver e de pensar o(a) jovem como alguém que, em compasso de espera, se prepara para enfrentar o mundo adulto, passa a chocar-se com o sujeito que se entrega e desfruta a vida e que, nas pegadas que vai deixando ao longo do caminho, escancara que as verdades construídas sobre essa etapa, que abarcam a um só tempo uma enormidade de significados, remetem lamentável e paradoxalmente, a uma mesma descrição.

Esse olhar hegemônico da sociedade contemporânea com frequência ignora o fato de que estamos testemunhando mudanças nos modelos e processos de entrada na vida adulta uma vez que os processos de transição são hoje, mais complexos. Tais transformações tornaram inadequados os padrões lineares que articulavam “a saída de casa, a entrada no mercado de trabalho e a união, formação do casal, especialmente para a classe trabalhadora” (CORDEIRO, 2009, p. 46). Hoje a sequência pode ser outra, uma vez que as experiências vividas pelos(as) jovens e as suas expectativas com relação ao futuro tornaram-se bem menos previsíveis.

É eu acho que pode ter relação sim, com tudo isso que já foi dito, mas a gente também pode pensar, que nem todos os jovens têm acesso a todas as coisas que nós temos. Jovem é o que é compreendido... é aquele que está inserido entre uma faixa etária e outra, num período. E essa questão

assim de ser jovem, que perpassa essa faixa etária, como a gente já falou anteriormente, é uma coisa assim, que é algo construído, uma visão que veio da sociedade, do senso comum de que precisa ser assim... (GF2; S4).

A tendência à simplificação de um modelo de juventude gerada por uma visão unilateral a qual vê o(a) jovem como sujeito em tempo de passagem torna-os(as) subjugados(as) a essa maneira de ser jovem, que é a “única maneira” – a “melhor maneira”. Em contrapartida, jovens que por ventura transgridam tal modelo e, logo, criem outras identidades e maneiras de ser jovem, desestabilizam esse pensamento hegemônico fazendo com que a sociedade, as instituições e as políticas públicas tenham que (re)pensar(-se). Por isso, “parece mais adequado, portanto, compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir, nos diferentes tempos e espaços sociais” (CARRANO, 2003 p. 110).

Embora os dados estatísticos desta pesquisa nos apontem que a etnia de 90,4% dos questionados(as) é branca; que 64,1% ainda moram com os pais; 87,9% são solteiros(as) e 96,2% não têm filhos(as), não podemos ignorar e silenciar a aqueles(as) estudantes que não apresentam as mesmas características. Falar que em nossa Universidade transitam diferentes juventudes significa reconhecer que há diversas realidades presentes em nossa Instituição mesmo que, quantitativamente – e somente neste aspecto – tenham menor representatividade. A escuta aos(as) estudantes mostra-nos isto:

A nossa realidade é tu entras na faculdade, tu arrumar um emprego, tu ter uma carreira, só que a gente vai ver é como tu tinhas dito antes, nem todo mundo tem essa realidade [...] não é todo mundo que vive essa realidade então nem todos os jovens seguem esse padrão, esse padrão que é imposto (GF2; S3).

Ao afirmar que nem todos(as) os(as) estudantes universitários(as) vivem “essa realidade” – a realidade de estudar, formar-se e só então trabalhar na área escolhida – esse(a) jovem materializa alguns dos(as) jovens pesquisados(as) que, além de universitários(as), são também trabalhadores. E, antecipando o que, para muitos(as) outros(as), aconteceria somente após a conclusão do curso, 49% dos(as) jovens conciliam a faculdade com uma jornada de 6h a 10h por dia de trabalho.

Este é um destaque bastante significativo na medida em que inverte uma lógica anteriormente pensada: de um(a) *estudante que trabalha*, temos hoje uma parcela muito significativa de *trabalhadores que estudam* em nossa Instituição. Tal mudança implica um repensar das práticas cotidianas de sala de aula.

O estabelecimento de imagens sociais sobre a juventude conduz a construção de uma visão seletiva e negativa do jovem e da criança, especial-



mente pobres, pelo afastamento em relação aos padrões preestabelecidos na era moderna (CORDEIRO, 2009, p. 47).

Vivemos em uma sociedade tão ávida de justiça quanto impregnada de desigualdades e algumas delas continuam agravando-se: desigualdades sociais diante da educação, da justiça, do trabalho, da saúde, do consumo, da participação nas decisões; desigualdades persistentes entre os sexos, entre as classes sociais, entre as nacionalidades e as nações.

[...] justamente por isso por tu não ter, por muitos jovens não terem acesso a isso que todos deveriam ter e deveriam [...] que tem o uso de drogas, que a gente perde mais pro tráfico de drogas, então eu acho que também entra essa questão, dentro do tema juventude (GF2; S6).

O reconhecimento dos(as) jovens como sujeitos a terem direitos, para muitos deles não assegurados, foi um tema que suscitou discussão no grupo. Para eles(as) é nítido que a juventude não é vivida do mesmo modo por todos(as) variando, quer de sociedade para sociedade, dentro de uma mesma comunidade ou até mesmo dentro de uma família.

[...] a gente também pode pensar que nem todos os jovens têm acesso a todas as coisas que nós temos, e nem todos conseguem, nem todos têm acesso a tantos bens, a tantas coisas que um jovem deveria ter supostamente (GF2; S4).

Por conseguinte, podemos afirmar a existência de juventudes uma vez que, segundo nos disseram “cada um encara (a juventude) de uma maneira diferente, [...]” (GF2; S3), apesar de que a sociedade olha para os(as) jovens “como se fosse uma fórmula, um único jeito de, e não vê a diversidade que a palavra juventudes traria” (GF2; S5).

Para Margulis e Urresti (2008), em que pese o fato de idade e sexo serem considerados como classificatórios para dizer quem está incluído(as) na categoria juventude, hoje tais marcadores mostram-se crescentemente ambíguos, para dar conta da diversidade do fenômeno. Referem os mesmos autores que é preciso considerar variáveis tais como a classe social, o gênero, o marco institucional, entre outras, que articuladas, desenham as múltiplas formas de viver a juventude. Essa constatação teórica aparece no discurso dos(das) jovens estudantes participantes de nosso estudo quando referem:

Cada grupo, cada indivíduo vai vivenciar determinada situação e de acordo com aquilo que vivencia vai determinar aquilo que é importante pra si [...], porque, por exemplo, nós nos dividimos em grupo, nós jovens, nós adultos, nós velhos, enfim, nós nos dividimos por grupos de afinidade então, por exemplo, eu faço parte de um grupo que, por

exemplo, gosta sei lá de rock de pop rock, de funk, pagode, enfim, que seja então dentro daquele grupo a gente vai numa construção coletiva, por mais que inconsciente se torna uma construção coletiva, a gente vai determinar aquilo que vai ao encontro do nosso grupo, aquilo que a gente gosta, a gente vai construir em cima daquilo uma maneira de vivenciar determinados momentos (GF2; S8).

Sem dúvida, estamos confrontados a estabelecer rupturas com as representações hegemônicas de juventude e tentando dissolver a ideia de uma “cultura juvenil unitária”. Buscando as origens do conceito cultura juvenil é possível, na esteira de Abramo (1994), associá-la às manifestações ocorridas na década de 60 que mobilizaram milhares de jovens em lutas por mudanças sociais, políticas e culturais em diferentes lugares. Em Paris, podemos falar de Maio de 68, no Brasil, na luta dos(as) jovens contra as ações da ditadura militar.

Em 2013, os(as) jovens universitários(as) associam a cultura juvenil à possibilidade de transformação da sociedade, tais como o fizeram outros(as) que os precederam. Assim:

[...] a cultura jovem por causa dessa experimentação ela causa uma reciclagem na sociedade como um todo, tem sempre uma tendência nova, alguma coisa nova, uma que o jovem experimenta mais, então eu acho que também isso é uma característica da cultura jovem de ser o disseminador pela sociedade como um todo, é o público que mais está sedento por novidade, mais curioso, mais contemporâneo, mais a fim, com mais energia [...] (GF2; S4).

Para Pais (2003), entende-se por cultura juvenil um sistema de valores atribuídos à juventude, aos quais jovens de diferentes meios e condições sociais aderem, se diferenciando de acordo com histórias de vida e a classe social. Como referido anteriormente, assim como outros segmentos da população, a juventude em seus agrupamentos diferencia-se a partir de ideários, estéticas e consumos culturais que estariam em estreita relação com o nível socioeconômico, o grau de escolaridade, a raça, a etnia, o gênero, entre outros marcadores identitários, mas também guardariam entre si algumas semelhanças. Essa constatação quanto à diversidade de formas de viver a juventude é muito clara quando apontam que

[...] a juventude é assim, e eu concordo contigo, acho que a gente tem que relativizar, pluralizar a ideia de juventude, juventudes porque cada um tem um ideal segue um estilo, mas ao mesmo tempo em que a gente tem que considerar a relativização e a pluralidade a gente tem que aceitar certas coisas, por que que tem o jovem por que que tem a juventude, coisas em comum entre a gente que nos coloca na juventude, tudo bem que isso não vai fechar pra juventude de cada um, mas ao mesmo tempo que a gente tem que respeitar a multiplicidade, a gente tem que ter em mente que conceitos dessa forma são importantes, eu acho que

o conceito de juventude é importante ao mesmo tempo que o conceito individual também, uma coisa não é excludente da outra (GF2; S4).

Por outro lado, ao mesmo tempo em que reconhecem as múltiplas possibilidades de viver a juventude, também se referem “às coisas em comum entre a gente”. Essa constatação remete aos “*signos endogeracionais*” que, para Pais (2003, p. 157) validariam a possibilidade de olhar os(as) jovens como um todo, ou seja,

[...] legitimaria que ela também possa ser olhada numa perspectiva de horizontalidade, tornando questionáveis algumas análises [...] que insistem em olhar as juventudes apenas, e só apenas, numa perspectiva de verticalidade, de divisões segmentadas de cultura, de relações diferenciadas de poder e de classe (PAIS, 2003, p. 157).

### **O cotidiano dos(as) Jovens estudantes da Universidade**

Para muitas pessoas, o que se passa no cotidiano – tecido a partir de tempos e espaços que se repetem – é apenas a rotina, o que se passa todos os dias e que, em nada muda. No entanto, se pensamos o cotidiano como o espaço em que tudo passa, sem que nada pareça passar, teremos a oportunidade de, seguindo seus rastros, seus traços “juntando como quem junta pequenas peças de sentido, num sentido mais amplo”, (PAIS, 2002, p. 30), compreender a complexidade da trama social na qual os(as) jovens transitam na contemporaneidade.

[...], o jovem busca experimentar, o jovem quer testar amigos novos, quer testar conhecimentos novos, quer buscar conhecimentos, amizades, músicas,... o jovem ta muito aberto acho que cada vez mais o jovem ta cada vez mais aberto à experimentação seja com conhecimento, arte, seja o que for, então eu acho que isso é uma característica muito da cultura jovem de experimentar e de buscar, buscar uma identidade pessoal, buscar nos outros, buscar se identificar nos outros, buscar se identificar em alguma coisa que gosta, sei lá, criar possíveis alicerces através da experimentação, para construir alicerces pra vida adulta ou pra vida futura, ou seja, bem relativo, mas é uma cultura de experimentação (GF2; S4).

Investigar os significados que jovens atribuem ao seu dia a dia e como esse dia a dia está articulado ao que estabelecem como prioridade em suas vidas, é um elemento importante para conhecê-los(as). Dimensões cotidianas envolvendo trabalho, estágios, aulas, encontros com a família, amigos(as), sinalizam não apenas para as formas de gerir o tempo e organizar-se, quer seja do ponto de vista espacial ou temporal, mas nos fornecem interessantes indicadores a respeito do que valorizam, do que priorizam.

A polifonia das vozes que tivemos o privilégio de ouvir, nesta investigação, nos permitiu interrogar as diversas modalidades através das quais se passa o cotidiano de jovens que estudam nesta Universidade. Como estímulo para o início das coloca-

ções, utilizamos os seguintes questionamentos: Como é o teu dia típico? O que consideras mais importante em teu cotidiano? O que mais gostas de fazer no tempo livre?

Um de nossos jovens interlocutores(as) refere que um dia típico comporta:

A minha rotina é tranquila, eu na parte da manhã, tenho a parte da manhã livre, eu sempre procuro, pra não perder, porque se a gente dorme, a gente perde a manhã e é importante, eu procuro sempre acordar as nove, dez horas pra fazer academia, fazer um exercício (GF2; S7).

No entanto, quando tomamos em análise a questão da distribuição do número de horas por atividade realizada em um dia típico, a partir da análise dos dados coletados no questionário, a atividade descrita como prioritária pelo participante do grupo não é privilégio de 46,1% que afirmam não ter tempo para a prática de esporte, conforme o quadro abaixo que nos apresenta um panorama do dia típico dos(as) jovens universitários(as):

Quadro 2: Distribuição do número de horas por atividade realizada em um dia típico pelos(as) jovens estudantes da PUCRS

Tempo que gasta com as atividades:	Nenhuma	Menos de 1h	1-5h	6-10h	11-15h	Mais de 15h	Não respondeu
Convivendo com os amigos(as)	337	1288	2546	572	143	101	11
Tarefas de casa	317	2195	2191	213	37	32	13
Convivendo com a família	497	1185	2218	656	195	235	12
Lazer	384	1553	2428	432	115	72	14
Trânsito / deslocamento	57	1112	3423	266	76	46	18
Estudando	91	940	2864	819	176	94	14
Navegando na internet	93	1148	2648	743	221	132	13
Namorando	1870	1272	1394	292	82	73	15
Dormindo	28	38	953	3558	152	255	14
Trabalhando	1063	70	949	2441	189	262	24
Praticando esporte	2299	1285	1292	87	12	13	10

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2012.

Ainda que a pesquisa quantitativa não aponte expressiva diversidade entre os(as) jovens estudantes, ela existe. Tímida numericamente, mostrou-se nas falas dos estudantes que, ao relatar seus cotidianos, revelavam dias típicos, ora

marcados pela falta de tempo para os estudos, para desfrutar o tempo com a família, trabalho e lazer, ora apontando estratégias para conciliar todos esses aspectos que fazem parte da vida do(a) estudante.

Por isso, o depoimento acima não pode ser considerado como unanimidade. Muitos(as) dos(as) jovens estudantes de nossa Instituição enfrentam dramas, decorrentes de sua condição social, bem mais complexos quando comparados a outros(as) jovens cuja situação socioeconômica e cultural lhes assegura uma experiência de vida universitária distinta.

As políticas que favorecem a democratização do Ensino Superior no país, como o PROUNI, vêm contribuindo para que jovens economicamente menos favorecidos(as) possam usufruir de vagas antes ocupadas somente por quem poderia pagar por elas. Essa universalização do ensino implica também no desafio de reconhecermos as diferenças para além do simples acolhimento, merecendo essa heterogeneidade, destaque na pauta universitária.

Este estudo mostra que 5,5%, que correspondem a 270 estudantes pesquisados(as), já frequentaram uma classe de Educação de Jovens e Adultos, ou seja, um dia excluídos da escola, hoje frequentam a universidade. Ampliando-se as possibilidades de entrada na universidade, fica para o(a) estudante a missão de completar os estudos. Portanto, a universidade torna-se cada vez mais popular e heterogênea, abrindo as portas para jovens com distintos cotidianos. Abarcando também os(as) que, nesse percurso, não conseguiram acessá-la como todos os(as) outros(as), tornando o acesso e a permanência nessas instituições mais urgentes de se pensar. Daí o desafio de se construir projetos institucionais e processos pedagógicos que incluam esse novo contingente de estudantes que hoje integra nossa Universidade.

Diante disso, ao falar de seu dia a dia dizem que ele comporta:

Acordar cedo, ir pro estágio obrigatório, andar de ônibus, vai lendo, estudando nessa locomoção, almoçar correndo, um almoço que tu leva de casa, vai pro outro estágio, aí, naquele período do qual saiu do outro estágio, aquele tempinho que tu tem, que sobrou, tu vai fazer os trabalhos da faculdade, depois tem aula, chega tarde em casa,... (GF2; S3).

Ao que outro componente do grupo, acrescenta:

E vou estudar um pouco de inglês que eu to fazendo também, aí eu vou dormir, tipo, umas três horas duas horas, para acordar às seis e meia. Eu também pego *bus*, vou pro primeiro estágio depois vou pra aula (GF2; S1).

Os registros acima apontam para a adoção de determinadas rotinas que se fizeram necessárias tendo em vista a concretização de um objetivo maior: o diploma universitário. Tais condutas, com pequenas variações, dadas as especificidades dos cursos, estão presentes na vida de muitos(as) jovens. Durante a semana

dormem tarde ou por ter aula à noite e ainda precisarem andar de ônibus, ou por ficarem estudando. Além disto, acordam cedo, pois têm aula ou estão nos estágios que, em alguns casos, é também fonte de renda. Quem ainda mora com a família queixa-se de conviver pouco com ela, pois dispõem de pouco tempo para o lazer ou para ficar em casa.

[...] eu sinto falta do convívio familiar, muitas vezes, [...] eu sei que às vezes eu tenho que estudar, mas eu não consigo abrir mão de uma pessoa que está a vida inteira comigo e chego de noite e ainda não dou atenção, vou direto pro computador, pro meu quarto, eu fico ali. Aí, às vezes rola a cobrança, [...] eu tenho que estudar mas também eu quero ficar com a pessoa sei lá, com meus pais, daí fico dividida (GF2; S5).

Os(as) que moram sozinhos(as) verbalizam sentir falta da família, além de queixarem-se de acrescentar as tarefas domésticas ao seu dia a dia, já tão estafante.

[Eu gostaria que] meu pai, minha mãe e minha irmã, eles viessem, morassem aqui, tu ir pra lá perde, não é perder final de semana, mas tira muito tempo, tu vais e volta, o cansaço, chega, que nem ontem [...] cheguei hoje de manhã muito cansada, a semana já começa cansada e tu ter a mordomia do pai, da mãe todo dia é muito importante, porque me tira muito tempo lavar roupa, me tira muito tempo fazer comida, me tira muito tempo arrumar a minha casa, eu acho que seria muito importante ter a minha mãe, meu pai e minha irmã aqui (GF2; S7).

Poucos(as) deles(as) têm disponibilidade de tempo para realizar atividades na academia ou dormir até mais tarde durante a semana, como referiu uma das universitárias que participou do grupo focal.

A “aparente naturalidade” com que encaram duras jornadas durante a semana não os impede de problematizá-las. Assim,

[..] muitas vezes eu tenho esse pensamento: ah, se eu morrer amanhã o que que eu fiz? A gente tem [...] realidades diferentes! Por exemplo, tem gente que o pai vai lá pagar tudo, paga faculdade, paga o ap, ..., mas tem outras realidades: és tu quem tem de pagar, tem de pagar teu almoço, é tu que tem que pagar teu lanche da tarde tu não dependes... assim... , é complicado tu não pode deixar um estágio, o estágio te paga aquilo ali, mas tu não pode fazer só um, são realidades (GF2; S3).

Reconhecendo não apenas a importância de realizar algumas negociações, do tipo, abrir mão dos sábados e domingos como tempo exclusivamente para descanso, mas o atravessamento de fatores de ordem socioeconômicos como importantes condicionantes de suas escolhas e/ou oportunidades, pois entendem que

o financeiro está atrelado a muitas possibilidades, ele (interfere) no teu leque de opções, o que tu vais ter, .... eu concordo muito contigo, com o que tu falou, às vezes, sou a favor de desconectar ... quem pode (GF2; S4).

[...] esse cotidiano, de correria, de ter que... hoje em dia as pessoas são pais muito mais velhos, tem essa juventude muito mais prolongada... Quando tu vais a busca dos teus objetivos, tipo, eu sou um exemplo, eu vim do interior sozinha, e estou aí peleando, estou tentando, tocando a vida, e quanto mais eu tento assim mais eu evoluo e mais jovem eu me sinto sabe, mais força eu tenho pra continuar (GF2; S2).

Reguillo (2012), ao ressaltar a importância dos dados socioculturais nas análises que fazemos acerca das juventudes chama atenção de que há de se ter cuidado com descrições dos(as) jovens que desconsideram o contínuo movimento da vida e acabam apresentando julgamentos descontextualizados tanto do ponto de vista espacial quanto temporal. O desabafo a seguir é representativo do quanto o jovem está consciente de que, ao mesmo tempo em que precisa dar conta de sua situação como acadêmico, eles não podem colocar-se à margem do mundo. A contemporaneidade exige aprender lidar tanto com os processos ligados à globalização da cultura, quanto os referentes à produção e circulação de localidades.

Aí, nesse período de tempo, tu tem que refletir, saber as notícias o que está acontecendo no mundo, acompanhar... Tu não pode ser uma pessoa a parte, tu estudando numa universidade, se tu não está por dentro, porque tu perde tanto tempo... (GF2; S6).

### **Para continuar a pensar...**

As escutas possibilitaram não apenas observar a diversidade de vivências do grupo, mas ainda como esses(as) jovens conferem sentido ao que vivem e como incorporam o vivido em seu presente. Isso ficou bastante evidente quando foram questionados a respeito de suas atividades nos finais de semana:

[...] final de semana eu desconecto total, eu acho que é fundamental isso, eu acho que tu tem que, tu pode não ter o currículo tão bom, tu pode ficar mais à toa, a tua saúde física, mental é superior eu acho! Então tu tens que buscar, tu vais ter que fazer sacrifícios curriculares, e, financeiros, mas eu acho que isso é fundamental, tu ter um descarrego, tu ter alguma coisa que realmente tu gostes de fazer, não tem nada a ver com o que tu estudas, não tem nada a ver com o que tu trabalhas e tu usas teu final de semana pra te dedicar aquilo (GF2; S4).

### **Ou em relação ao tempo livre**

Normalmente tempo livre... não existe um tempo livre que a gente não estude. Tudo que a gente tem livre, a gente também quer estudar, e quer,

porque realmente em função da rotina a gente acaba tendo que se dobrar em vários, e às vezes o único tempo livre que tu tens, tu tens que dar conta daquilo que ficou pra trás semana passada porque tu não conseguiste dar conta em função de ter que trabalhar (GF2; S11).

Acreditamos que a criação dos espaços de escuta oportunizada pelo grupo focal permitiu aos(as) participantes trazerem seus posicionamentos a respeito de si, do outro, do mundo enfim, de forma que os distintos percursos de vida trilhados por nossos interlocutores pudessem ser compartilhados com outros(as) jovens que, embora habitem um mesmo espaço institucional, têm histórias e trajetórias distintas.

Na atualidade, os cotidianos da juventude são potencialmente capazes de abarcar uma plasticidade que implica ser capaz de encontrar um caminho, ou [des]caminho, quando a vida impõe um corte, uma ruptura, um desvio... Vive-se, pois, um novo momento, no qual é preciso encontrar uma forma distinta de leitura de mundo, uma vez que os grandes padrões já não cabem e tampouco recobrem a multiplicidade das juventudes que se apresentam diante de nós.

E a Universidade, como se coloca diante dessa pluralidade que chega aos seus espaços de ensino? Ela vem enxergando-se como território de acolhida dessa diversidade. Vale lembrar que as políticas de democratização, que incluem financiamento e permanência dos alunos, não atuam por si só. Iniciativas de mapeamento e reconhecimento dos(as) estudantes, como esta pesquisa, que foi proposta pela própria Universidade, são ferramentas de aprendizagem e formação docente que podem contribuir para que professores e gestores identifiquem oportunidades e desafios para o trabalho educacional na Instituição a partir da perspectiva dos (as) jovens estudantes.

Para que tal objetivo seja efetivamente alcançado, entre as ações decorrentes deste estudo, temos como propósito durante o ano de 2014, concluir e enviar os Relatórios Sínteses a todas as Unidades Acadêmicas, por acreditar que tais informações poderão subsidiar a construção de estratégias pedagógicas e metodológicas que venham ao encontro das novas demandas trazidas pela pluralidade juvenil que chega ao Ensino Superior.



## **Referências**

- ABAD, M. Crítica política às políticas de juventude. In: FREITAS M. V., PAPA, F. de C. **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ANDIFES. Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Universidades Federais Brasileiras. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis** (FONAPRACE). Brasília, 2011. Disponível em <http://www.ufcg.edu.br:8080/chamadas/downloads/602372.pdf>. Capturado em 16/4/2014.
- CARRANO, P. C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CORDEIRO, D. **Juventudes nas Sombras**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2009.
- MARGULIS, M; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2008.
- OBSERVATÓRIO JUVENTUDES PUCRS. **Pesquisa Aspectos socioeconômicos, culturais e crenças dos jovens estudantes da PUCRS**. Porto Alegre: Documento Interno, 2014.
- PAIS, J. M. **Sociologia da Vida Quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2002.
- PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2003.
- PAIS, J. M. (Org.). **Tribos Urbanas e Identidades**. São Paulo: Annablume Editora, 2004.
- REGUILLO, R. **Culturas Juveniles: formas políticas del desencanto**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.



## Capítulo 3

### TRABALHO: UM DEMARCADOR GERACIONAL PARA OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS

*Fernanda Aschidamini<sup>1</sup>  
Gabriela Dutra Cristiano<sup>2</sup>;  
Maurício Perondi<sup>3</sup>*

Neste capítulo analisaremos o tema Trabalho e Juventudes, articulando os dados quantitativos e qualitativos coletados na pesquisa. Os dados qualitativos foram levantados através de um grupo focal que teve como temática o Trabalho. Porém, cabe salientar que este foi um tema recorrente nas falas dos(as) jovens, perpassando também outras temáticas e outras discussões.

De acordo com Perondi (2010) existem diferentes fatores que contribuem para a emergência deste assunto no discurso dos(as) jovens, dentre os quais se pode destacar três: a partir da modernidade, o trabalho, juntamente com a educação passam a ser os principais eixos de entrada na vida social, principalmente pelo processo de industrialização; o trabalho, juntamente com a educação e com a saúde são os aspectos que definem os parâmetros do Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ)<sup>4</sup>; a preocupação dos(as) próprios(as) jovens com a temática do trabalho<sup>5</sup>.

---

1 Graduada em Serviço Social e Bolsista de Iniciação Científica. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

2 Mestranda em Serviço Social na PUCRS. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

3 Doutor em Educação. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

4 O Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ), que é baseado no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), serve para avaliar a situação dos(as) jovens, bem como para monitorar os avanços e as prioridades que devem ser dedicadas a esta parcela da população. Os dados do IDJ do Brasil podem ser conferidos no Relatório de Desenvolvimento Juvenil, que está sob a responsabilidade da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), do Instituto Sangari e do Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT) (WASELFSZ, 2007).

5 Um exemplo desta preocupação pode ser visualizado através do Projeto Juventude, que ao se debruçar sobre as principais questões que envolvem a vida dos(as) jovens constatou que três entre cada quatro jovens atribuem ao binômio educação/emprego o significado de assunto que mais lhes interessa (O Projeto Juventude foi desenvolvido pelo Instituto da Cidadania, entre 2003 e 2004, com o objetivo de projetar o tema juventude na agenda política do país. O projeto procurou situar a questão em um patamar profundo de discussão, explorando os distintos cenários e refletindo sobre as alternativas propostas. Entre as ações do projeto está a pesquisa intitulada “Perfil da juventude brasileira”, que constituiu num amplo levantamento quantitativo de dados sobre os(as) jovens de 15 a 24 anos do país. Os dados e análises da pesquisa foram divulgados em duas obras: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005 e NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. Também é possível encontrar mais informações através do site: [www.projetojuventude.org.br](http://www.projetojuventude.org.br).

O trabalho é eixo fundamental da sociabilidade humana, é uma categoria ontológica. Ou seja, é através do trabalho que o ser humano transforma a natureza, transforma a si, atende as suas necessidades e constrói novas necessidades sociais (MARX, 2004).

Autores como Castel (1998) e Dejours (1993) afirmam que o trabalho é o eixo de pertencimento da pessoa à sociedade moderna, sendo espaço fundamental para a construção da identidade. Por “[...] meio do trabalho, o sujeito envolve-se nas relações sociais, para onde ele transfere as questões herdadas de seu passado e de sua história afetiva” (DEJOURS, 1993, s/p).

É nesse sentido que a inserção dos(as) jovens no mundo do trabalho através do emprego define um marco da produção de identidades e de reconhecimento de si. Especialmente na sociedade moderna, onde o reconhecimento e o status social é definido a partir do lugar social ocupado no mundo do trabalho, “[...] pudemos constatar que para numerosos jovens, a experiência ou in experiência do mercado de trabalho constitui um momento decisivo da sua redefinição identitária” (BAJOIT; FRANSSSEN, 1997, p. 76).

Mas é preciso situar essa discussão em seu espaço e em seu tempo histórico. Estamos falando de jovens, estudantes universitários(as) da PUCRS, em um contexto político-econômico onde a reestruturação produtiva e os novos modos de gestão da força de trabalho já afeta o modo de vida e as representações destas juventudes. Então, de que trabalho estamos falando?

Para sistematizar a análise dos dados, dividimos esse capítulo em três eixos de discussão. No primeiro, buscaremos compreender de que trabalho os(as) jovens estão falando, o que consideram trabalho e como representam o seu significado. Após, analisaremos as implicações das transformações no mundo do trabalho no cotidiano e na ideologia dos(as) universitários(as) da PUCRS. Para finalizar a discussão, abordaremos a relação entre trabalho e formação profissional, tema que emergiu no debate realizado no grupo focal.

### **O que é trabalho? Representações sociais e modos de vida**

Os(as) jovens que participaram dessa pesquisa atribuem diferentes significados e representam de diferentes formas o que é trabalho. As representações sociais são “aquí abordadas como constitutivas do próprio ser social, de seu modo de pensar e interpretar a realidade cotidiana” (YAZBEK, 2009, p. 87). Ou seja, as representações sociais são construídas na relação da pessoa com a sociedade, a partir do lugar que esta ocupa no tecido das relações sociais, do contexto histórico, político e econômico onde se situa.

Conceitualmente, [...] “o trabalho é criação, é motor de civilização e fonte de realização das potencialidades da natureza social do homem que ao criar o trabalho é recriado e modificado pela atividade que deu vida” (GRANEMANN, 2009, p. 227). Este sentido sobre o que é trabalho foi bastante presente na fala dos(as) jovens que participaram do grupo focal:

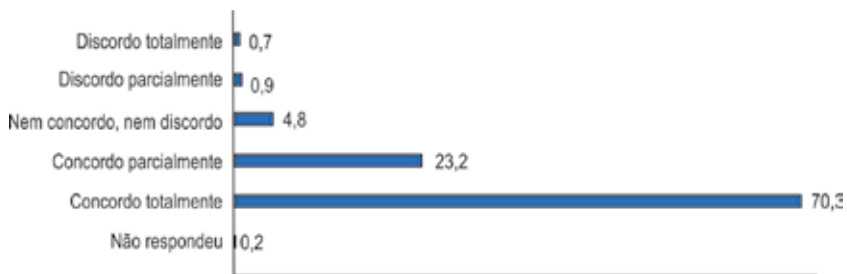
[...] porque trabalho é evolução humana, a gente trabalha também para evoluir, enfim, independente das áreas que for, todo mundo precisa de todo mundo. [...] Acho que trabalho, tá *linkado* também à busca, eu acredito que é a evolução e acredito que trabalho me passa essa coisa de conectado [...] trabalho é trabalhar a cabeça (GF6; S4)<sup>6</sup>.

Trabalho para mim é muito ligado à vocação, a aquilo que tu foi chamado para fazer, aquilo que tu sente prazer, aquilo que te faz bem, sabe. Tem muito a ver com o prazer, tu fazer bem para ti e para os outros (GF6; S3).

Esses fragmentos das falas apresentam o trabalho no sentido de projeto pessoal, de realização humana e de contribuição social. Estas representações estão relacionadas às expectativas dos(as) jovens em relação ao trabalho, enquanto trabalho consciente e livre, como essência da vida humana.

Esses dados se confirmam no estudo quantitativo:

Gráfico 1: Contribuição do trabalho para o amadurecimento pessoal (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

O fato de 70,3% dos jovens considerarem que o trabalho contribui para o amadurecimento pessoal possui relação com a dimensão de realização através do trabalho. Esta concepção está relacionada com o conceito de trabalho concreto de Marx (2008), que é o trabalho onde o sujeito realiza-se, objetivando suas habilidades, capacidades físicas e intelectuais. O trabalho concreto tem como finalidade a criação de valor de uso, ou seja, criação daquilo que seja socialmente necessário para a vida humana – uma contribuição social.

Como refere um(a) jovem,

<sup>6</sup> Para melhor entendimento dos registros esclarecemos que o S seguido de um algarismo que aparece logo após o parêntese, indica o número que cada um dos(as) universitários(as) recebeu ao chegar, tendo em vista favorecer a fidedignidade no apontamento das falas de cada um(a) dos(as) participantes do grupo e GF6 identifica que se trata do Grupo Focal que tomou em questão a temática “Juventudes e trabalho”.

Trabalho é um treinamento pessoal e consequentemente uma contribuição social. Eu vejo trabalho como uma contribuição social, essa questão da rede assim, eu acho que cada peça é importante (GF6; S3).

Ocorre que na sociedade capitalista o(a) trabalhador(a) necessita vender sua força de trabalho e para isso depende que alguém a compre. A venda da força de trabalho é o emprego, que é a condição para inserção no mercado de trabalho em troca de um salário.

Neste modo de produção uma pessoa explora outras pessoas, pois o trabalho passa a não ser mais a objetivação da essência do ser humano, e sim o meio para a sua existência. Ou seja, a manutenção da vida concreta – comer, beber, habitar, consumir – só se torna possível a partir da inserção no mercado de trabalho tendo como objetivo o salário (MARX, 2004).

Contraditoriamente, a partir do estudo quantitativo evidenciam-se as dimensões de significação do trabalho para os(as) jovens universitários(as), os quais apontam o seguinte:

Quadro 1: Significado do trabalho para os(as) jovens universitários(as)

Para ti, o significado do trabalho é:	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Não respondeu
Autorrealização	1,0	1,1	4,4	29,1	63,2	1,2
Crescimento	0,5	0,6	1,9	19,1	76,6	1,3
Exploração	34,9	22,3	15,0	12,6	13,8	1,3
Fonte de renda	0,3	0,4	2,0	18,6	77,4	1,3
Independência	0,7	0,9	3,0	19,9	74,3	1,3
Necessidade	1,7	3,6	9,7	28,7	54,8	1,4

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Neste sentido, o trabalho se apresenta nessa contradição entre a realização da humanidade e a exploração da força de trabalho para manutenção do sistema capitalista. “Se minha própria atividade não me pertence, é uma atividade estranhada, forçada, a quem ela pertence então? A outro ser que não eu” (MARX, 2004, p. 86).

É curioso observar que, contrariando essa análise iniciada por Marx e aprofundada por diversos segmentos das teorias sociais, os(as) jovens atribuem ao trabalho sentidos mais individuais. Como podemos observar no gráfico, com

mais frequência o trabalho é, para os(as) jovens da PUCRS, autorrealização e crescimento do que exploração.

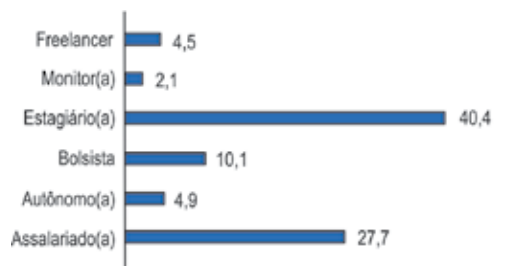
Em contraponto é importante considerar que os(as) jovens que participaram do grupo focal não representam o trabalho em seu sentido limitado ao emprego. Por exemplo, a própria atividade de estudar e produzir conhecimento foi apresentada como trabalho:

Eu tenho uma ideia um pouco diferente de trabalho. Eu acho que trabalho é aprimoramento e eu me aprimoro na faculdade. Eu não acho que eu sou estudante, eu acho que eu trabalho aqui na faculdade... (GF6; S4).  
[...] trabalho pode ser emprego, cargo, função e também pode ser processo, no caso isso [a universidade] é processo, mas qual é o teu cargo, é ser bolsista de Iniciação Científica, trabalho num processo de produção de conhecimento... Aí o outro trabalho, que é mercado, é aplicação... (GF6; S3).

Através dessas falas é possível perceber que estes(as) jovens compreendem trabalho de forma mais alargada do que através das noções de emprego e ocupação. Trabalho, para estes, é também aprimoramento, estudo e produção de conhecimento como se pode observar no momento em que é citada a bolsa de Iniciação Científica como ocupação.

Seria também importante investigar até que ponto elas vem assumindo – para além de seu caráter de trabalho e ocupação – o sentido de emprego, ao ponto em que o valor recebido através da bolsa pode assumir o papel de renda para os(as) estudantes. No Gráfico 2 é possível observar a fonte de renda dos(as) universitários(as), na qual se percebe que mais de 50% deles(as) é estagiário(a) ou bolsista.

Gráfico 2: Fonte de renda dos(as) jovens universitários(as) (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Outro elemento relevante é que as representações sobre os significados do trabalho são construídas, conforme já ressaltamos, em determinados contextos sociais e históricos. O trabalho, tanto na reflexão teórica como na realidade empírica, assume diferentes significados ao longo das épocas.

O trabalho já foi entendido enquanto privação de liberdade, maldição, sofrimento e punição. Em diferentes línguas – como o grego, o latim, o russo, entre outras – o termo trabalho tem em sua raiz etimológica significados duais como, por exemplo, sofrimento e criação (WOLEK, 2013).

O Calvinismo, explicado por Weber, transformou o trabalho em um instrumento para aquisição de riquezas e sucesso terreno, um meio de aproximação com deus (WOLEK, 2013). “Na tradição cristã, a Reforma Protestante fez com que o trabalho passasse a ser visto como instrumento de salvação e como forma de realizar a vontade divina” (WOLEK, 2013, p. 4).

Estes, entre outros elementos, criaram as bases para o que denominamos de Era Moderna. O advento da burguesia foi impulsionado por transformações como a revolução agrícola, o surgimento das cidades, a propriedade privada, entre outros.

O trabalho também foi sacralizado, perpassando o modo de vida dos sujeitos sociais e suas formas de compreender e se relacionar com o mundo. Na contemporaneidade, o trabalho é cada vez mais central na vida das pessoas. A falta dele é associada à indignidade, vergonha, humilhação.

A fala de um(a) dos(as) participantes da pesquisa demonstra essas transformações no significado social do trabalho:

[...] sempre se teve a ideia do trabalho como um meio para uma realização, mas antes era um meio penoso para uma realização e, hoje, o trabalho, em função de que as pessoas tão vivendo mais e por ver que a aposentadoria vai ser mais longe do que se esperava, as pessoas estão aprendendo a saber que a maioria da vida delas vão viver num ambiente de trabalho [...] (GF6; S5).

[...] Que nem meu pai, não consegue entender minha escolha por História e quando eu brinco com ele que quero trabalhar até os 85 se eu não tiver nem uma doença, ele diz assim “Se tu só vai poder trabalhar até os 60 e poucos, por que tu vai trabalhar?” Porque para mim não existe diferença entre estar trabalhando e o domingo que eu fico em casa, só que são prazeres, são prazeres diferentes, mas são prazeres que a geração dele não experimentou (GF6; S5).

Através do trabalho, a pessoa *sempre*, como refere o(a) jovem, pode se realizar objetivando suas capacidades físicas e mentais. Contudo, contemporaneamente, o trabalho assume tamanha centralidade na vida das pessoas que, como demonstra essa fala, desde a juventude já estão aprendendo que a maior parte da vida será em um ambiente de trabalho.

Analisando esses trechos percebemos que o desejo e a perspectiva de não se aposentar está associado a elementos do mundo do trabalho na contemporaneidade que já constroem significados nas representações sociais dos(as) jovens. Podemos considerar a fala desse(a) jovem representativa, ou seja, é porta-voz de uma concepção social.



O desmonte do Estado de Bem Estar Social no Brasil - que promoveu a contrarreforma do Estado (chamado Estado Mínimo) - implicou em “uma redução dos direitos sociais, das políticas sociais e, se for necessário, dos direitos políticos, tudo em nome dos direitos civis (principalmente o direito à propriedade privada)” (PASTORINI, 2002, p. 21).

Pontualmente, no âmbito da seguridade social, é importante apontar que nessa época de desregulamentação de direitos, vem permeando os discursos como o da mídia onde é propagada a ameaça em relação, por exemplo, à aposentadoria.

Por outro lado, o trabalho visto como prazer aparece enquanto um *demarcador geracional*, esse fator pode ser interpretado de diferentes formas. Na contemporaneidade, em diversas especialidades, o trabalho real não aparece em um espaço predeterminado, com carga horária específica – ele invade o tempo livre, o tempo de não trabalho, nas palavras do(a) jovem, o *domingo*.

Desta forma, a necessidade de um trabalho que produza sentido na construção dos(as) jovens enquanto sujeitos sociais torna-se uma necessidade para sobrevivência física e mental. Acreditamos que essas concepções são contemporâneas e se distinguem das de outras gerações, sendo construídas em um mundo do trabalho que sofreu profundas transformações, especialmente nas últimas três décadas.

### **As transformações no mundo do trabalho: ideias e ideologias**

Além de como representam o trabalho, os(as) jovens universitários(as) destacam mudanças objetivas que aconteceram nesta esfera. Entre as principais, apontam o potencial da juventude para o mundo do trabalho contemporâneo, a transparência, novas relações com a autoridade e a adaptação às novas configurações do trabalho.

Historicamente, o Taylorismo/Fordismo<sup>7</sup> foi um modelo de organização da força de trabalho que permaneceu com ênfase na segunda década do século XX, o qual iniciou com a produção de veículos, porém rapidamente expandiu-se largamente a outros ramos empresariais. Esse modelo tinha como característica a produção em massa de mercadorias e em série procurando otimizar o tempo de produção destas (ANTUNES, 2003).

Um forte traço característico deste modelo é o trabalhador(a) como um “apêndice da máquina”, trabalhando de forma fragmentada e sem participação na organização do processo de trabalho. Ou seja, a “atividade do trabalho reduzia-se a uma ação mecânica e repetitiva” (ANTUNES, 2003, p. 37).

---

<sup>7</sup> O taylorismo é uma teoria criada pelo americano Frederick W. Taylor (1856-1915). O engenheiro desenvolveu sua teoria a partir da observação de trabalhadores industriais. Já o fordismo foi o modo de produção criado por Henry Ford (1863-1947), dono de uma indústria automobilística. Ford incorporou algumas características da teoria de Taylor, e se diferenciou em outras. Ricardo Antunes (2013) destaca que esse modo de produção, junto ao taylorismo, predominou a produção da indústria capitalista no século XX.

No período de hegemonia fordista ocorreu o processo de sindicalização da classe trabalhadora e as lutas pela regulamentação dos direitos. Antunes (2013) salienta que foi no fim da década de 70 e início da década de 90 que o fordismo/taylorismo entrou em crise, instaurando um processo de reestruturação do capital que continua a ocorrer ainda nos dias de hoje.

A ordem societária capitalista realiza a manutenção dos modos de produção, controlando os processos de trabalho e transformando-os em suas características. Nesse sentido, em virtude da crise econômica<sup>8</sup> que inicia em meados dos anos 1970, o processo produtivo passa por mudanças tanto no que se refere à regulação de direitos trabalhistas e formas de contratação, quanto no que tange o modo de produção em si.

Surge o denominado neoliberalismo, com sua natureza fundamentalmente ideológica e tendo como representantes de sua expansão Thatcher e Reagan. Como refere Netto (2001, p. 47), “[...] Erodiu-se o fundamento do Welfare State em vários países e a resultante macroscópica social saltou à vista: o capitalismo ‘globalizado’, ‘transnacional’ e ‘pós-fordista’ desvestiu a pele de cordeiro [...]”.

Não teremos como aprofundar os elementos desse processo, já largamente discutido no campo das teorias sociais. Contudo vale destacar que as transformações no mundo do trabalho consistiram em uma reestruturação produtiva que visava instaurar um processo de acumulação flexível. O denominado Toyotismo<sup>9</sup> surge a fim de intensificar a produção e o aproveitamento da força de trabalho, mas precisamos salientar que não há um processo de descontinuidade entre as formas de produção do sistema capitalista. Ao contrário, o toyotismo é considerado uma sofisticação das características dos modos de produção criados por Ford e Taylor.

O modo de organização da força de trabalho toyotista é caracterizado por um conjunto de ações que sucintamente podem ser definidas pela: produção conduzida pela demanda e pelo consumo, produção flexível, “polivalência” do(a) trabalhador(a) (trabalho com várias máquinas, exercendo diferentes funções), trabalho em equipe, horizontalização, flexibilização dos trabalhadores (horas extras, trabalho temporário e subcontratação), qualidade total (ANTUNES, 2013).

Mészáros (2009) destaca que, a partir da ofensiva das políticas neoliberais, a precarização do trabalho passou a configurar-se como um elemento estrutural do sistema mundial do capital, que afeta inclusive as juventudes. Apesar disso, os(as) jovens universitários(as) demonstram confiança na possibilidade de

8 Teóricos(as) liberais diagnosticaram que uma das principais causas da crise seria o alto gasto do Estado na Proteção Social, o chamado Estado de Bem Estar Social fundamentado pela teoria keynesiana. Neste sentido, a relação entre Estado, mercado e sociedade passa por uma reforma liberal, o que chamamos hoje de neoliberalismo. Para aprofundar esse assunto, sugerimos autores como, José Paulo Netto e Ruy Braga e Mészáros.

9 O toyotismo é um modo de organização da produção, originado no Japão na fábrica Toyota. É também chamado de Modelo Japonês. Podemos dizer que este é o modo de organização da produção hegemônico na contemporaneidade.

superarem as dificuldades inerentes às transformações do mundo do trabalho e mantêm um ideal elevado acerca do mesmo.

Os(as) jovens em suas afirmações sinalizam que

[...] o jovem tem ganhado muito destaque no mercado de trabalho. [...] Porque o jovem tem ao mesmo tempo, acho que é não recente isso, acho fantástico, essa duplicidade, ao mesmo tempo de tudo, nada. Então o jovem, ele consegue, por exemplo, trabalhar num ambiente com barulho, com pessoas que não trabalham como ele trabalha [...] (GF6; S4).

Além disso, os(as) jovens participantes do grupo focal destacaram elementos que apresentam relação com o taylorismo/fordismo e com o toyotismo, apresentando diversos aspectos do modo de organização da força de trabalho. Como refere um(a) dos(as) jovens,

[...] em geral, nós tínhamos um chefe que ficava numa sala, onde numa outra sala ao lado ficava o vice. O chefe vai ser um presidente, vice-presidente e daí, em baixo dos presidentes, terceiro andar, no outro andar os supervisores, no outro andar quem realmente falava com o público, esse pessoal mais de chão. Hoje em dia não, hoje em dias as agências elas têm mesas abertas e uma coisa interessante que trago porque eu sei, é a transparência. No mercado de trabalho tá entrando a transparência, eu nunca vi tanta sala de vidro na minha vida. Eu vou num lugar tem sala de vidro, vou em outro tem sala de vidro, sala de vidro, sala de vidro, por quê? Porque eu vou saber que eu estou aqui, mas ali tem alguém vendo lá uma coisa para mim estar aqui. E eu preciso saber o que ele tá fazendo para entender o porquê eu estou aqui (GF6; S4).

Para Antunes (2013), no toyotismo a participação dos(as) trabalhadores(as) apenas é estimulada para manipular e preservar as condições de trabalho alienado e estranhado. Não havendo mais a figura do(a) fiscal do trabalho, o toyotismo desmonta parte da hierarquia, mas intensifica o controle e a cobrança de si, convidando a participação de quem trabalha, que pode participar da gestão da empresa.

Essa lógica apresenta, então, uma dupla dimensão. Por um lado existe o acirramento do controle e, por outro, como refere o(a) jovem, a possibilidade de contato com colegas, a diminuição da fragmentação entre setores e a noção de interdependência. Outra fala demonstra que há uma diferença no que tange às gerações que se inserem no mundo do trabalho antes hierarquizado e contemporaneamente com a ideologia da participação:

O jovem chega num diretor e diz “o senhor já pensou nisso?” Ele é um diretor, e ele chega e fala. [...]E o jovem tem essa capacidade. Meu pai jamais enxergava o presidente e falava “Bom dia presidente, o senhor já

pensou em trabalhar assim” Não, nunca, né? Eu acho que os jovens têm essa liberdade, dessa coisa assim, tipo bom alguém tem que falar, então eu vou falar, sabe. O jovem tem essa coragem, pode ser mais ou menos, e por isso ele ganha foco (GF6; S4).

Na literatura sobre o tema, isso é compreendido como forma de criar ilusões de participação, de tornar dóceis (con)formar os(as) trabalhadores(as), e de otimizar a produção para a ampliação dos lucros. Paradoxalmente, estes(as) jovens significam o novo modelo de organização apresentando suas potencialidades.

Atribuem, como vimos, uma conotação positiva: a transparência (exemplo das paredes de vidro) potencializando a relação entre as pessoas envolvidas no processo de trabalho, a interdependência e o reconhecimento do seu papel em face ao outro, a flexibilização da hierarquia enquanto potencialidade que permite que um(a) jovem acesse à gestão/direção, quem representa a empresa contratante – entendem que isso faz parte de um perfil do(a) “jovem de hoje”.

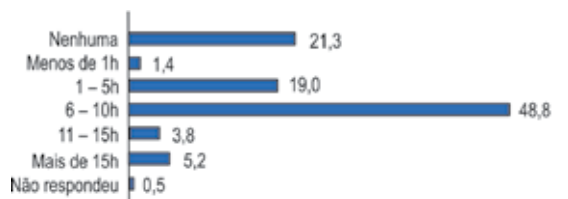
Outra afirmação feita na discussão no grupo focal nos faz pensar que os(as) jovens já estão se inserindo no mercado de trabalho com a consciência da intensificação da jornada de trabalho:

[...] querendo ou não, a sociedade nossa, hoje, ela é uma sociedade em que o jovem sabe que ele vai passar a maior parte da vida dele no ambiente de trabalho então ele tem que saber como jogar com isso. Então ou ele será feliz com isso ou ele não será (GF6; S5).

Essa afirmação nos indica um questionamento: será que o trabalho está tornando-se parte de projetos individuais – e não coletivos – dos(as) jovens associado à dimensão do prazer na vida, não é uma imposição própria das novas formas de gestão do trabalho e da ideologia do sistema capitalista em sua configuração contemporânea?

Em relação à carga horária de trabalho, no estudo quantitativo foi questionado aos(as) jovens quantas horas utilizam, em um dia típico, trabalhando:

Gráfico 3: Horas diárias dedicadas ao trabalho em um dia típico (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Ainda que um número pequeno em porcentagem, é um dado significativo que 5,2% dos(as) jovens da PUCRS que responderam o questionário trabalham durante mais de 15 horas em um dia típico seu. Outro dado significativo apresentado neste gráfico é que a maioria destes, 48,8%, trabalha de 6 a 10 horas.

E mais: que aspectos dessas transformações fazem com que os(as) jovens salientem as possibilidades de escolha e de mudança no aspecto laboral? Os(as) jovens que participaram do grupo focal entendem que em muitos casos a geração atual pode se permitir realizar mudanças e escolher áreas de atuação. Tais posicionamentos podem ser percebidos nas seguintes expressões dos(as) jovens:

Hoje em dia, tu pode escolher uma área, antigamente tu não podia escolher tanto assim a área de mercado que tu queria. Hoje tu pode escolher muito mais [...] (GF6; S1).

Eu acredito que a gente tem menos medo do tempo, né também, a gente representa isso, aquela coisa assim, hoje agora [...] se eu mudar [*de curso*] meu mundo não vai acabar agora acho que antigamente tinham isso “Meu Deus to trabalhando há dois anos na empresa se eu mudar para uma outra empresa, tudo bem um cargo bem pensado que possa melhorar, vai acabar mal. Prefiro ficar 50 anos no mesmo cargo do que mudar de empresa”. A gente não tem medo do tempo porque a gente sabe que.. não sei se o tempo tá a nosso favor, não sei (GF6; S5).

De acordo com essas falas, a atualidade apresenta mais possibilidades de escolha e oportunidades. Também destacam que o(a) jovem hoje apresenta menos medo de arriscar, menos resistência à mudança, e que todos esses aspectos os favorecem atualmente.

Nesse sentido, os(as) jovens demonstram uma visão distinta do que os dados sobre mercado de trabalho mostram. De acordo com dados estatísticos e de estudos da área, o segmento juvenil é um dos que mais tem dificuldade com o mundo do trabalho<sup>10</sup>.

Um dos(as) jovens destaca esta dificuldade:

O mercado não tá preocupado em dar oportunidade pra todo mundo né, tu tem que buscar aquilo que tu tá a fim de aprender... (GF6; S4).

---

10 De acordo com dados da Pesquisa Agenda Juventude Brasil 2013 (SNJ, 2013), apesar de 74% dos(as) jovens de 15 a 29 anos pode ser considerado como *População Economicamente Ativa* (PEA), apenas 53% trabalham enquanto que 21% estão desempregados(as). A proporção dos que simultaneamente estudam e trabalham é de 22%. Entre os que trabalham quase a metade cumpre uma jornada de mais de 40h semanais, sendo que apenas 16% tem uma jornada de meio período, como recomenda a Agenda de Trabalho Decente para a Juventude. Para aprofundar o assunto é possível pesquisar em: Branco (2005), Corrochano (2011), Leon (2007), Novaes e Vannuchi (2004), Perondi (2011), Pochmann (2004), Silva e Segnini (2009), entre outros.

As dificuldades encontradas pelos(as) jovens é destacada por Antunes e Alves, quando afirmam que:

[...] outra tendência presente no mundo do trabalho é a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem perspectivas de trabalho, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural (2004, p. 339).

A tendência apresentada pelos autores aponta para as dificuldades que os(as) jovens em geral têm para ingressar no mercado de trabalho e mesmo quando o conseguem acabam por atuar em empregos precários e com baixos salários. Contudo, as expectativas dos(as) jovens universitários(as) é bastante distante da realidade concreta.

Dentro da sociedade de mercado e em face a ideologia neoliberal que se volta às capacidades individuais, vivemos em

[...] uma lógica pragmática e produtivista que erige a competitividade, a rentabilidade, a eficácia e a eficiência em critérios para referenciar as análises sobre a vida em sociedade. Forja-se assim uma mentalidade utilitária, que reforça o individualismo, onde cada um é chamado a “se virar” no mercado (IAMAMOTO, 2001, p. 21).

Os(as) jovens participantes do estudo reconhecem as dificuldades de inserção em empregos, mas creem que lidar com isso deve se dar de forma individual. Ou seja, a pessoa precisa buscar, *se virar no mercado*, como refere a autora.

Ao serem dadas alternativas sobre o seu ideal de trabalho, destacam aspectos que consideram se diferenciar da geração de seus pais e das gerações anteriores. Enfatizam aspectos como: trabalhar com prazer, possibilidade de evoluir, em que suas potencialidades sejam valorizadas, aprender algo novo, fazer algo pelo outro.

Um(a) dos(as) jovens, ao falar sobre o que espera do mundo do trabalho, enfatiza:

O meu ideal de trabalho é fazer algo onde eu tenha certeza que todas as minhas capacidades estão sendo aproveitadas ao máximo e, ao mesmo tempo, que elas possam melhorar, se aprimorar, eu acho que é um lugar que vá poder aprender e não vá ficar parado em apenas uma tarefa repetitiva ou algum tipo de coisa que eu não que seja só aquilo que vá me dar sempre a oportunidade de aprender algo novo e algum lugar que eu sinta que todas as coisas que eu acho que eu sou bom [...](GF6; S5).

Seu ideal é desenvolver um trabalho que esteja alinhado aos ideais pessoais e não apenas desenvolver uma atividade com a qual não tem identifica-

ção. O modelo Toyotista captou com muita perspicácia a necessidade de capturar aspectos subjetivos e de participação nos modos de produção incorporando um novo léxico em que os trabalhadores(as), assalariados(as), operários(as) ou empregados(as) passam a ser chamados(as) de “colaboradores(as)” (ALVES, 2012). Desta forma atende ao anseio juvenil e ainda mantém a forma de organização social capitalista, buscando intensificar a produção.

Também abordando os seus ideais do mundo do trabalho outros(as) jovens assim se expressam:

O meu ideal de trabalho é fazer o que tu tem amor, porque daí tu vai botar vontade, tu vai botar tudo ali, tu vai fazer com gosto né e não vai ser só mais uma coisa que existe, vai ser um diferencial (GF6; S2).

O meu ideal de trabalho é construir alguma coisa que modifique positivamente o que já tenho eu acho que trabalhar é evolução, eu acho que trabalhar é felicidade e eu acho que felicidade tá diretamente ligada a mudança (GF6; S3).

A partir destas falas, é possível perceber uma mudança na concepção do que é o trabalho ideal construído na modernidade e o que os(as) jovens estão almejando na contemporaneidade. Na modernidade a busca era por estabilidade, remuneração e direitos trabalhistas. Na fala dos(as) jovens, hegemonicamente, a busca é por valorização, bem-estar, desenvolvimento das capacidades, possibilidade de mudar o que já existe e de ser feliz através do trabalho. Suas idealizações se referem a projetos individuais

Um dos aspectos que, provavelmente, contribui para esta expectativa positiva dos(as) universitários(as) para com o mundo do trabalho é a perspectiva de ascensão social através do ensino superior, que serviria como um avalizador qualificado para a sua inserção no meio laboral. No entanto, de acordo com Almada (2012, p. 99), “observamos que a crise do capitalismo tem vindo a afetar diretamente as perspectivas de futuro, inclusive para os jovens com formação universitária”.

Tal fenômeno pode causar uma dupla frustração: a salarial e a profissional, que são explicadas por Alves da seguinte forma:

Por um lado, a camada social do precariado cultiva a *frustração de expectativas no plano salarial*, tendo em vista o desemprego ou inserção em ocupações salariais precárias. Por outro lado, o contingente de jovens empregados inseridos em estatutos salariais estáveis, que não podem ser considerados propriamente “precários”, e que nós denominamos novos assalariados flexíveis, manifestam, *frustração de expectativas no plano da formação profissional* devido, por um lado, o descompasso entre o conteúdo da ação laboral e seus sonhos e anseios de realização profissional [...]. Temos um contingente de jovens-adultos enriquecidos

em suas habilidades técnico-cognitivas e expectativas de realização profissional e por outro lado, a incapacidade do sistema social do capital propiciar a oferta de ocupações profissionais suficientes para absorver a massa de licenciados altamente especializados disponíveis no mercado de trabalho [grifos do original] (2014, p. 1).

Percebe-se então que, mesmo que os(as) jovens tenham um elevado nível educativo, as suas expectativas salariais e profissionais podem ser frustradas dadas as condições atuais do mundo laboral. Para o autor, além da frustração, esta situação causa a indignação social dessas juventudes, pois causa a interdição da vida adulta e impossibilidade de realizarem o sonho fordista-keynesiano de uma profissão estável e bem remunerada, que lhes garanta a perspectiva de consumo imediato e de longo prazo.

Não é possível esgotar essa discussão nos limites deste estudo. Contudo, buscamos salientar alguns elementos das transformações no modo de organização da forma de trabalho e do mundo do trabalho contemporâneo, relacionando com as formas com que as pessoas juvenis que participaram da pesquisa os incorporam e os vivenciam.

Em geral, os(as) jovens atribuem uma conotação positiva e individualizada no que se refere ao mundo do trabalho contemporâneo. Podemos supor que estes se inserem em um mercado que já sofreu profundas transformações e, então, constroem suas noções e ideologias sobre o mundo do trabalho na relação com o que está posto concretamente a eles. Também é necessário considerar um lugar que ocupam no tecido social, e de onde falam: a universidade.

### **Relações entre Universidade e Trabalho**

Diante das dificuldades apresentadas pelo mercado de trabalho, de um lado, e dos ideais que os(as) jovens têm com aquilo que esperam do mundo do trabalho, de outro, a educação se tornou um elemento paradigmático no seu processo de formação, visto que esta passou a ser vista como uma das melhores vias para o êxito profissional.

A ampliação do acesso à educação aconteceu de maneira mais expressiva a partir dos anos 90, com a universalização do ensino fundamental e com a ampliação do ensino médio. A partir dos anos 2000 houve um crescimento expressivo quanto ao ensino superior, sobretudo com a criação de novas universidades, institutos de ensino superior e outros programas de acesso, tal como o Prouni<sup>11</sup>. Um dos fatores que impulsionou a expansão do ensino superior foi justamente as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, que passaram a exigir uma maior qualificação dos(as) trabalhadores(as). Esta qualificação foi ampliada através da

---

<sup>11</sup> O Programa Universidade para Todos (Prouni) é um programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, que concede bolsas de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de ensino superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros, sem diploma de nível superior.



expansão de centros de ensino e, em especial das universidades, as quais foram designadas pelo Estado para o cumprimento desse papel (Hobsbawn *apud* ALMADA, 2012, p. 105). Ainda que nos últimos anos, tenha ocorrido um crescimento significativo, o percentual de jovens, na faixa etária de 18 a 24 anos, matriculados no ensino superior gira em torno de apenas 19% (ANDRADE, 2012).

Mesmo os(as) jovens que estão na universidade, como é o caso dos(as) participantes desta pesquisa, encontram dificuldades na relação entre a formação acadêmica e o mundo do trabalho. Esta preocupação pode ser visualizada através da afirmação de dois dos universitários:

[...] o mercado é afastado da academia... Não sei por quê. Porque a prática é uma, se vamos pra prática, a teoria tava errada. Por que tem teoria então? (GF6; S4).

O que acontece é que o mercado não tá na academia e academia não prepara pro mercado e isso é uma loucura, entendeu? E por quê? Falta diálogo, falta alguém chegar, falta comunicação (GF6; S3).

Em seus relatos os(as) jovens destacam a distância que percebem entre a formação acadêmica e o mundo profissional. Entre outros fatores, isso acontece pela velocidade das transformações sociais e produtivas, onde ocorre uma “acentuada redução do tempo entre a aquisição de um conhecimento e sua aplicação tecnológica” (CHAUI, 2003, p. 9).

Esta perspectiva acentua ainda mais a necessidade do “aprender a aprender” apontado pela UNESCO como um dos quatro pilares da educação do século XXI (DELORS, 2012). Ou seja, a formação acadêmica por si mesma, já não tem o potencial avalizador para a dimensão profissional e da empregabilidade, como tinha outrora, visto que as mudanças são tão acentuadas que se faz necessário estar em constante atualização.

Outra dificuldade apresentada no grupo focal diz respeito às exigências cada vez maiores que as empresas fazem aos(as) trabalhadores(as). Ao falar deste aspecto, um(a) dos(as) universitários(as) destaca:

De uma certa forma o PROUNI ele tem uma pegadinha sabe, porque tu pega jovens de contextos sociais diferentes dentro de uma Universidade, que são extremamente inteligentes nas disciplinas do colégio e passaram no ENEM, mas que falta, digamos assim, a bagagem cultural maior para operar num mundo onde tu tem que ser flexível, onde tu tem que tá aberto a mudança. Eu sou bolsista do PROUNI, eu falo isso por exemplo. O que que acontece, tu vai se formar numa área e tu quer competir numa grande empresa sabe, num cargo daqueles assim, só que daí lá nas exigências tu tem que falar alemão e inglês os dois juntos, além da tua língua natural e além da experiência em intercâmbio. Existem vagas que são assim, daí o que acontece, tu não tem essa preparação sabe (GF6; S4).

O(a) jovem enfatiza sua realidade pessoal em que considera a inserção acadêmica através do Prouni, mas ao mesmo tempo salienta o problema de inserção no mercado de trabalho, pois lhe são exigidas outras credenciais tais como: maior bagagem cultural, dominar outros idiomas e realizar intercâmbios. Tais pré-requisitos dificultam que jovens de diferentes classes sociais tenham as mesmas condições de acesso a empregos que tenham estas exigências.

O(a) jovem também relata a exigência de flexibilidade e de abertura para a mudança, cada vez mais presentes no mercado de trabalho, corroborando as situações de modificações nas esferas produtivas, referidas anteriormente.

A forma como as pesquisas são realizadas no âmbito acadêmico também foram referidas pelos(as) jovens no grupo focal. Ao destacar como estas são realizadas e como elas subsidiam as pessoas para o trabalho, um(a) dos(as) participantes afirma:

Porque no Brasil a gente é excessivamente conservador em termos de pesquisa. A universidade forma pessimamente as pessoas pra trabalhar, tirando as áreas tecnológicas que hoje em dia estão mais conectadas e tem uma formação mais dinâmica (GF6; S5).

Mesmo que não especifique muitos pontos, a crítica realizada pelo(a) jovem a respeito do modo como se faz pesquisa no Brasil pode situar-se principalmente na perspectiva tecnológica, ou seja, está em consonância com esta que é uma das principais ênfases do mercado de trabalho atual e de grande parte da própria formação acadêmica. Neste caso, o(a) jovem busca exatamente aquilo que a lógica do mercado lhe exige. Do ponto de vista individual pode-se entender tal ênfase, pois, como já foi visto, um dos principais anseios dos(as) jovens é a sua inserção produtiva. No entanto, num panorama mais amplo poder-se-ia questionar: seria apenas este o papel da universidade?

Segundo Chauí (2003), atualmente vigora a noção de sociedade do conhecimento, em que a produção científica está cada vez mais voltada para fins particulares, permeada por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade próprios da lógica do mercado, em detrimento do exercício intelectual e da produção de conhecimentos necessários à vida social e cultural.

Nesta perspectiva há uma redução do papel da universidade enquanto instituição educativa, que apenas prepara o(a) trabalhador(a) para o mercado de trabalho, mas não lhe prepara para a cidadania, para o entendimento do mundo e para a inserção crítica nele. De acordo com Perondi,

Um dos grandes limites da educação é quando esta é reduzida a um aspecto técnico de profissionalização. É como se a educação se limitasse a responder apenas a duas questões *O que fazer?* e *Como fazer?* No entanto, se esquece da questão fundamental que é *Por que fazer?* Esta

interrogação nos indaga sobre a finalidade última da educação. Se temos uma educação que não nos ajuda a nos questionarmos sobre nós mesmos, sobre a sociedade em que vivemos e sobre o sentido de nossa vida, esta educação não está cumprindo com o seu dever mais profundo (2010, p. 12).

Urge então que a universidade estruture a formação acadêmica de modo que contribua com uma qualificada preparação profissional, aliando elementos técnicos e aspectos humanos, tendo em vista a formação de pessoas que exerçam a cidadania ao atuarem profissional e socialmente.

Além do papel da academia na formação dos(as) universitários(as), os(as) jovens destacaram a sua própria responsabilidade nesta relação:

A gente reclama bastante, mas também depende um pouco de nós “correr atrás”. Digo assim: “ah, eu quero aprender aquilo lá”, então eu vou pra lá, já que a faculdade não tá me dando a prática, eu vou correr atrás dessa prática, depende um pouco da gente também. Eu acho que o jovem é preguiçoso, às vezes (GF6; S1).

É interessante perceber a preocupação do(a) jovem ao salientar que o(a) universitário(a) também precisa buscar o aprendizado e a prática quando a universidade não lhe oportuniza. De um lado é salutar este reconhecimento da responsabilidade individual no processo de formação, contudo, de outro, é preciso não confundi-la com a contradição da ideologia contemporânea, que sinaliza, enfatiza uma sobrecarga moral no indivíduo, como se apenas dele dependesse seus êxitos. Segundo Iamamoto,

A debilitação das redes de solidariedade e sua subordinação às leis mercantis estimula atitudes e condutas centradas no indivíduo isolado, em que cada um “é livre” para assumir os riscos, as opções e responsabilidades por seus atos em uma sociedade de desiguais (2001, p. 21).

Tal apontamento da autora pode ser relacionado também ao âmbito acadêmico, como se todos(as) os(as) jovens que ingressam na universidade tivessem as mesmas condições em sua trajetória formativa e, posteriormente, por si mesmos, tivessem prerrogativas necessárias para uma inserção satisfatória no mundo do trabalho.

No entanto, cabe ressaltar que a formação universitária não deveria se restringir apenas a uma dimensão institucional ou à individual. Ela deveria confluir a proposta da universidade, os anseios pessoais dos(as) jovens, as necessidades produtivas do mercado de trabalho e a cidadania que corresponde a cada pessoa na sociedade.

## Considerações Finais

Nesse capítulo, buscamos analisar os dados quantitativos e qualitativos coletados na pesquisa mostrando as contradições que emergem na discussão do tema trabalho e contextualizando as falas das pessoas. Para isso, nos limites deste estudo, é possível observar que a realidade dos(as) jovens universitários(as) da PUCRS desafia as práticas político-pedagógicas da universidade a contribuir com uma formação crítica e questionadora.

Após a análise, é possível destacar que os(as) jovens participantes da pesquisa incorporam elementos da ideologia dominante, considerando que estes(as) raramente posicionaram-se criticamente frente à realidade do mundo do trabalho contemporâneo. Além disso, demonstraram concepções idealizadas no que tange à inserção e às possibilidades no mundo do trabalho, construindo expectativas que, como foi demonstrado, tendem a serem frustradas na realidade concreta.

Os(As) jovens apresentaram concepções ampliadas sobre o tema, visto que consideram as atividades de estudar e produzir conhecimento como trabalho. Também destacaram diversos elementos sobre as transformações no mundo do trabalho, apontando que os(as) jovens e a geração atual possui mais facilidade para se inserir e lidar com essa nova forma de gestão da força de trabalho. Por outro lado, teceram considerações sobre a relação entre a formação profissional que recebem na universidade e as demandas do mercado contemporâneo, destacando uma distância entre os dois.

Considerando que a universidade não possui apenas o papel de formar para o mercado e para o trabalho, entendemos que é preciso aprofundar os elementos que foram trazidos pelos(as) jovens. Assim, seria possível questionar a demanda dos(as) jovens em terem uma universidade cada vez mais operacional, pois entendemos que o papel dessa instituição é social e deve ser voltado para formação integral de pessoas questionadoras, que não aceitem acriticamente a realidade imposta.

Neste sentido, sugerimos que outros estudos sejam realizados para aprofundar a discussão sobre trabalho tendo como *locus* as juventudes, especialmente as universitárias. Consideramos relevante que seja pesquisado como são as experiências concretas e cotidianas destes e destas jovens no mercado de trabalho e os desafios e as possibilidades dos(as) jovens graduados(as) pela PUCRS no que tange à inserção neste.

Também se faz necessário pesquisar como vem se efetivando a relação entre universidade e mercado de trabalho para além do eixo *tecnologia e inovação*. Urge a necessidade de nos debruçarmos em estudos sobre o papel social da universidade no que se refere à formação humana, a fim de contribuir com os projetos e práticas pedagógicas na PUCRS.

## Referências

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- ALMADA, P. O futuro é mesmo incerto? A precariedade e os jovens em Brasil e Portugal. In: ALVES, G.; ESTANQUE, E. (Orgs.). **Trabalho, juventude e precariedade**: Brasil e Portugal. Bauru: Canal 6 Editora, 2012.
- ALVES, G. Juventude e nova precariedade salarial no Brasil: elementos da condição proletária no século XXI. In: ALVES, G.; ESTANQUE, E. (Orgs.). **Trabalho, juventude e precariedade**: Brasil e Portugal. Bauru: Canal 6 Editora, 2012.
- ALVES, G. **A derrelição de Ícaro**. Blog da Boitempo. Disponível em: [http://blogdaboitempo.com.br/2014/06/02\(a\)-derrelicao-de-icaro](http://blogdaboitempo.com.br/2014/06/02(a)-derrelicao-de-icaro). Acesso em: 02/06/2014.
- ANDRADE, C. Y. Acesso ao ensino superior no Brasil: equidade e desigualdade social. Campinas: Unicamp, 2012. Disponível em: [http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br\(a\)rtigos\(a\)cesso-ao-ensino-superior-no-brasil-equidade-e-desigualdade-social](http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br(a)rtigos(a)cesso-ao-ensino-superior-no-brasil-equidade-e-desigualdade-social). Acesso em 23/06/2014.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- ANTUNES, R. **O toyotismo, as novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas de estranhamento (alienação)**. Disponível em: <[http://www.afoiceo-martelo.com.br/posfsa\(a\)utores\(a\)ntunes,%20Ricardo/Toyotismo%20-%20Ricardo%20Antunes.pdf](http://www.afoiceo-martelo.com.br/posfsa(a)utores(a)ntunes,%20Ricardo/Toyotismo%20-%20Ricardo%20Antunes.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- ANTUNES, R.; ALVES, G. As mudanças no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. Campinas: **Revista Educação e Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 335-351, mai.(a)go. 2004.
- BAJOIT, G.; FRANSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. **Revista Brasileira de Educação**, Brasília, n. 5, p. 76-95, jan. 1997.
- BRANCO, P. P. M. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para políticas públicas. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- CASTEL, R. **As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHAUI, M. Universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 24, set./ out. / nov. / dez., 2003.
- CORROCHANO, M. C. Trabalho e educação no tempo da juventude: entre dados e ações públicas no Brasil. In: PAPA, F. de C.; FREITAS, M. V. (Orgs.). **Juventude em pauta**: políticas públicas no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2011.
- DEJOURS, C. Inteligência Operária e Organização do Trabalho: a propósito do modelo japonês de produção. In: HIRATA, H. (Org.) **Sobre o “Modelo” Japonês**: automatização, novas formas de organização e de relações de trabalho. São Paulo: EDUSP, 1993.
- DELORS, J. (Org.). **Educação um tesouro a descobrir**: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Editora Cortez, 7ª edição, 2012.
- GRANEMANN, S. O processo de produção e reprodução social: trabalho e sociabilidade. In: CFESS. **Serviço Social**: direitos sociais e competências profissionais. Brasília:

Cfess e Abepss, 2009. p. 223-238.

IAMAMOTO, M. A Questão Social no Capitalismo. **Revista Temporalis**, Brasília n. 3, p. 9-32, jan./jun., 2001.

LEON, A. L.P. Juventude, juventudes: uma análise do trabalho e a renda da juventude brasileira. In. ABRAMOVAY, M; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: UNESCO, 2007, p. 268-319.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

NETTO, J. P. Cinco Notas a Propósito da “Questão Social”. **Revista Temporalis**, Brasília, n. 3, p. 41-50, jan./jul., 2001.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

PASTORINI, A. **O círculo “maldito” da pobreza no Brasil: a mistificação das “novas” políticas sociais**. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

PERONDI, M. Trabalho e educação dos jovens: profissionalização ou cidadania? In: ASQUIDAMINI, F.; VIAL, E. A. (Orgs.). **Sustentabilidade... eis a questão: juventudes, trabalho e economia**. São Leopoldo: Contexto, 2010.

PERONDI, E. **Conciliação e precarização: a política trabalhista do governo Lula (2003-2010)**. Florianópolis: Ed. Em Debate, 2011.

POCHMANN, M. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 383-400, 2004.

SILVA, J. H.; SEGNINI, L. R.P. **Os filhos do desemprego: jovens itinerantes do primeiro emprego**. Brasília: Editora Liber Livro, 2009.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE (SNJ). **Pesquisa Agenda Juventude Brasil 2013**. Pesquisa Nacional sobre perfil e opinião dos jovens Brasileiros 2013. Brasília, 2013.

WASELFSZ, J. J. **Relatório de desenvolvimento juvenil 2007**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, MCT, 2007.

WOLECK, A. **O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica**. Disponível em: <[www.icpg.com.br](http://www.icpg.com.br)>. Acesso em: 21 set. 2013.

YAZBEK, Maria C. **Classes subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 2009.

## Capítulo 4

### JUVENTUDES E AS NOVAS TECNOLOGIAS

*Miriam Pires Corrêa de Lacerda<sup>1</sup>*

*Silvia Gama<sup>2</sup>*

Como os(as) jovens universitários da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul articulam a conectividade, participação em redes sociais e os seus cotidianos? Quais são as experiências dos(as) jovens com as mídias digitais e como tais experiências interferem em suas identidades e subjetividades?

Este artigo toma em questão alguns dos achados de um estudo quantitativo, em especial, no que tange aos hábitos de uso das novas tecnologias e o seu impacto nas interações juvenis através das quais se criam novos espaços de socialidade<sup>3</sup>.

Para o desenvolvimento desta reflexão subdividimos este texto em três tempos. No primeiro, intitulado “Tempo I – Juventudes e Novas Tecnologias” temos como propósito nos aproximarmos do tema refletindo acerca do impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação na constituição das juventudes que transitam pelo século XXI.

No “Tempo II – O uso de tecnologias digitais e os(as) jovens estudantes da PUCRS” nos debruçamos com maior ênfase sobre os achados de nosso estudo, articulando questões do questionário com as manifestações dos(as) jovens que participaram dos grupos focais, cotejando-o com outros estudos, tal como o feito por FEIXA et al. (2002) com uma população juvenil semelhante. Vale dizer que a escolha por essa pesquisa que já tem mais de 10 anos de sua publicação, deveu-se ao fato de ter sido uma das primeiras que tomou em questão o impacto das tecnologias digitais sobre a população jovem. Já a escolha do Mapa da Inclusão Digital – um estudo brasileiro sobre conectividade, realizado em 2012 por uma parceria entre o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas e a Fundação Telefônica, permitiu constatar quão díspar é o acesso às novas tecnologias (muitos têm computador em casa, mas não o acesso à internet). Esta investigação “buscou mapear diversas formas de acesso à tecnologia digital, sua qualidade, seus usos e seus retornos [...]” (NERY, 2012, p. 5) e investigar “as visões de jovens universitários sobre as novas tecnologias, especialmente a

1 Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS. Integrante do Observatório Juventudes da PUCRS.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação PUCRS. Bolsista CAPES- PROSUP. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

3 De acordo com Michel Maffesoli (1998), enquanto a sociabilidade se caracteriza por relações institucionalizadas, a socialidade faz referência a um conjunto de práticas que escapam ao controle social rígido, a um estar-junto que independe de um objetivo a ser atingido (GAMA, 2013).

internet, e sua relação com o desenvolvimento de uma sociedade democrática” (SOUZA, 2011, p. 170).

No “Tempo III – Para não parar de pensar” buscamos encaminhar uma reflexão que permitisse articular os nossos achados com algumas das novas exigências que se colocam no campo da educação. É preciso que não esqueçamos o fato de que estamos diante de novo acadêmico que se constitui em distintos territórios sociais culturais, midiáticos e que traz aos seus professores outras demandas nas quais as novas tecnologias da informação e da comunicação estão centralmente implicadas na produção de outras formas de ser e de estar no mundo.

### **Tempo I – Juventudes e Novas Tecnologias<sup>4</sup>**

Juventude é uma categoria social de definição complexa. Traz consigo as marcas dos processos políticos, sociais, econômicos, relacionais e culturais de seu tempo sendo, portanto, uma construção social. Assim considerada, demarca espaços e territórios nos quais as formas peculiares de relacionar-se, vestir-se, falar em grupo, entre outras, estariam em constante modificação. As juventudes não dizem respeito a algo linear que pode ser descrito ou discutido a partir de um conjunto universal ou unitário de elementos. Ao tomar a juventude pelo viés antropológico veremos que distintas culturas constroem representações da categoria que lhe são próprias e que atribuem aos jovens status diferenciados. Isso quer fundamentalmente lembrar-nos que não podemos estabelecer um significado universal para esse período de vida.

Abramo e Branco (2005, p. 37) apontam o aspecto escorregadio que a categoria juventude carrega ao nos dizer que “muito do que se escreve na Academia sobre a juventude é para alertar para os deslizos, os encobertamentos, as disparidades e as mistificações que o conceito encerra”. Nesta linha de raciocínio, cresce a responsabilidade dos investigadores que participaram deste estudo, no que tange ao cuidado quanto a generalizações. O que gostaríamos fundamentalmente de destacar é que por nosso campus universitário circulam muitas juventudes com diferentes sonhos, oportunidades e projetos.

Nossa vida mudou. Estamos hoje inscritos em um mundo no qual a informação ocupa centralidade. Ao apagar das luzes do séc. XX, Castells (2003a) sinalizava para o fato de que novos processos societários estavam em andamento e que em decorrência disto, as mudanças em curso afetariam não apenas aspectos relacionados à economia e à tecnologia, por exemplo, mas também à

---

4 Alinhamo-nos a Sousa (2011) quando escreve “entendemos tecnologia como uma objetivação das relações sociais que comanda e fecunda qualquer sociedade, não sendo esta autônoma e apartada daqueles que a geram, isto é, do próprio homem, da sociedade. A tecnologia é uma invenção humana. Na contemporaneidade a junção entre a mídia e a microinformática, aliada ao crescimento das redes comunicacionais, transformaram não só a cotidianidade, mas também a percepção do próprio homem em relação ao mundo, a si mesmo e ao Outro.” (p. 172-173).



cultura, às comunicações e às relações entre as pessoas. Passados quinze anos, não há como negar o fato de que estamos inscritos em um mundo que se tornou digital. Tal constatação implica reconhecer as significativas mudanças no que tange a forma pela qual a informação é gerada, armazenada, recuperada processada e transmitida. Para esse autor, essa “revolução tecnológica” caracteriza-se pela “aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (CASTELLS, 2003b, p. 693).

No entanto, em que pese o alerta feito por Castells (2003b) ainda estamos surpreendidos com a velocidade destas transformações. Quem ousaria pensar no declínio de velhas identidades – que estabilizadas conferiam unidade ao mundo social – cedendo passagem às identidades muitas vezes contraditórias que, por meio de experiências múltiplas, ocupam e enriquecem a cena juvenil contemporânea? Nesse contexto, surgem novos territórios, sem margens definidas e com fronteiras abertas, pelas quais transita o(a) jovem do século XXI, muitos dos quais têm a oportunidade de desfrutar do “aparato tecnológico do ciberespaço, fazendo links, produzindo hiperlinks e compondo a si mesmos e a seus pares” (PARAISO; SALES, 2011, p. 300).

As diferentes práticas sociais produzem significados através das relações que exercemos em nosso cotidiano. Nessa esteira, podemos pensar que as práticas sociais “online” dos(as) jovens são formas de integração a uma cultura tecnológica que lhes permite circular em distintos espaços. O “estar conectado” identifica um espaço onde se socializam e interagem, da mesma forma como costumam fazer em outros locais que frequentam (CASTELLS, 2003b). Nessa lógica, é pertinente questionar em que medida as novas tecnologias, seus recursos e possibilidades, vêm interferindo na constituição das juventudes contemporâneas. Ou ainda, como os(as) jovens administram seu tempo quando o assunto envolve, por exemplo, acesso às redes sociais?

Os(as) jovens – aqueles que têm entre 15 e 29 anos – são parte de uma geração na qual muitos nasceram com a internet em casa. No caso brasileiro é importante esta ressalva, posto que o estudo coordenado por Nery (2012) apontou uma expressiva desigualdade no acesso às redes de informação e comunicação a nível doméstico, a qual, embora tenha apresentado mudança desde o primeiro estudo realizado em 2000, ainda persistem significativas disparidades em nível nacional. No entanto, é necessário salientar que: existir desigualdade quanto às modalidades de acesso não nega o fato de que mesmo os(as) jovens economicamente desfavorecidos vêm por outras vias (lan houses, as escolas...) e quiçá, com menor intensidade, desenvolvendo uma maior intimidade com as tecnologias digitais.

Chamados nativos digitais (PRENSKY, 2001), aqueles(as) jovens que puderam muito cedo aceder às TICs, adquiriram não apenas novas habilidades e

competências para uso das mesmas, mas desenvolveram distintas formas de administrar seus recursos e seu tempo na medida em que foram se familiarizando com a utilização concomitante de várias ferramentas. É comum vermos jovens escutando música ao mesmo tempo em que usam o computador, acessam e respondem mensagens pelo WhatsApp, etc. Outro destaque importante, no que tange ao uso de tecnologias digitais, tem a ver com a habilidade que os(as) jovens desenvolveram em estabelecer relações sociais e redes de cooperação que são ativadas em face de determinados projetos, sejam eles constituídos a partir de laços familiares, de amizade, de trabalho, de atividades acadêmicas ou escolares.

Estar no mundo implica produzir e ser produzido pela cultura. A cultura, ao fazer circular informações, contribui, também, para a produção e a circulação de valores, condutas. A cultura está no centro dos processos, não apenas globais, mas da vida cotidiana, destacando-se o seu papel constitutivo e localizado da produção discursiva do que está ao seu redor. Existe, pois, uma clara imbricação entre cultura e produção das juventudes. Nesse artigo, pensar as novas tecnologias da informação e da comunicação como um importante disparador para a constituição das identidades e subjetividades juvenis representa mais que tomá-las como produtoras de assujeitamentos. É reconhecer a possibilidade de mútua interferência, e não meramente como o resultado de um processo de identificação.

A experiência – ensina Larrosa Bondía (2002) – é aquilo que passa – que me passa – que acontece ou toca a cada um de nós. É da ordem do padecimento, da paixão. E como as experiências com as novas tecnologias e, em especial, com a internet atravessam a vida dos jovens estudantes de nossa Universidade?

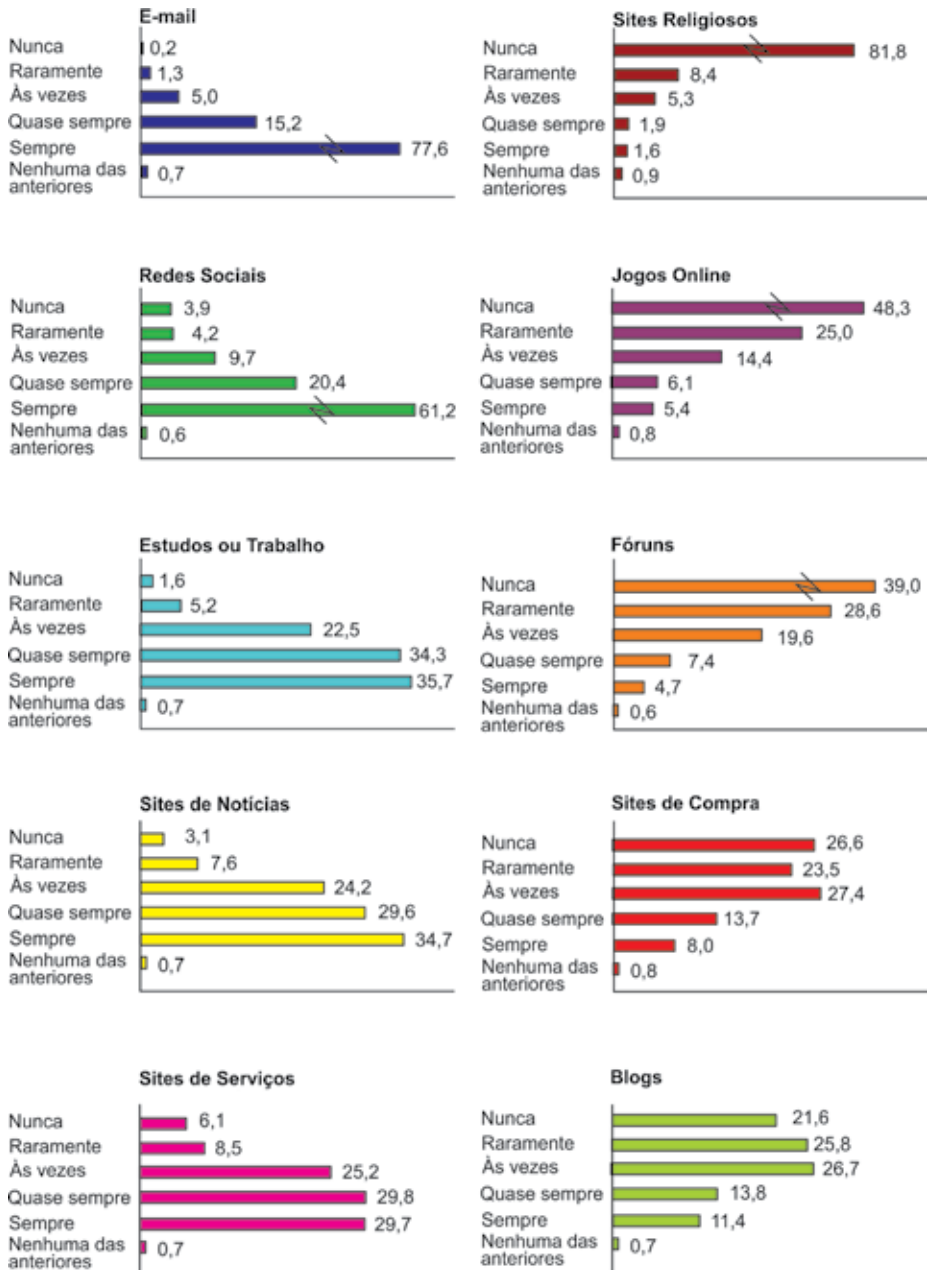
## **Tempo II - O uso das Tecnologias pelas juventudes da PUCRS**

Nesta parte do texto passaremos a fazer uso de extratos de falas de acadêmicos recolhidas durante a realização do grupo focal.

A internet é, sem dúvida, a tecnologia mais utilizada por nossos jovens estudantes. Tal dado é corroborado pelos achados da investigação desenvolvida por Souza (2011) junto a um grupo de 38 universitários(as), de uma Instituição Privada de Ensino no Distrito Federal. Vale lembrar que um estudante universitário, com frequência, evidencia performances diferenciadas daqueles que estão em níveis de escolaridade média e fundamental. Entre outras razões podemos pensar no fato de que tem um maior domínio do inglês e acesso a equipamentos mais sofisticados que lhes viabilizam aceder a programas e serviços de maior complexidade.

Olhando detidamente para os achados de nosso estudo é possível constatar que e-mails e redes sociais despontam como aquelas atividades nas quais se concentram o maior índice de internautas. Quanto aos menos acessados, encontramos os Blogs, os sites religiosos, os sites de compras e jogos *online*. Na discussão feita entre os pesquisadores que coordenam este estudo levantou-se a hipótese

Gráfico 1: Frequência de acessos na internet (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

de que talvez essa baixa frequência, no que tange especificamente aos jogos, possa ser creditada ao fato de nossos(as) universitários(as) terem uma agenda sobrecarregada ao longo do dia, conforme já foi discutido no capítulo que abordou mais especificamente os cotidianos juvenis. Outra possibilidade poderia ser a indagação quanto ao fato de que a amostra deste estudo não tenha capturado a comunidade *gamers*<sup>5</sup> de nosso país.

Quanto à importância deste acesso fluido e constante de redes digitais o universitário é categórico.

Eu ainda acredito que a internet derrubou fronteiras sim. Porque... o que é derrubar fronteiras? Eu ter conhecimento das coisas, eu poder chegar nesse lugar. É claro que fisicamente eu não vou chegar lá na China. Mas eu sei como é lá. Não porque veicularam lá no Estadão ou que veicularam lá no G1<sup>6</sup>. Não é isso. São blogs, são pessoas que tão falando mesmo as coisas. Eu to vendo que elas tão pensando. Eu to vendo os vídeos das pessoas que tão saindo na rua. Entendeu? É eu saber que lá na Rússia tem um cara que bate nos homossexuais na rua e veicula a identidade dele. Eu quero levar isso pra mesa de jantar da minha mãe, entendeu? Eu quero falar com ela sobre isso. É isso que é derrubar fronteiras. É eu não ficar só no meu mundo. Eu quero conversar com as pessoas sobre o que ta acontecendo em outros lugares. Não é só aqui em Porto Alegre, não é só na rua onde eu ando... É no mundo inteiro. Pra mim isso é derrubar fronteiras. (GF4, S6)<sup>7</sup>

As diferentes práticas sociais produzem significados através das relações que exercemos em nosso cotidiano. Nessa esteira, podemos pensar que as práticas sociais “*online*” dos(as) jovens são formas de integração a uma cultura tecnológica que lhes permite circular em distintos espaços.

Consciente de que não estamos imunes ao que se passa ao nosso redor, outro componente do grupo pondera a respeito das novas formas de dependência.

É, mas é uma “faca de dois gumes” porque tu escolhe até ali. Quantas pessoas já não desenvolveram “n” patologias porque ficam dependentes daquelas ferramentas que ao mesmo tempo que podem te abrir o mundo, podem te excluir do mundo. Sabe? (GF4, S2).

5 Termo usado habitualmente para indicar quem passa seu tempo livre jogando ou aprendendo sobre jogos *online*.

6 O G1 é um portal de notícias brasileiro mantido pela globo.com e sob orientação da Central Globo de Jornalismo.

7 Para melhor entendimento dos registros esclarecemos que o S seguido de um algarismo que aparece logo após o parêntese, indica o número que cada um dos universitários recebeu ao chegar, tendo em vista favorecer a fidedignidade no apontamento das falas de cada um dos participantes do grupo e GF4 identifica que se trata do Grupo Focal que tomou em questão a temática “Juventudes e Novas Tecnologias”.

As formas como descrevemos o que vimos, pensamos ou sentimos não são simples automatismos ou atos transparentes, posto que traduzam modos muito particulares de olhar a vida atravessados por valores e julgamentos. Melucci (2005) aprofunda esse entendimento quando alerta para o fato de que a linguagem e a escrita não se reduzem a tornar inteligível o que já existe, mas são ativas produtoras de conceber o mundo, a vida e as relações... Considerando que na contemporaneidade as interações sociais são atravessadas por processos e estratégias representacionais que contribuem para o surgimento de novas formas de subjetivação, é inegável a contribuição dos processos que se articulam às novas tecnologias digitais para constituição das identidades e subjetividades juvenis conforme refere o(a) jovem acadêmico(a). O “estar conectado” identifica um espaço onde se socializam e interagem, da mesma forma como costumam fazer em outros locais que frequentam (CASTELLS, 2003b). Os(as) jovens que investigamos fazem parte de muitas redes (Facebook, linkedin, twitter...) o que os coloca em uma contínua teia de relações.

Eu não seria quem eu sou... Eu me formei na internet. Eu li os livros pela internet. Eu falei com as pessoas pela internet. Eu melhorei meu inglês. Eu descobri o que a sociedade queria, como ela queria que eu me vestisse, como ela queria que eu me portasse... Eu joguei jogos pela internet... Todas as minhas concepções assim... E eu seria uma pessoa muito mais cabeça fechada... Eu não saberia que as pessoas agindo de forma diferente do que eu acho também são felizes (GF4; S6).

Para Lacerda (2009) ao colocar em circulação textos, imagens, saberes que, de alguma maneira interferem nos modos de pensar, sentir e colocar-se, as mídias injetam representações e interferem na constituição/produção de nossas subjetividades. A subjetividade seria assim o resultado de processos que começam antes dela e vão para além dela. Tais processos podem ser sociais, culturais, psíquicos e resultantes de determinações que estão aquém e vão além da experiência de si, e, de alguma maneira, a conformam e, no mínimo, lhe impõe limites e condições. Para Guattari e Rolnik (1988, p. 28) “a produção de subjetividade constitui matéria prima de toda e qualquer produção. Daí a importância de investigar os efeitos dessas novas discursividades postas em circulação no mundo contemporâneo”.

Nesta direção, outro dado interessante trazido pelos(as) jovens participantes do grupo focal se refere ao fato de sentir-se refém da internet. Ao mesmo tempo em que conseguem fazer essa análise apontam para uma dificuldade em romper com essa atadura imaginária que os enclausura em seus quartos diante da tela do computador, do *ipad*, do *smartphone*. Trata-se de um excerto longo, mas que será trazido na íntegra para melhor poder acompanhar o pensamento do(a) jovem.

Eu acho que, sei lá, eu acho que concordo mais com o 8 do que com o 1, nos discursos mais extremos assim... Porque eu me sinto refém da internet, entendeu? Sei lá, muitos materiais da aula são... Vou usar a rede social, no caso, que é uma das coisas que mais me prende... Entendo também que é uma escolha nossa, eu sei, mas eu me sinto muito refém, porque muitos materiais que foram dados em aula, uma pessoa da turma pega e ao invés de mandar por e-mail, manda pela rede social, manda pelo grupo do Facebook, por exemplo. Esse projeto do qual eu participo, eu organizo, muitas pessoas... A divulgação a gente faz pelo Facebook. Eu to toda hora entrando no e-mail. Existe uma necessidade. “Pô, tu não entrou no e-mail! Por que tu não viu?!”, “Bah, tu não fez isso aqui. Por que tu não fez?”. E aí, eu me sinto bombardeada de informações... E eu sou muito curiosa. E quando eu vejo passou muito tempo. Eu sei que provavelmente talvez se eu ficasse menos tempo na internet eu não ia caminhar como eu gostaria ou falar com as pessoas como eu gostaria e ficaria vendo televisão ou viajando, não sei. Mas ao mesmo tempo... Eu até tava pensando esses dias... Eu me sinto... Eu até tava falando isso antes de ontem, eu acho... Tava falando com uma amiga minha, que... Ela fez cursinho comigo, passou na federal de SC... Nosso meio de comunicação é a internet, porque obviamente é mais barato... Daí ela me mandou uma mensagem pelo Facebook, pela rede social, dizendo “me manda um e-mail com o teu telefone porque eu vou desativar meu Facebook”. Daí eu mandei “bah, o que aconteceu?! Ta tudo bem? O que houve?”, “Ah, não, não, é só uma aposta com uma amiga, não sei o que... E também por qualidade de vida”, ela colocou. E eu parei e pensei nisso, sabe. Porque essa sexta feira, esse semestre, eu tenho um dia livre praticamente e é a primeira vez que acontece isso na faculdade. E já foram duas sextas feiras desde que começaram as aulas e eu passei praticamente a sexta-feira inteira enfurnada no computador fazendo sabe-se lá Deus o quê! E o tempo voou... Eu sei que é uma escolha minha, entende? Mas eu tava pensando nisso esses dias... Eu me sinto um pouco refém... E aí quando vê uma coisa entra, outra coisa sai, daí vem o e-mail, e vem não sei o que, e vem uma notícia daí quero olhar, não sei o que... E, sei lá, eu sei que se não fosse a internet seria alguma outra coisa, mas... (GF4; S2).

Acenando com infinitas possibilidades para o consumo e desenvolvimento, a contemporaneidade ao mesmo tempo em que sugere o aumento da capacidade de ação social do(a) jovem, estabelece um grande controle e regulação da produção sistêmica de significados. Ao desabafar que permanece “enfurnada no computador fazendo Deus sabe o quê”, a acadêmica aponta para as constantes negociações feitas em redes comunicacionais interdependentes. Ao mesmo tempo em que sinaliza para o temor de ficar desconectada das redes sociais o que equivaleria a condenação ao “exílio simbólico” (CARRANO, 2000, p. 22). Para muitos(as) jovens, a exclusão das redes é uma forma de exclusão mais grave do que quaisquer outras, o que poderia justificar o elevado índice de acessos. A complexidade da organização social contemporânea confronta os(as) jovens com o desafio de afirmar-se num mundo no qual “as esferas da produção se transformaram em produção de signos”. (Idem)

Feixa et al. (2002) em um estudo quanti-qualitativo promovido pelo Observatori de la Infancia i les Families de Barcelona, sobre utilização da internet sinalizou não somente para o crescimento expressivo do número de jovens usuários, mas para o tipo de uso mais lúdico quando comparado à utilização dos recursos pelos adultos. Tais achados foram, em parte, corroborados em nossa investigação a partir da análise dos dados do questionário. Na ótica da ludicidade o estudo espanhol identificou três dimensões para o uso da internet a dimensão interativa, a dimensão musical e a dimensão do jogo sendo que o uso para o trabalho só apareceria de forma incisiva na adultez. Passado mais de onze anos nossos achados encontram algumas semelhanças com o estudo de Barcelona, uma vez que a prevalência de uso da internet permanece focada na dimensão interativa. Falar da dimensão interativa abre as portas para as relações que se dão em redes, as quais possibilitam interagir com outros(as) jovens (E-mails, Redes Sociais, Fóruns,...) e com o conhecimento. Para isso, habilidades outras, talvez não pensadas no estudo de Feixa et al. (2012), estejam sendo requeridas, em especial no que tange à capacidade de encontrar, selecionar interpretar e partilhar dados. Vale dizer que, com as redes sociais, abrem-se aos jovens as possibilidades de discussões em tempo real, a partir de qualquer dispositivo móvel. Quanto às outras duas dimensões (musical e jogos) pensamos que nos faltam alguns elementos para um cotejamento marcado pelo rigor. No que tange à frequência de acessos que envolvem os jogos online constata-se um importante declínio, que já foi discutido neste texto. Quanto à dimensão musical, não colocada por nós entre as possíveis alternativas, demandaria uma investigação mais específica.

A internet com seus dispositivos gerou as condições de possibilidades para que espaços sem fronteiras rigidamente demarcadas, criassem e reconfigurassem as relações tanto territoriais como virtuais. Para Lévy (2010, p. 194) “o ciberespaço é um potente fator de desconcentração e deslocalização [...]” Para um dos nossos jovens interlocutores a vida sem internet ficaria “complicada”.

Eu teria bem menos acesso a informações e ia ficar muito mais difícil chegar as informações que eu gosto, porque eu não assisto televisão. E jornais eu leio muito poucos, alguns. Bem pontuais assim. E no meu dia a dia no trabalho, seria bem complicado, porque eu uso bastante bancos de dados e artigos que eu acesso basicamente pela internet. Então... Ia ser muito mais complicado [...] (GF4; S4).

As juventudes desfrutam os espaços da rede produzindo e sendo produzidos pelas muitas possibilidades que as novas tecnologias colocam a seu dispor. Para Oliveira e Sousa, (2012, p. 2) “essa é uma maneira de existir no e com o ciberespaço como sujeito de criação e transformação”, realidade ainda não levada em consideração por muitos pesquisadores (DEMO, 2004; COELHO; ASSUNÇÃO, 2010).

O quadro abaixo nos fornece um belo exemplo quanto à relevância da internet para o acesso a informação. Tal resposta confirma-se com o dado coletado no questionário no que diz respeito à principal fonte de conhecimento.

Quadro 1: Principais fontes de acessos a informações

Principal fonte de informações / notícias:	Porcentagem	Frequência
Internet	77	3846
Jornais impressos	5,2	260
Rádio	5,2	259
Revistas impressas	0,3	13
TV aberta	10,4	521
TV fechada	1,7	84
Não respondeu	0,3	15

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

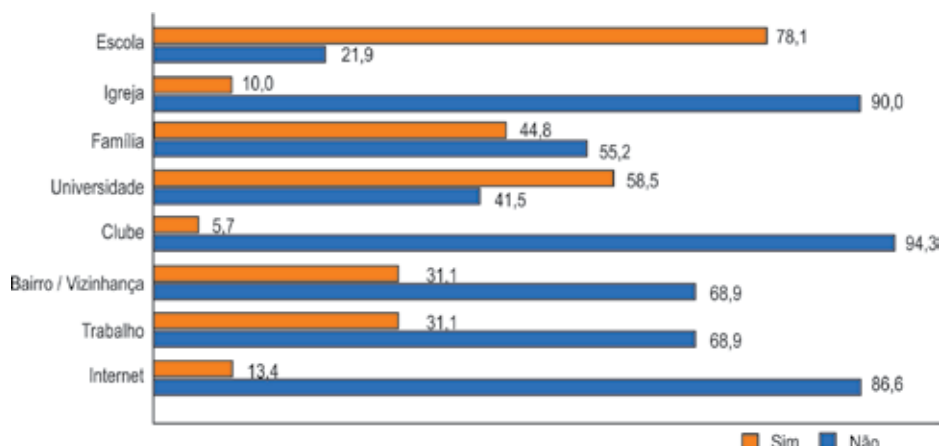
Aqui temos uma questão para pensar: apesar de referirem que a internet é fundamental para acesso às informações, um número reduzido dos respondentes declarou utilizar *sempre* (grifo nosso) a internet como um recurso para estudo/trabalho. Em que pese alcançar o índice de 70% quando agregamos os resultados correspondentes ao “sempre” e ao “quase sempre”, a porcentagem de uso ainda é inferior quando comparada, por exemplo, ao acesso às redes sociais (que se adotarmos o mesmo procedimento, atinge um patamar de 80, 6%). Por outro lado, quando questionados, 57,3% dizem que costumam dedicar de uma a cinco horas diárias navegando pela internet enquanto somente 21,8% dedica a essa mesma atividade entre 6 e 15 horas diárias.

Diante disto faz-se necessário reconhecer que os recursos disponibilizados pela sociedade da informação ainda não estão apropriados na mesma medida, por todos. Tal constatação aliada ao diálogo reafirma o compromisso da Universidade na preparação de seus egressos para melhor desfrutar a sociedade do conhecimento. Em um artigo no qual discute os desafios aos professores do século XXI, Bauman (2009) nos convida a pensar na urgência de aprender a viver em um mundo ultrassaturado de informações bem como “a arte ainda mais difícil de educar o ser humano neste novo modo de viver.” (BAUMAN, 2009, p. 667).

Outro tema recorrente nos estudos que envolvem as relações dos jovens com a internet, envolve os sites de relacionamento. A construção do que consideram “melhores amigos” não foram mediadas pela internet de acordo com o questionário respondido pelos(as) jovens universitários(as) da PUCRS, uma vez que somente 13,4% diz ter construído suas melhores amizades por essa via.



Gráfico 2: Principais locais em que as amizades foram construídas (N=4.998)



Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

O gráfico acima confirma que, neste aspecto, a busca de novas amizades através das mídias digitais é ainda incipiente. Esta é uma questão que coloca em xeque uma crença quanto à efemeridade e descartabilidade dos vínculos construídos pelos(as) jovens através da internet. Vale dizer que no grupo focal ficou evidenciado que os(as) jovens fazem uso das redes sociais preferencialmente para relacionamento com amigos que já existiam anteriormente, pois foram construídas em espaços como a escola e a universidade.

Ainda com relação ao grupo focal, as redes sociais – desde as mais antigas até as mais atuais – foram referidas como sítios importantes para a construção, reencontro e fortalecimento de amizades, em que pese não se restringir a isso. Os extratos a seguir são representativos dos distintos objetivos com os quais os(as) jovens fazem uso das redes sociais.

Eu uso o Facebook pra muita coisa. Não só pros meus amigos. Mas por exemplo assim, tem o grupo desseVerSUS, que é a galera quem fez o projeto comigo... E lá a galera posta muitos artigos interessantes. Eu tava lendo um desses dias, que, meu Deus! Contribuiu muito pro que eu tava fazendo. Com trabalho, inclusive, da faculdade. Eu uso também muito pra compartilhar material de aula. Eu uso pra falar com os amigos, obviamente. Eu uso também pra agenda. Uso muito como agenda. Então sim, Facebook é muito mais do que só amigos, entende? Eu uso pra várias coisas. [...]. Meu Deus! Eu uso muito o Facebook pra n coisas. Não só pra falar com os amigos, sabe (GF4; S2).

Daí tipo o LinkedIn tu pode selecionar uma coisa bem mais profissional. É empresa, é trabalho, é artigo... É coisa assim. Então eu gosto do Lin-

kedin por causa disso, sabe? E o Facebook muito por causa dos amigos, sabe? Muito... manter contato com... Ta todo mundo lá daí tu... Que encontrar os colegas da 3ª série... (GF4; S3).

Para Castells (2003a) o espaço da rede confere o suporte para que distintas formas de ser e estar no mundo possa concretizar-se. No entanto, diferente do que muitos querem fazer crer, os(as) jovens têm críticas aos modos de uso das redes sociais, em especial ao excesso de exposição. Sob esse aspecto o depoimento abaixo é revelador de um posicionamento que não adere a todo e qualquer modismo. É importante lembrar que as redes sociais diferenciam-se de outras mídias, tendo em vista as inúmeras possibilidades de interação já que permite o compartilhamento de textos, imagens, vídeos, músicas que, sem pedir licença, invadem as nossas percepções.

Eu acho que é meio vazio assim. Rola uma coisa do vazio do excesso. Porque é infinita a informação. Então tem um vazio rolando ali. Acho que tem uma característica bem forte dos brasileiros... Eu acho que é o povo mais viciado em Facebook... Já li sobre isso assim... Em redes sociais em geral. E acho que tem um mau uso danado aqui, cara. Eu vejo pelos meus amigos que são pessoas super legais e tu entra na página ali... É um baita dum desastre, cara (GF4; S8).

Ao que outro participante do grupo agrega

Exato, né. E tem o contrário também, né. Bah, daí vamos ver os conteúdos que ele ta compartilhando, vamos conversar pessoalmente... (GF4; S6).

Sobre essas transformações que implicam uma espécie de borramento de fronteiras entre o público e o privado, o singular e o coletivo, Lévy questiona:

O que acontece com a distinção bem marcada entre o sujeito e o objeto do conhecimento quando nosso pensamento encontra-se profundamente moldado por dispositivos materiais e coletivos sócio-técnicos? Instituições e máquinas se entrelaçam no íntimo do sujeito (LÉVY, 1993, p. 10).

Estamos diante de uma realidade que possui uma nova forma de organização. Não vivemos mais uma época em que a rede (computadores e internet) é considerada apenas como uma ferramenta que decidimos se vamos ou não utilizá-la (CASTELLS, 2003a). Nela existe não apenas uma relação diferenciada com a tecnologia, mas um novo estilo de sobreviver é arquitetado, instaurado e está em constante construção. Podemos considerar esse processo como uma modernização dos modos de viver, que são influenciados pela tecnologia.

Eu acredito que a gente tipo derrubou todas as fronteiras, a gente pode conseguir qualquer informação, as boas e as ruins, a gente pode ver tudo que ta

acontecendo em qualquer lugar...Claro que tem o que é verdade e o que é mentira, mas principalmente essa dualidade de tu pode ter todo mundo ali dentro ou tu pode ter o teu mundinho. Então isso que é o mais incrível da tecnologia: tu escolhe o que tu vai fazer, o que tu vai ver (GF4; S3).

Para Don Tapscott (2010) a geração internet nasceu e cresceu atravessada pela cultura digital e, como consequência disto, tem outra compreensão acerca das relações sociais. Tal entendimento diferenciado vem operando no sentido de que ocorram mudanças em todos os níveis da sociedade, o que implica necessariamente novas formas de viver e compreender o mundo que aí está.

### **Tempo III: Para continuar a pensar**

A diversidade cultural juvenil está muito ligada à questão da globalização em função da circulação e produção das informações. Esse processo se manifesta por vivermos em uma realidade de percursos caracterizada por situações que compreendem pessoas, ideias, imagens e tecnologias e que provoca mudanças globais, mas também locais, já que o local também pode ser projetado e inventado de acordo com o contexto histórico vivenciado.

Para exemplificar tomaremos dois episódios que se distanciam temporal e espacialmente. O primeiro deles aconteceu em 2008, na Grécia, quando o enfrentamento da polícia com os jovens, culminou com a morte do jovem Alexandros Grigoropoulos (16 anos). O segundo envolve as manifestações dos jovens na cidade de Porto Alegre como resposta ao aumento das passagens dos transportes coletivos urbanos.

O primeiro deles desencadeou manifestações em diferentes cidades gregas, mediante uma convocatória que fez uso das novas tecnologias de informação e de comunicação. As escolas e as universidades passaram a ser palco de assembleias, nas quais, nas palavras de uma professora brasileira que vivia naquele país, “o que se discute é a condição de vida” (sic).

É difícil isolar aquele acontecimento de um contexto maior, onde a precariedade das condições de futuro oferecidas às juventudes mostrava-se assustadoras. Sem dúvida, os acontecimentos na Grécia expressaram a indignação contra a violência policial, mas também mostraram que os problemas que jovens vinham enfrentando, (e não somente naquele país) não haviam encontrado eco nas instituições encarregadas de sua proteção. Além disso, as manifestações juvenis mostraram que se colocava à disposição da sociedade uma nova tecnologia capaz de mobilizar, muito rapidamente, as pessoas em torno de uma problemática que se pergunta sobre os direitos do cidadão.

De modo semelhante ao acontecido na Grécia, outras mobilizações tiveram repercussões expressivas, seja localmente ou internacionalmente, apoiadas de maneira expressiva pelas diversas redes sociais, como foi o caso da Primavera-

ra Árabe (Egito, Tunísia, Líbia, Iêmen, etc.), do Movimento de “Los Indignados” (Espanha), do Occupy Wall Street (Estados Unidos), #yosoy132 (México), entre outros (FEIXA; NOFRE, 2013).

No Brasil o ano de 2013 foi exemplar na contribuição das tecnologias da comunicação, quando se pensa nas manifestações que envolveram jovens. As convocações através das redes sociais atingiram um número muito significativo de participantes, e a postagem de vídeos/ fotos/ depoimentos em tempo real – graças à portabilidade dos dispositivos móveis colocaram em xeque algumas informações veiculadas a respeito do movimento juvenil.

Esse movimento corrobora a ideia de Tapscott (2010) quanto às transformações na forma de colocar-se no mundo quando se nasce em um tempo no qual meios eletrônico-tecnológicos se constituem em importantes disparadores para as muitas das transformações que estamos vivendo.

E parar pra pensar que hoje em dia a gente tem a capacidade de ter transmissão de informações em milésimos de segundo, entendeu? A tecnologia é uma realidade, uma constante realidade e que traz muitos avanços para a sociedade, eu acho (GF4; S5).

É inegável que as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação vêm ocupando um lugar estratégico na configuração de novas modalidades de socialização. Essa radical transformação contribui para que o espaço de construção de nossas subjetividades envolva múltiplas referências que são, por vezes, incoerentes e fragmentadas. É preciso que não nos esqueçamos que a socialização é fenômeno complexo, histórico e, temporalmente determinado, sendo engendrada a partir de inúmeros dispositivos que estão espalhados por todo o tecido social. Veiga-Neto (2003, p. 140) destaca uma importante mudança operada na forma como nos subjetivamos.

[...] de uma subjetivação em que a disciplinaridade é central – na qual a escola, como instituição fechada e episódica para nossa vida, teve e ainda tem, papel fundamental está-se passando para uma subjetivação aberta e continuada – na qual o que mais conta são os fluxos permanentes que, espalhando-se por todas as práticas e instâncias sociais, nos ativam, nos fazem participar e nos mantêm sob controle.

Estamos frente a frente com novos estudantes, com novas capacidades e também, novas necessidades. Sujeitos estudantes que transitam em cenários sociais, culturais e educacionais muito mais alargados do que aqueles nos quais a maioria de seus professores se constituiu. Da escola que solicitava a reprodução de dados e escuta incontestes à palavra dos professores, estamos testemunhando um deslocamento para a pedagogia da imagem, na qual as novas tecnologias da

informação e da comunicação estão centralmente implicadas na produção de outras formas de ser e de estar no mundo.

Aprender/ensinar nestes novos tempos, precisa transformar-se em ato criativo que convoca os sujeitos envolvidos nesse processo a outras formas de adesão ao conhecimento. Trata-se agora de reconhecer que, se educar implica apostar na possibilidade de alguém ser diferente do que até então o foi, ensinar requer deixar-se afetar pelas formas originais, únicas para aprender. Nessa perspectiva, o aprender, o deixar-se atravessar por experiências de aprendizagem, é também inventar e inventar-se.

Para concluir gostaríamos de trazer um diálogo que ocorreu durante o grupo focal:

Eu tenho colegas na faculdade que não sabem procurar livro na biblioteca (GF4; S1).

Que nem subiram. Que nunca foram na biblioteca (risos) (GF4; S7).

Tem alguns que são obrigados a ir porque não tem outra forma de conseguir o livro fora da biblioteca. E não sabe procurar (GF4; S1).

A questão cuja interpretação poderia reduzir-se a um despreparo para utilização das ferramentas disponibilizadas pela Biblioteca da Universidade, uma das mais modernas e que está complementarmente informatizada, abre a possibilidade para discussões essenciais no que tange à multiplicidade das juventudes e a democratização do acesso às novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Temos acadêmicos que não possuem computadores em casa, e em alguns casos, mesmo tendo computadores, o acesso à internet é precário. De outra parte, temos outros, nativos digitais, que evidenciam altas habilidades para transitar em um mundo conectado. Tais diferenças, ainda que restritas a um grupo pequeno, não podem ser desconsideradas pelos educadores do século XXI uma vez que elas impactam, fortemente, nos processos de ensino aprendizagem.

Indagar a respeito das juventudes pela via deste último diálogo entre jovens estudantes da PUCRS, quiçá seja uma contribuição para encontrar pistas, rastros das operações que constituem os sujeitos que a Universidade acolhe em seus espaços e, desde esse lugar, inscreve-se como participante na construção de projetos de vida.

## Referências

- ABRAMO, H. W; BRANCO P. P. M. (Orgs.) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BAUMAN, Z. Entrevista sobre Educação. Desafios Pedagógicos e Modernidade Líquida. (Segunda parte da entrevista: Os desafios da educação: aprender a caminhar sobre areias movediças, realizada por Alba Porcheddu). Trad. Neide L. de Rezende e Marcello Bulgarelli. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742009000200016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742009000200016&script=sci_arttext).
- CARRANO, P. C. R. As identidades são múltiplas. In: **Movimento**, Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 1, p. 11-27, mai. 2000.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. O poder da Identidade. Vol II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003a.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. v. 1, São Paulo: Paz e Terra, 2003b.
- COELHO, M. das G. P; ASSUNÇÃO, Z. da S. **A Internet como Tecnointeração na Aprendizagem Remodela Cultura e Identidades Juvenis**. Natal: UFRN, 2010.
- DEMO, P. **Desafios Modernos da Educação**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004
- FEIXA, C. et al. **Movimientos juveniles: de la globalización la antiglobalización**. Barcelona: Ariel, 2002.
- FEIXA, C.; NOFRE, J. (Orgs.). **#GeneraciónIndignada: topías y utopias del 15M**. Lleida: Editorial Milenio, 2013.
- GAMA, S. **Juventudes: o projeto social como espaço para a construção da socialidade juvenil**. Porto Alegre: Projeto de Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, 2013.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- LACERDA, M. P. C. de. **Políticas de diabolização das juventudes: mídia, subjetividade e educação**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19. São Paulo, p. 20-28, jan./fev./mar.(a)br., 2002.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
- MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NERY, M. (Coord). **Mapa da Inclusão Digital**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2012.
- OLIVEIRA, J. R.; SOUSA, C. Â. de M. **Juventude e ciberespaço: implicações do uso da internet na constituição da sociabilidade juvenil**. Disponível em <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-45.pdf>
- PARAISO, M.; SALES, S. R. Currículo do Orkut: escrita de si na subjetivação juvenil. **Ensino em Re-Vista**, v. 18, n. 2, p. 299-310, jul./dez. 2011.
- PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, M. **On the Horizon**. NCB University Press, v. 9 No. 5, October, 2001. Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/>>

SOUSA, C. Â. de M. Novas linguagens e sociabilidades: como uma Juventude vê novas tecnologias. **Revista Interações**, n . 17, p. 170-188, 2011. Universidade de Lisboa.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo das empresas ao governo. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VEIGA-NETO, A. J. da. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 5-15, ago. 2003.





## Capítulo 5

### AS JUVENTUDES E AS MÚLTIPLAS MANIFESTAÇÕES DAS VIOLÊNCIAS: UMA REFLEXÃO ÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE

*Giovane Antonio Scherer<sup>1</sup>*

*Patrícia Krieger Grossi<sup>2</sup>*

*Beatriz Gershenson Aginsky<sup>3</sup>*

#### 1. Introdução

A violência se constitui como um termo muito utilizado na contemporaneidade, sendo que, muitas vezes, o seu debate se materializa de forma fragmentada, ocultando muitos processos que são fundamentais para a compreensão desse elemento em suas múltiplas dimensões. A relação entre juventudes e violências, em muitos contextos, denunciam abordagens que esfumaçam mediações necessárias na compreensão da complexidade do debate a qual acarretam em processos de culpabilização desse segmento social que vem vivenciando de forma particular o contexto de violência na realidade brasileira.

O presente capítulo pretende apresentar o debate sobre juventudes, violência e ética, a fim de desvendar as percepções da juventude sobre tais temáticas. Apresenta-se a análise das falas das juventudes a respeito da temática violência, bem como, suas formas de manifestação e naturalização por meio de diversos processos sociais, buscando realizar uma mediação com o conceito de ética e sua importância como forma de enfrentamento à cultura da violência potencializada no contexto atual.

Nesse sentido, refletir sobre a relação entre violências e juventudes mostra-se de fundamental importância, uma vez que, os(as) jovens vêm se constituindo como o segmento social que mais vem sofrendo com as múltiplas formas de violência observada no contexto atual. Assim, o presente capítulo busca analisar, especialmente por meio do grupo focal sobre a temática “ética, moral e violência”, o que os(as) jovens compreendem como violência e como visualizam as múltiplas manifestações das violências em seu cotidiano.

---

1 Assistente Social. Mestre em Serviço Social. Professor da Faculdade de Serviço Social da PUCRS. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

2 Assistente Social. PhD em Serviço Social. Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social da PUCRS. Pesquisadora do Observatório Juventudes PUCRS. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência, Ética e Direitos Humanos.

3 Assistente Social. Doutora em Serviço Social. Professora Titular da Faculdade de Serviço Social da PUCRS.

## 2. Juventudes e Violências: Reflexões Éticas sobre a Conjuntura Juvenil.

Compreender as relações entre violência e juventudes mostra-se de fundamental importância, uma vez que, muitas vezes, este debate é feito de forma fragmentada, dando contornos preconceituosos, resultando em uma visão estereotipada deste segmento social. Questionar como as juventudes vêm vivenciando as múltiplas manifestações das violências, é premissa fundamental para a análise do contexto juvenil na contemporaneidade, isso porque diversas pesquisas<sup>4</sup> apontam que as juventudes se constituem como o segmento social que mais vivencia os impactos da conjuntura de violência na realidade brasileira. Portanto, se torna fundamental conceituar o termo violência, na perspectiva de compreender as suas múltiplas manifestações no cotidiano das juventudes.

A violência se constitui como um fenômeno construído social e historicamente, não existindo uma definição única, sendo que cada cultura e sociedade a conceituam a partir de seus valores. O termo “violência” remete-se a um leque heterogêneo de significados e manifestações que são percebidos de maneiras distintas em cada situação específica e lugar de onde se observa o fenômeno (SCHERER, 2013). Apesar da complexidade conceitual do termo, pode-se perceber que há um núcleo central atrelado, de uma ou outra forma, à noção de agressão física ou moral, que pode causar danos ou sofrimentos a pessoas ou grupos (WASELFISSZ; MACIEL, 2003).

Para Chauí (1999), a palavra violência possui cinco sentidos fundamentais sendo: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser; 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém; 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade; 4) todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito, 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.

Nesse sentido, todo ato de violência se constitui como uma ação contrária à ética, uma vez que ação violenta trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos (CHAUI, 1999). Desta forma, toda a ação violenta contra outra pessoa se configura em uma ação de reificação do outro, isso é, um ato de transformar o outro em objeto. O termo reificação diz respeito ao processo que implica na coisificação das relações sociais, dadas a partir da ação de “privilegiar os atributos das coisas materiais em detrimento as relações sociais que as qualificam” (IAMAMOTO, 2007, p. 57). Nesses termos, as relações de violência, se constituem em ações reificadas, na medida em que o sujeito ético como figura racional, voluntária, livre e responsável, passa a ser tratado como se fosse despro-

4 Com especial destaque para os estudos realizados por WASELFISSZ, (2011 e 2013), nos diversos mapas da violência.

vido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade, isso é, sendo tratado(a) não como humano(a) (CHAUI, 1999).

A reflexão desse processo, isso é, da base violenta que desencadeia processos de retificação no atual contexto social, se constitui como uma importante reflexão no campo da ética, que se configura como a antítese da lógica coisificada que os processos de violência geram. Isso porque a ética se constitui uma relação social, relação de mediação entre os imperativos exteriores, que são representados pelos costumes, sistema de normas concretas e abstratas, opinião pública, que compõem a esfera da legalidade, e a adesão ou rechaço do indivíduo aos conteúdos morais desse sistema de legalidade, que constitui a esfera da moralidade (HELLER, 1998). Portanto, Chaui (1999) afirma que a ética se dedica à reflexão sobre as coisas referentes ao caráter e à conduta dos indivíduos e por isso volta-se para a análise de um conjunto de ideias que são valores propostos por uma sociedade e para a compreensão das condutas humanas individuais e coletivas, indagando sobre suas causas ou motivos, seus sentidos, seus fundamentos e finalidades. É nessa perspectiva que o questionamento sobre a violência se constitui em uma reflexão ética, uma vez que questiona uma conduta humana que tem em seu cerne a violação do direito de outrem, sendo necessária em um contexto em que, muitas vezes, tais formas de violações são naturalizadas. O questionamento das múltiplas formas de violência vivenciadas por todos os sujeitos, especialmente para quem é jovem na conjuntura atual, se constitui em uma necessária práxis ética, representando uma “crítica da moral dominante e prática de defesa de direitos e valores emancipatórios” (BARROCO, 2008, p. 17). Nessa perspectiva, com o intuito de perceber como o segmento juvenil vem compreendendo o contexto de violências presente na sociedade e nas suas relações sociais, os(as) participantes da pesquisa foram questionados(as) a respeito da sua percepção em relação à categoria violência. Os debates realizados nos grupos focais indicam que os jovens e as jovens percebem a violência para além da agressão física, como um conjunto complexo de ações, de diversas ordens, que possui relação com a lógica de desrespeito a outro sujeito.

Acho que qualquer forma de desrespeito com outra pessoa é violência. A partir do momento que tu falta com o respeito, falta educação e tu é agressivo... Não precisa ser agressivo, às vezes uma palavra, o jeito que tu fala, como ele disse, preconceito, já é um tipo de violência (GF4; S5)<sup>5</sup>.

Sendo assim, pensar o debate de violência no contexto atual nos remete a pensar em um fenômeno plural, manifestado de diversas formas que traz em seu

5 Para melhor entendimento dos registros esclarecemos que o S seguido de um algarismo que aparece logo após o parêntese, indica o número que cada um dos(as) universitários(as) recebeu ao chegar, tendo em vista favorecer a fidedignidade no apontamento das falas de cada um(a) dos(as) participantes do grupo e GF4 identifica que se trata do Grupo Focal que tomou em questão a temática “Ética, Moral e Violência”.

cerne uma lógica violadora, que reifica o outro. Nesta esteira, os(as) jovens vêm sendo um dos segmentos sociais mais afetados pelas múltiplas formas de violência. Este dado pode ser verificado ao analisar os últimos Mapas da Violência, onde as juventudes são destacadas como uma das principais vítimas da violência. Segundo o Mapa da Violência de 2011 é na faixa “jovem”, dos 15 aos 24 anos, que os homicídios atingem sua máxima expressão, principalmente na faixa dos 20 aos 24 anos de idade, com taxas em torno de 63 homicídios por 100 mil jovens. O Mapa da Violência de 2013 refere que o corte na mortalidade por arma de fogo entre os(as) jovens e o conjunto da população vai se ampliando ao longo do tempo: se nos primeiros anos da série, a taxa jovem era 75% maior à da população total, nos últimos anos gira em torno de 116%, isto é, mais do que o dobro. Neste panorama, é possível observar um contexto de insegurança vivenciado pelas juventudes, que é referido pelos(as) participantes do estudo conforme segue a fala a seguir.

A violência não tem hora ou lugar marcado. Ela pode acontecer em qualquer lugar. Até mesmo num lugar seguro. Mas existem lugares em que a violência é mais frequente. Por exemplo, bairros da periferia... às vezes do centro também ocorre violência. Até mesmo dentro dos ambientes seguros (GF4; S9).

A fala do sujeito demonstra a fragilização dos ambientes seguros, sendo que se torna cada vez mais escasso o sentimento de segurança na sociedade. Segundo Baierl (2004) o medo se configura como um sentimento natural, intrínseco aos seres humanos, que no contexto atual ganha uma nova configuração na forma de um “medo social”, em função da potencialização da insegurança na sociedade. O medo social está atrelado à insegurança e afeta as pessoas em sua existência, dando novos ritmos e sentidos ao seu cotidiano, alternando a arquitetura de suas casas, mudando trajetos e formas de ocupar a cidade e seus territórios. Este medo se expressa de forma diversa, nos diferentes segmentos de classe, e, conseqüentemente, as respostas e reações a estes medos também são distintas (BAIERL, 2004). Tal contexto de insegurança e medo são catalisados por processos de violência, que devido à sua presença constante pode contribuir para a naturalização dos processos violadores e ao fortalecimento de uma cultura da violência por parte da população.

A violência está presente e evidente, escondida e latente, em muitos lugares, nos mais diversos setores da vida social, envolvendo indivíduos e coletividades, objetividades e subjetividades. É um fenômeno eminentemente histórico, no sentido de que se constitui no curso dos modos de organização social e técnica do trabalho e da produção, das formas de sociabilidade e dos jogos de forças sociais. Pode atingir um indivíduo isolado ou uma coletividade inteira, selecionar uns e esquecer outros. Possui conotação político-econômica e sociocultural, podendo ser principalmente ideológica ou principalmente física (IANNI, 2004, p. 174).

A cultura da violência acaba contribuindo para sua banalização. Diante deste contexto, os(as) jovens também referem que percebem um processo de naturalização da violência na sociedade atual, conforme pode ser visualizado na fala a seguir:

Tu vai ver uma notícia ‘tantos mortos’, não sei o quê. Tá, tu vê isso todo dia. Às vezes tu nem considera isso como uma novidade. Porque tá ali no cotidiano (GF4; S8).

Desta forma, Scherer (2013) refere que existe o grande risco dos processos de naturalização e banalização das violações de Direitos Humanos, uma vez que a não percepção de violações enfraquece a luta pelo reconhecimento de tais direitos, sendo fundamental que as juventudes possam ter ciência de seus processos de violação, para que consigam buscar mecanismos de garantia desses direitos. Nessa perspectiva, as juventudes, em suas falas, referem à percepção das violências de diversas formas, em diversos ambientes. Como forma de ilustrar uma forma de violência que está além de uma agressão física, os(as) jovens citam o *bullying*.

Essa coisa de agressão só com a boca, por exemplo. Eu posso citar o *bullying*, por exemplo. O *bullying*, eu já fui vítima de *bullying* e eu acho que *bullying* é uma coisa errada, que tem que haver uma educação, uma certa educação pra orientar pra não fazer ofensas nem quanto à pele, quanto à aparência, sobre religião ou crença da pessoa, por exemplo (GF4; S9).

O *bullying* também aparece nas falas dos(as) jovens, por ser um fenômeno experienciado por muitos(as) deles(as). A literatura especializada aponta que o *bullying* é uma forma de agressão utilizada por jovens, em uma relação entre pares, que se manifesta como um abuso de poder, uma que a prática do *bullying* possui a intencionalidade de humilhar, agredir e dominar, podendo se manifestar de diferentes formas. Para Pepler et al. (2009), trata-se essencialmente de um problema de relacionamento entre pares, necessitando de intervenções enfocadas na melhoria das relações interpessoais.

As formas mais frequentes de *bullying* são: verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos); física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences do(a) receptor(a)); psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar); sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar); virtual ou *Cyberbullying* (realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet, redes sociais, entre outros) (FANTE, 2005). Há algum tempo, esse fenômeno tem ganhado destaque na mídia, com ênfase para algumas graves situações, que resultaram em mortes e suicídios de estudantes. Para Morrison (2006), este ocorre, através do abuso sistemático do

poder, que inibe o desenvolvimento dos(as) jovens e assim, muitas das vítimas tendem a sofrer de depressão, estresse pós-traumático, e, em casos mais extremos, apresentam ideias suicidas, entre outros sofrimentos.

Outro(a) jovem no grupo focal identifica que o *bullying* ocorre em todas as faixas etárias, trazendo essa perspectiva de perpetuação desse fenômeno durante o ciclo vital.

Mesmo a gente jovem, adulto, o *bullying* não termina. A gente vê *bullying* com idosos... Mas quando, pelo menos quando eu tava na escola, não tinha na mídia, por exemplo, “*bullying, bullying, bullying*” toda hora. Então, pra nós, de certa forma, pra mim, não era *bullying*. Era uma brincadeira. “Ah, to só brincando, só caçoando do meu colega”. Então, agora eu acho que a coisa ta mais fervorosa tanto na mídia quanto nas nossas cabeças (GF4; S5).

Pepler et al. (2009) reconhecem que a prática do *bullying* pode se manifestar de diferentes formas durante o ciclo vital, podendo assumir a forma de assédio moral no ambiente de trabalho e outras formas de agressão nos relacionamentos interpessoais, seja nas relações de namoro, no casamento ou com pessoas idosas. Torna-se necessário desnaturalizá-lo e reconhecê-lo, pois frequentemente este comportamento é considerado uma “brincadeira”. Considerá-lo como uma violência, buscando o seu processo de desnaturalização mostra-se como um movimento fundamental para o questionamento de formas de relação que são calcadas em um processo de desvalorização do outro. Além do *bullying*, os(as) jovens citam outras formas de violência que observam em seu cotidiano, referindo o ambiente doméstico como um espaço onde ocorrem diversas violências que, muitas vezes, ficam naturalizadas e invisibilizadas. Segundo Schraiber et. al (2003) o silêncio e a invisibilidade são temas associados à violência, uma vez que experimentar situações de violência, especialmente quando esta é de natureza doméstica, tem se mostrado vivência de difícil revelação, ficando oculta nas relações familiares. Quando questionados, no grupo focal, sobre o local no qual mais percebe a violência, a narrativa a seguir revela o espaço doméstico como o local mais recorrente:

Acho que é em casa (risos) “Ah, cala a boca, não fala! To assistindo novela agora! Ah, vai dar uma notícia importante na tv: fica quieto!” Aí todo mundo tem que ficar quieto. E não respeitar, tipo “agora eu não quero olhar tal coisa”, “ah, mas tem que olhar” Acho que isso é a maior violência. “Ai, eu não to a fim de olhar” Ou “quero escutar o rádio”, “não, mas agora tem que olhar novela, porque vai começar o capítulo”. Eu, na minha casa, é isso, todo mundo tem que ta olhando televisão, porque se alguém se perder... meu pai e a minha mãe... “não, tem que voltar, tem tv”. É meio difícil assim (GF4; S1).

Neste sentido, a presente fala reflete o pensamento de Novaes (2006) ao olhar para o contexto das juventudes e analisar o nosso tempo e a nossa cultura, na qual a definição de “ser jovem” segue disputada nos campos políticos e econômicos, e também implicando conflito entre gerações. Tais disputas têm no ambiente doméstico, muitas vezes, seu palco no âmbito das relações de força, que dão visibilidade para uma perspectiva adultocêntrica presente tanto na análise da realidade para as juventudes, como em diversas ações que buscam secundarizar o contexto juvenil. Para Góis (2013) o adultocentrismo pode ser definido como um conjunto de ideias e atos preconceituosos, dirigidos para os(as) jovens, que são frequentemente infantilizados(as). Para esta perspectiva, a juventude é entendida enquanto um estado de incompletude no qual os(as) jovens se constituem incapazes de tomar decisões, necessitando terem os seus comportamentos tutelados constantemente e passam a ser vistos(as) como objeto e não como sujeitos da ação. A fala do(a) jovem citada acima dá visibilidade para um contexto adultocêntrico que traz consigo uma violência simbólica presente nas relações sociais cotidianas vivenciadas.

Porém, ao mesmo tempo em que esses(as) afirmam que o espaço doméstico é um dos principais locais onde percebem atos de violência, afirmam encontrar na família seu espaço de proteção e apoio. Conforme os dados quantitativos da pesquisa, a maior fonte de apoio é a família, sendo que 4085 jovens responderam que se sentem apoiados(as) por ela (81,7%), 3533 jovens também referiram que a família contribui para o amadurecimento pessoal, o que equivale a 70,8% da amostra. Se levarmos em consideração a opinião dos(as) jovens que concordam parcialmente com esta afirmação, este índice sobe para 92,7%.

No grupo focal, os(as) jovens reiteram essa concepção quanto à importância do apoio familiar, conforme ilustra a seguinte fala: “[...] a importância da família, de ter alguém ali pra ti buscar e saber onde procurar ajuda.” (GF4; S10.) Pode-se perceber que os(as) jovens visualizam o ambiente familiar como um espaço contraditório, onde ao mesmo tempo em que ocorrem violações que ficam invisibilizadas, é o espaço de proteção e apoio. Evidentemente, olhar para esta realidade demanda compreender o contexto heterogêneo e múltiplo do ambiente familiar. Nesse sentido, Pimentel e Albuquerque (2010) afirmam que o ressurgimento do que poderíamos apelidar de “questão familiar” não deixa, porém, de evidenciar argumentos, não apenas de foro econômico e político, mas também de caráter moral, ao apelar à estabilidade da família e às responsabilidades sociais que esta deve doravante assumir, sendo assim, esse processo tende a emergir num quadro de apelo dos poderes públicos ao suporte familiar, e à sua eficácia para concretizar missões que o Estado por si só não pode, ou não quer, concretizar, obscurecendo, no entanto, as questões de fundo, associadas às desigualdades e à garantia de equidade quando se coloca a família como o eixo central de uma política de resposta a situações de vulnerabilidade e de sofrimento social disseminado.

Mostra-se fundamental analisar o contexto familiar e as contradições presentes em suas relações contemporâneas, porém, como afirmam os autores, tal análise não pode furtar as dimensões estruturais que as juventudes vivenciam na contemporaneidade. A perspectiva adultocêntrica transcende a dimensão do núcleo familiar, uma vez que é estendida a diversas esferas da vida social impactando na construção social das juventudes e nos processos de violência que vivenciam. Nesse sentido, percebe-se, ao analisar as falas dos(as) jovens participantes da pesquisa, uma reprodução do discurso que coloca o(a) jovem como sujeito incosequente e produtor da violência:

[...], o jovem, eu acho que normalmente, os que cometem violência... [...] cobra-se demais do jovem e nem sempre tu dá as ferramentas pra eles poderem suprir toda essa expectativa. Então talvez isso... Aquela coisa, explica, mas não justifica. Explica o fato de que alguns jovens praticam a violência e acho que nessa faixa etária no jovem a gente tem mais a sensação de ser jovem, de que nada vai me acontecer... [...]. Nessa idade a gente tem muito aquela sensação de estar acima do bem e do mal. Então, tipo, eu vou ali e assalto, vou ali roubar e não vai acontecer nada. E junto com aquela... Na verdade, são situações diferentes de tu ter aquela situação de poder e tu não ter – em outros casos – as ferramentas pra tu poder crescer e trabalhar e tu poder construir a tua vida conforme a sociedade ta te cobrando. Te cobra, mas não te dá o material. Fica meio perdido. Vou pelo caminho mais fácil (GF4; S2).

A concepção do(a) jovem como pessoa incosequente, imaturo(a) e produtor(a) de violências é ampliada a partir da perspectiva adultocêntrica, e muitas vezes reproduzida na própria concepção do(a) jovem. Segundo o Conselho Federal de Serviço Social (2014), historicamente, a juventude foi tematizada no Brasil pela ótica dos problemas sociais, como uma fase em si naturalmente patológica e transgressora. Essa compreensão, ainda hoje, está arraigada em nossa sociedade e conta com o reforço permanente da mídia na associação entre jovens com desvios e delitos. Conforme afirma Sales (2007) quase tudo que os(as) jovens questionam e produzem, assim como, praticamente, todas as formas de reação, são interpretadas socialmente como violência, já que este é um dos recursos acionados pelos múltiplos poderes da ordem burguesa. Esta visão associa as juventudes à transgressão, enfocando em jovens pertencentes a “classes perigosas”. Essa visão é direcionada especialmente para os(as) jovens que vivenciam situações de vulnerabilidade social. Diante desse contexto, ocorre um processo de (in)visibilidade, que, segundo Soares (2007) ocorre na medida em que se projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, esmaga e a substitui por uma imagem caricata, que nada tem a ver com ela, mas expressa bem as limitações internas de quem projeta um preconceito.

O processo de (in)visibilidade das juventudes se manifesta em todos os setores sociais, desde a família, passando pela comunidade, e chegando às políti-



cas públicas, que reproduzem as pré-concepções geradoras de processos de (in)visibilidade (SCHERER, 2013). Os(as) jovens do grupo focal relatam tais estereótipos, com relação à culpabilização, associando juventude com violência:

Eu acho que a juventude sempre vai ser a culpada. Tanto de coisas boas quanto de coisas ruins. Porque como ela falou assim: o jovem tem essa coisa, essa sede de ter a força, de se sentir forte... O jovem... Tu não vai culpar os idosos do aumento da violência. É óbvio que vai ser os jovens. Porque é a faixa etária que ta nessa fase de mudança, ta nessa fase de ter sede. [...] Então eu acho que a juventude sempre vai ser o auge de tudo. Porque é nessa fase é que as pessoas sabem que o jovem ta buscando... É o jovem que ta saindo pra festa , é o jovem que ta bebendo, é o jovem que ta fumando... Porque é a maioria que faz esse tipo de coisa. Então eu acredito que seja por isso. É o jovem que tem essa sede de fazer as coisas e é o jovem que vai fazer. Então é o jovem que vai ser sempre culpado (GF4; S6).

Conforme afirma Lacerda (2010), emerge no contexto atual uma nova condição juvenil tida como assustadora, e que vem sendo descrita em um significativo número de discursos, como constituída por seres irresponsáveis, imaturos, inconsequentes, sem limites, violentos e desinformados. Isto é, no âmbito da sociedade contemporânea, firmou-se uma vinculação, quase direta, entre a temática juvenil e as questões de “desordem social”, impondo a identificação dos(as) jovens como o grupo que necessitava ser controlado e tutelado (AQUINO, 2009). A fala do(a) jovem reafirma essa concepção, destacando o processo de satanização juvenil e, ao mesmo tempo, relacionando o(a) jovem como agente de mudança na sociedade.

Desta forma, os(as) jovens referem que, muitas vezes, a violência se constitui como uma forma de comunicação em um contexto de (in)visibilidade. Rosenberg (2006) ao se referir à violência, afirma que esta se constitui em uma trágica expressão de necessidades não atendidas e propõe um processo de comunicação não violenta, enfocando em valores, empatia e diálogo para tentar identificar as necessidades por trás dos episódios de violência e buscar novas formas de sociabilidade. É nesse sentido que alguns(as) jovens trouxeram no grupo focal narrativas que revelam que a violência pode ser utilizada como um instrumento de luta para a transformação social.

[...] Muitas vezes o jovem não tem noção de como mudar e aí parte pra violência porque acha que pode fazer isso. “Ah, eu sou jovem. Eu tenho, sei lá, to na flor da minha idade, tenho capacidade pra fazer isso e vou lá bater no cara e resolver assim”. Então eu consigo ligar nisso. Mas nem todos os jovens ligam a mudança com a violência. Tanto é que nas manifestações a gente viu: muitos jovens só lá protestando se manifestando (GF4; S5).

A narrativa do(a) jovem acima revela a percepção de que a violência pode ser utilizada como estratégia de mudança, sendo que essa percepção é reforçada por estarmos inseridos em uma cultura de violência. Para Freire Costa (1993, p. 84-5), a “cultura da violência”, é aquela que, “no vácuo da lei”, “segue regras próprias”, tornando a violência um padrão de referência familiar, corriqueiro, cotidiano. Em segundo lugar, a cultura da violência, valorizando a utilização da força, constrói uma nova hierarquia moral. O universo social simplifica-se monstruosamente entre fortes e fracos (FREIRE COSTA, 1993). Essa cultura da violência também é fomentada pela violência midiática, através da linguagem da violência que está presente no cotidiano dos(as) jovens.

A noção de “linguagem da violência” reúne ou contempla algumas das dimensões da violência como ato social, qual sejam, a violência como agregador comum – reunindo circunstancialmente indivíduos e grupos que, em sua prática, veem nela fator decisivo e partilhado de coesão, união e ação grupal – a violência fundante – base originária da constituição da ação e da interação social – e a violência como vetor estruturante – que define e conduz a conformação e a característica interna de práticas, hábitos, percepções e interações (ROCHA, 1999, p. 8).

Assim, percebe-se que as violências permeiam o contexto das juventudes entrevistadas de diversas formas, desde o modo mais explícito por meio de agressões que se evidenciam nas falas e ações, até os modos implícitos, por meio de uma representação ideológica presente nos diversos discursos que, muitas vezes, são reproduzidos pelas próprias juventudes. Mostra-se de fundamental importância considerar que a violência não se constitui como um fenômeno uniforme, mas se configura como uma relação social de violação que se caracteriza por uma pluralidade de configurações visíveis e invisíveis, percebidas no cotidiano ou naturalizada pela lógica alienante da cotidianidade. Nesse sentido, considerar o leque heterogêneo das violências demanda a percepção para suas manifestações presentes nas falas das juventudes, que ficam evidentes tanto com relação à sensação de desproteção e medo presentes na realidade juvenil, bem como, nas violências vivenciadas pelo *bullying* ou invisibilizadas pela dinâmica das relações familiares que revelam perspectivas adultocêntricas projetadas para com as juventudes e, muitas vezes, reproduzidas nas falas dos(as) próprios(as) jovens.

A reflexão sobre a violência na realidade das juventudes mostra-se fundamental a fim de buscar desnaturalizar tais violações de direitos humanos, se constituindo como um importante questionamento ético, devido à lógica presente na atual sociedade, que possibilita que tais processos de violência sejam ocultados, invisibilizados e naturalizados. Nessa perspectiva, aponta-se para um grande desafio para as políticas públicas para as juventudes, a necessidade de ampliação da segurança juvenil, bem como espaços de reflexão crítica, na perspectiva da desconstrução da naturalização da violência.

Desta forma, para as políticas públicas voltadas ao segmento juvenil, aponta-se para a necessidade de desconstruir as perspectivas diabolizadoras e (in)visibilizantes, que historicamente marcaram presença nas ações voltadas para o público juvenil. Isso é, a atual política nacional de juventude apresenta o desafio de congregar ações de proteção social, buscando enfrentar o contexto de violência vivenciado por esse segmento em seu cotidiano, bem como desconstruir práticas relacionadas a uma violência simbólica, que colocam sobre esse grupo social estereótipos que encobrem suas potencialidades. Lutar pelos direitos das juventudes significa fortalecer processos de valorização à vida, sendo esse um importante desafio ético a ser tomado por diversos setores da sociedade, na perspectiva do enfrentamento à cultura da violência presente e fortalecida pela dinâmica societária atual.

### **3. Considerações Finais:**

A violência se constitui como um fenômeno presente na realidade dos(as) jovens de forma ampla e abrangente e experienciada de formas diversas, atravessada por questões de gênero, raça/etnia, entre outros. As falas desse segmento nos grupos focais denunciam uma conjuntura de insegurança, marcada pela afirmação da ausência de ambientes seguros. Essa afirmação aponta para a necessidade de ações no âmbito das políticas de segurança pública, uma vez que as juventudes referem que a insegurança e o medo se constituem em uma constante em seu cotidiano.

Os(As) jovens consideram o fenômeno da violência para além de agressões físicas ou formas visíveis de violência, apontando violências verbais e simbólicas como formas de violações em seu cotidiano, como o *bullying* em diferentes ciclos etários. Nesse sentido, os(as) jovens citam o ambiente familiar como espaço onde vivenciam e percebem a maior parte das violências, porém, ao mesmo tempo, afirmam, tanto por meio do grupo focal ou do questionário online, que esse espaço também se constitui como um ambiente de proteção e de apoio.

Nesse contexto, muitas vezes, as juventudes vivenciam um processo de violência simbólica, no momento em que são associados a “agentes produtores de violência”, se constituindo como uma tendência contemporânea ligadas a processos de (in)visibilidade ou diabolização desse segmento social, que, muitas vezes se constitui como tendência reproduzida pela própria juventude. Desta forma, relações de violência, independentes da sua natureza, se constituem em processos contrários à ética.

A afirmação ética é a possibilidade de resistência à coisificação do indivíduo e tentativas de anulação do outro, que caracterizam o fenômeno da violência. Essa resistência perpassa pelo questionamento e desnaturalização dos próprios processos de violência vivenciados pelos(as) jovens, em suas múltiplas expressões. Diferentes concepções de violência aparecem na literatura, o que demonstra a

complexidade do fenômeno em questão. Sendo assim, não é possível analisar a violência como um fenômeno único. No debate sobre a gênese das várias expressões de violência na sociedade, a questão do poder, autonomia e capacidade de escolha devem ser levadas em consideração, na compreensão das vias de resistência utilizadas pelos(as) jovens.

O desafio que se coloca é justamente reafirmar a importância da ética nesse campo de conflitos e diferenças, como uma possibilidade de repensar as situações, rever a própria realidade como se apresenta e como nos posicionamos diante dela, nossa consciência e responsabilidade na construção de práticas emancipatórias e de fortalecimento dos sujeitos, voltadas para a resistência aos processos de violência. Dessa forma, torna-se fundamental estudar e entender por inteiro os processos que constroem e desconstroem uma sociedade a partir do tema “violência” e suas mediações com o tema ética, bem como aponta-se para o grande desafio das políticas públicas em seu atual contexto, a necessidade de gerar proteção em uma conjuntura onde a violência se manifesta de múltiplas formas no cotidiano das juventudes.

Esses achados da pesquisa são importantes para as práticas pedagógicas, pois o *bullying* passa despercebido no cotidiano de sala de aula vivenciado pelos(as) professores(as). Se os(as) professores(as) forem capazes de identificar os processos de exclusão simbólica que os(as) estudantes jovens experienciam, poderão contribuir para o enfrentamento do fenômeno e construir alternativas de convivência pautadas pelo respeito às diferenças nas relações sociais e novos padrões de sociabilidade.

Além deste aspecto, torna-se fundamental compreender os diversos e múltiplos processos de violências que os(as) jovens vivenciam em seu cotidiano, uma vez que isso poderá contribuir para a articulação de estratégias, dentro da própria universidade e de redes de proteção, para o seu enfrentamento.

## Referências

- AQUINO, L. Introdução. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M.; ANDRADE, C. C. **Juventude e Política Social no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.
- BAIERL, L. F. **Medo Social**: da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.
- BARROCO, M. L. **Ética**: fundamentos sócio-históricos. São Paulo: Ed Cortez, 2008.
- CHAUI, M. **Uma Ideologia Perversa**. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais!, p. 3, 1999, 14 de março.
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **A juventude brasileira precisa de política pública!** CFESS Manifesta 2014, disponível em <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1051>, acesso em junho de 2014.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. Campinas: Verus Editora, 2005.
- FREIRE COSTA, J. **O Medo Social**. Veja 25 Anos - Reflexões para o Futuro. São Paulo: Editora Abril, 1993, p. 83-89. 1993.
- GÓIS, J. B. H. A (difícil) produção da intersetorialidade: comentários a partir de ações públicas para a juventude **Revista Virtual Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 128 - 141, jan./jun. 2013, acesso em novembro de 2013.
- HELLER, A. **Aristóteles y El Mundo Antiguo**. 2º Ed. Barcelona: Península, 1998.
- IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social em Tempos de Capital Fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- IANNI, O. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- LACERDA, M. “Diabolização” das Juventudes: mídia, subjetividade e educação. In: **IX Congresso Internacional de Salud Mental y Derechos Humanos**, 2010. Disponível em: [http://jornalnasaladeaula.com.br/\\_common/dados\(a\)rquivosbiblio/miriam\\_lacerda.pdf](http://jornalnasaladeaula.com.br/_common/dados(a)rquivosbiblio/miriam_lacerda.pdf), acesso em novembro de 2013.
- MORRISON, B. **“Bullying Escolar e Justiça Restaurativa: compreensão teórica do papel do respeito, orgulho e vergonha.”** Trad. João Morris e Clara Terra. Canberra: The Society for the Psychological Study of Social Issues, 2006. Disponível (online) em: <[http://snowbirdbooks.com/images/downloads%20gratuitos/liv\\_justica\\_restaurativa.pdf#page=19](http://snowbirdbooks.com/images/downloads%20gratuitos/liv_justica_restaurativa.pdf#page=19)>. Acesso em 21 de agosto de 2010.
- NOVAES, R. Os Jovens de Hoje: contexto, diferenças e trajetórias In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.
- PEPLER, D.; CUMMINGS, J.; CRAIG, W. Steps to respect for everyone by everyone. In: CRAIG, W., PEPLER, D.; CUMMINGS, J. (Eds.). **Rise Up for Respectful Relationships: Prevent Bullying**. PREVNet Series, v. 2, p. 199-206. Kingston, Canada: PREVNet Inc, 2009.
- PIMENTEL, L. G.; ALBURQUERQUE, C. P. Solidariedades Familiares e o Apoio a Idosos. Limites e Implicações. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 9, n. 2, p. 251 -263, ago./dez. 2010. Disponível em: [http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass\(article/viewFile/7783/5787](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass(article/viewFile/7783/5787). Acesso em: 15/07/14.

ROCHA, R. L. de M. Uma cultura da violência na cidade? Rupturas, estetizações e reordenações. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 13, n. 3, Sept. 1999. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300012&lng=en&nrm=iso)>. access on 08 June 2014.

ROSENBERG, M. **Comunicação não violenta**: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais (em Português). São Paulo: Summus, 2006.

SALES, A. M. **(In)visibilidade perversa**: adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Ed Cortez, 2007.

SCHRAIBER, L. et. al. Violência Viva: a Dor que não tem nome. **Interface. Comunic., Saúde, Educ.**, v. 6, n. 10, p. 41-54, fev. 2003, p. 41-54.

SCHERER, G. **Serviço Social e Arte**: Juventudes e Direitos Humanos em Cena. São Paulo: Ed. Cortez, 2013.

SOARES, L. E. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. 2º ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

WAISELFISZ, J. J.; MACIEL, M. **Revertendo Violências, Semeando Futuros**. UNESCO. Brasília, 2003

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2011**: uma radiografia das mortes violentas de nossos jovens. Centro de Estudos Latino-Americanos, 2011, disponível <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2011.php>, acesso em junho de 2014.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2013**: Mortes matadas por arma de fogo. Centro de Estudos Latino-Americanos, 2013, disponível em [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013\\_armas.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013_armas.pdf), acesso em março de 2014.

## Capítulo 6

### SEXUALIDADE E GÊNERO EM PAUTA: DIÁLOGOS COM AS JUVENTUDES

*Patrícia Krieger Grossi  
Andréia Mendes dos Santos  
João Paulo Ottolia Niederauer  
Gisele Ribeiro Seimetz*

#### **Introdução**

Na área das ciências sociais, temáticas de gênero e a sexualidade são assuntos bastante discutidos, pois, segundo Scott (1992, p. 21), o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Estas diferenças são fundadas em símbolos culturais que se disponibilizam na sociedade, os quais evocam representações simbólicas e mitos de determinados temas ditos como verdades absolutas. Para a autora a expressão “gênero” tem um sentido muito mais abrangente, incluindo o homem e a mulher em suas múltiplas conexões, suas hierarquias, precedências e relações de poder. Além disso, “os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas” (Idem), é expresso em doutrinas religiosas, educativas, políticas ou jurídicas.

Este texto é amparado no debate construído durante o Grupo Focal “Relações de Gênero e Sexualidade” e no questionário online da Pesquisa “Aspectos Socioeconômicos, culturais e crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS”, respondido por 4.998 jovens com idade entre 16 e 29 anos, estudantes da PUCRS. As respostas do questionário colaboraram para a formulação das considerações sobre o que pensam os(as) jovens estudantes da PUCRS no grupo focal. Nesse grupo, discutiram aspectos do homem e da mulher como indivíduos e seus papéis e “obrigações” na sociedade atual, privilegiando o entendimento do que os(as) jovens pensavam sobre esse tema e também suas posturas frente à discussão com outros(as) jovens. Sub-temáticas como concepção de homem e mulheres perfeitos, questões de sexualidade, de amor, “ficar” e namorar, os papéis dos homens e das mulheres na sociedade atual, o que é mais valorizado em um relacionamento, a virgindade como um valor e questões referentes à imagem dos(as) jovens compunham o roteiro que norteava o grupo focal. A seguir apresentam-se algumas considerações em relação aos eixos descritos.

## A Construção Social dos Papéis de Gênero

Na história, observam-se padrões de beleza vigentes pré-estabelecidos tanto para os homens quanto para as mulheres, mas o gênero era visto segundo Scott (1992), enquanto uma categoria útil apenas à história das mulheres. “Ele pode lançar luz sobre a história das mulheres, mas também a dos homens, das relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e igualmente das mulheres entre si, além de propiciar um campo fértil de análise das desigualdades e das hierarquias sociais” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 3).

Na fala dos participantes do grupo focal, percebe-se que não há uma pré-concepção do que é o “homem perfeito” ou a “mulher perfeita”, portanto não existe uma idealização de uma imagem ou padrão considerado “perfeito”. Na questão proposta pela mediadora<sup>1</sup>:

Na verdade, muitas pessoas podem idealizar ou ter uma imagem que seja o padrão de pessoa, homem ou mulher que considere perfeito pra si. Tu tens esse padrão? Existe esse padrão? Existe um homem ou uma mulher perfeita? (GF7; Mediadora).

Foram selecionadas duas respostas que exemplificam os modos de pensar dos(as) jovens em relação à concepção de perfeição. Observa-se que em ambos os casos, os respondentes repudiam a ideia de uma padronização e, na primeira fala, é valorizada a possibilidade de diversidade que a sociedade vem “permitindo” aos sujeitos:

Não acho que tem padrão. Acho que rola de fechar alguma coisa nesse sentido. As pessoas podem ter seu valor não sendo batalhadoras, não sendo estudiosas... Acho que se a pergunta é tão genérica a ponto de qual seria o padrão... Não, não tem. A gente consegue ver a sociedade plural hoje em dia, sendo um diferente do outro e não seguindo nenhum tipo de padrão. Então acho que não tem homem perfeito e mulher perfeita (GF7; S3<sup>2</sup>).

Esse respeito à diversidade e à convivência com pessoas que pensam diferente dos(as) jovens também é identificada nos(as) respondentes, pois somente 3,5% dos 4998 destes(as), referem que não convivem com pessoas que pensam diferente deles(as). A autocrítica e assim o reconhecimento da diversidade, de que somos “imperfeitos”, se associados a uma valoração do que “é certo ou é errado” remete a uma tendência a estereotipar o modelo do que “é correto”, bem

1 Mediadora é a pessoa que atua como facilitadora do grupo focal, conduzindo a discussão sobre os temas entre os participantes do grupo.

2 Para melhor entendimento dos registros esclarecemos que o S seguido de um algarismo que aparece logo após o parêntese, indica o número que cada um dos(as) universitários(as) recebeu ao chegar, tendo em vista favorecer a fidedignidade no apontamento das falas de cada um(a) dos(as) participantes do grupo e GF7 identifica que se trata do Grupo Focal que tomou em questão a temática “Sexualidade e Gênero”.



como atribuir a perspectiva da religião (e da sexualidade) o que corresponderia ao padrão perfeito de um homem e uma mulher. O que se observa é que, se considerarmos o que é esperado como conduta “exemplar” (perfeita) de ambos os sexos é construído socialmente baseado nas crenças e valores dos(as) jovens e perpetuadas em instituições (família, igreja, escolas) que impactam na formação da personalidade de homens e mulheres:

A palavra perfeição é uma palavra forte, né. Tendo em vista que somos imperfeitos, né. Então é complicado dizer ‘nós somos imperfeitos e o que seria perfeito? Perfeito não seríamos nós, né? Perfeito seria Deus. Mas o que pode ser tratado seria homem correto, mulher correta ou que segue as regras da sociedade. Que não seria perfeito, mas que estaria... Seria homem correto, mulher correta (GF7; S1).

Segundo Swain (2001), as construções que o indivíduo – a partir de seu gênero – constrói, são baseadas na sua sexualidade, ou seja, gênero e sexualidade são indissociáveis. Assim, a autora propõe uma mudança da palavra gênero para heterogêneo, radicalizando as relações sociais e transformando alguns conceitos importantes.

No grupo focal, a discussão sobre sexualidade surge a partir da problematização entre amor e sexualidade. Apresenta-se três falas dos(as) entrevistados(as) que diferenciam amor e sexualidade, que associam a sexualidade a um instinto e o amor a um sentimento. Nestas falas o que se observa é que os(as) jovens consideram que ambos (amor e sexualidade) são elementos construtivos de suas experiências:

A sexualidade hoje é muito mais casual. Ela não envolve tanto sentimento. Pode até ter um envolvimento com a pessoa em si, mas ela não envolve sentimentos. Ela é casual. Já em contrapartida, o amor envolve sentimento, envolve as pessoas, envolve diversos tipos de relações (GF7; S3).

A sexualidade é mais animal. E o amor é mais emocional mesmo (GF7; S4).

Acho que depende da leitura. Tu ta falando de uma coisa mais em nível cultural, em nível de sociedade, tu ta falando de amor. Mas tipo uma coisa mais biológica, mais física, tu vai falar de sexo. Ta ligado? Por ser coisas que movem... Se a gente dizer que existe um mundo dos humanos que move o amor, os animais seria o sexo, a sexualidade, enfim, mas a gente também é animal... (GF7; S5).

Algumas questões são apontadas pelos(as) jovens como valores importantes em relação à sexualidade. Fidelidade do(a) companheiro(a), amor e o caráter conservador em relação ao que é permitido quando se trata de sexo foram algumas das questões a serem destacadas. A seguir apresenta-se uma representação das respostas (e suas prevalências) entre as respostas obtidas:

Quadro 1: Questões relativas à sexualidade

Grau de concordância com as frases:	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Não respondeu
Ficar é melhor do que namorar	26,4	23,5	35,1	11,8	2,6	0,6
Os jovens têm suficiente conhecimento sobre sexualidade	16,5	34,7	18,5	23,2	6,3	0,7
O sexo é tabu entre os jovens	24,0	28,6	23,7	18,6	4,3	0,7
A virgindade é um valor	17,8	13,0	24,9	22,3	21,2	0,7
No sexo tudo é permitido	21,1	20,5	21,2	26,2	10,2	0,8
O amor é algo secundário na relação sexual	42,5	25,5	17,4	9,7	4,1	0,8
A fidelidade no relacionamento amoroso é algo essencial	1,7	1,5	5,0	11,7	79,2	0,9
Os métodos contraceptivos são conhecidos pelos jovens	2,0	14,5	12,4	42,5	27,7	0,9
A gravidez na adolescência é própria de quem não tem informação	21,6	29,2	13,7	21,9	12,6	0,9
Os jovens não conversam com os pais sobre sexo como deveriam	2,0	6,7	17,6	37,6	35,3	0,8

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Para fins de análise, iremos nos centrar apenas em alguns dados do quadro acima. Em relação à preferência entre “ficar” e namorar, respondido no questionário online, somente 14,4% concordam que ficar é melhor do que namorar. Essa questão também foi pontuada no grupo focal para poder compreender as experiências sociais dos jovens em relação ao “ficar” e o namorar. Estudos apontam que foi a partir da geração dos anos 90 que apareceu o termo “ficar” e veio acompanhado de uma mudança de atitude, modificando as formas de relações entre os indivíduos e tendo como consequência a sexualidade como outro papel na vida dos(as) jovens que adotaram essa atitude. As narrativas a seguir mostram as percepções dos(as) jovens em relação ao “ficar e namorar”.

Mas em virtude do tempo que tu não tem como pegar e ter tempo, disponibilizar tempo pra aquela pessoa em dar carinho, em dar amor a opção a gente fica com o ficar hoje (GF7; S3).

Acho que ficar e namorar tem uma diferença que ficar é muito mais casual, descompromissado... (GF7; S6).

[...] mas depende muito do momento. Por exemplo, aquela época eu gostava de ir pra festa e não pensava em namorar nunca. Daí tu cansa, enche o saco, daí tu vai pra essa outra opção (GF7; S2).

O ficar muitas vezes tu não conhece a pessoa, ficou, nunca mais viu. Hoje pode ser que existam algumas relações que é a amizade colorida que a gente chama: tu tem um amigo, tem o sentimento, rolou alguma coisa ali, mas mesmo assim depois continua a amizade (GF7; S3).

Depende de como é que tu ta na real, tu ta te sentindo num momento que tu não quer te apegar numa coisa, se ta vivendo uma fase de experiências, de [...] Talvez tu esteja num compromisso muito forte e não seja bom... Talvez tu não tenha tempo, vontade, motivação, daí talvez ficar seja melhor. Mas, sei lá, tu ta numa fase de querer baixar poeira, ir em balada, pegar vários ou várias (3 riem) talvez não seja o ideal (GF7; S5).

Aspectos como falta de compromisso, de responsabilidade e de vinculação afetiva foram destacados por muitos(as) jovens como características que diferenciam o “ficar” do “namorar”. Essa percepção vai ao encontro da literatura que aponta que o ficar se traduz como:

Um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer (...) ‘Ficar com’ é a maneira mais fácil de chegar perto de um outro sem se comprometer. É um exercício da sedução (Chaves, 1994, apud TORRÃO FILHO, 2005, p. 68).

Por outro lado, observa-se que os(as) jovens consideram a necessidade de tempo como um predicado para um namoro efetivo. Infere-se que pela faixa etária, estes(as) encontram-se em construção da sua própria identidade, receosos de terem que suprimir aos desejos e a responsabilidade que uma relação de namoro pressupõe.

Assim, declina-se em relação à discussão dos papéis dos homens e das mulheres na sociedade atual e observa-se que, ao longo do tempo, ocorreu uma grande transformação nos papéis dos gêneros na sociedade. Antigamente, a mulher ficava em casa, cozinhando, lavando roupa e cuidando dos filhos e da casa, enquanto o homem saía para trabalhar para dar sustento à sua família. Esse universo doméstico era considerado o único espaço visível da mulher, o “verdadeiro” universo da mulher conforme aponta Louro (1997). Hoje em dia, esse perfil se modificou e com muito menos frequência as mulheres ficam somente cuidando da casa e dos filhos. Gradativamente, as mulheres passam a ocupar outros espaços na sociedade como o trabalho em empresas, em cargos políticos, assumem a chefia dos seus lares, entre outros. Dados do IPEA (2011) mostram que mais de 30% das mulheres brasileiras são chefes de família, isto é, as principais responsáveis pelo sustento de seus lares. Com isso, as relações de poder na família também vão se modificando.

Para Torrão Filho (2005) é a partir do gênero que se pode perceber a organização concreta e simbólica da vida social e a conexão de poder nas relações entre os sexos. Os papéis, então, destinados a homens e mulheres na sociedade como verdade absoluta são questionados e revisados. Cabe aos sujeitos mudarem as próprias relações dessa verdade, o que vem acontecendo com novos pensamentos como: o porquê de certos costumes e verdades serem destinados somente a mulher ou somente ao homem e quem falou que não pode ser diferente? São questões assim que elevam as discussões e, no grupo focal, os(as) participantes foram indagados(as) se existiam papéis que somente poderiam ser exercidos por mulheres e outros por homens na sociedade. As narrativas a seguir apontam para a ambivalência no discurso dos(as) jovens em relação aos papéis de gênero:

Nos dias de hoje não existe mais isso (GF7; S3).

Numa sociedade moderna, não é capaz de acontecer isso (GF7; S2).

Também concordo. Ambos fazem o papel dos dois (GF7; S2).

Acho que tem. Acho que existem... A sociedade pode ser moderna, mas muito retrógrada em algumas coisas. Gênero é uma delas. Então eu acho que tem coisa que tipo 'isso é coisa de mulher, isso é coisa de homem'. Não que eu acredite, não que eu aceite, não que eu quero isso pro futuro, mas são preconceitos que já existem. A gente não tá num lugar que não tem (GF7; S5).

É. Uma coisa que tá diminuindo bastante é que às vezes tinham mulheres fazendo a mesma função que o homem, mas com um salário diferenciado. Aí isso é uma coisa que a modernidade tá acabando assim. Hoje não tá tendo muita diferença. Em relação ao próprio gênero assim especificamente, sempre vai tá em questão 'isso aqui é um trabalho mais físico', 'isso aqui não pode ser feito por mulher'... Isso é uma coisa que vai sempre entrar mesmo que pra sociedade moderna vai tá sempre falando a respeito mais do assunto físico mesmo, das diferenças do homem pra mulher (GF7; S1).

Percebe-se que alguns(as) jovens consideram que não existem papéis diferenciados entre homens e mulheres, verbalizando uma sociedade ideal, onde a igualdade de gênero prevalece. Apesar dos(as) jovens trazerem que a diferença salarial está diminuindo entre homens e mulheres, dados do IPEA (2011) revelam que a mulher ainda recebe 72% do que recebe o homem pela mesma função exercida. Isto demonstra que a desigualdade salarial de gênero não é uma falácia.

Para Santos e Oliveira (2010), as relações de gênero na sociedade são construídas a partir das condições objetivas e subjetivas dos papéis que homens e mulheres ocupam socialmente e do modo desigual como são construídas as

relações. Nesse contexto, as mulheres não possuem acesso igualitário ao trabalho, aos salários e aos bens, de maneira geral. Na educação, por exemplo, as escolas e outras instituições educadoras continuam pautando as questões referentes às mulheres no campo da reprodução do machismo, conferindo mais liberdade aos meninos do que às meninas.

Essa educação diferenciada também possui raízes culturais e históricas. Segundo Torrão (2004), quando falamos em relacionamentos, existem concepções já enraizadas pela cultura e costumes de determinada sociedade referente aos papéis de gênero. No momento em que a sociedade se atualiza no decorrer do tempo, mudam-se as formas de relações entre os indivíduos, sejam eles de sexo distintos ou do mesmo.

Para os(as) participantes, independente da relação, eles(as) valorizam a fidelidade, o caráter, o amor, a palavra, entre outros componentes dos relacionamentos, como podem ser visualizados nas narrativas dos(as) jovens a seguir:

O caráter. A palavra, né. O cumprimento da palavra. A fidelidade (GF7; S3).

Acho que o carinho, amor que a pessoa transmite pra ti (GF7; S2).

O que eu defendo muito num relacionamento é a sinceridade. Que às vezes é um relacionamento e precisa passar por muitas dificuldades e com a sinceridade bem utilizada há um crescimento no relacionamento [...] (GF7; S1).

Se for ampliar mais ainda... Relacionamentos, usar essa palavra. A característica fundamental seria empatia, sabe, porque tu não vai fazer nada pra alguém que tu não gostaria que fosse feito pra ti... Seja mentir, seja ser grosso, seja não amar, seja não dar carinho, não dar atenção... Enfim, seja relação profissional, seja relação pai e filho... Enfim, a empatia, se colocar no lugar do outro, é fundamental. Essa a base mais importante para um relacionamento, qualquer que seja (GF7; S5).

Durante certas épocas e em determinadas sociedades, o ato sexual era muito pessoal e pouco se falava ou se transmitia em público ou até mesmo nas relações (TORRÃO FILHO, 2005). Os valores que cercam a questão da virgindade são problemáticos e quase sempre o foram, fazendo com que, principalmente a mulher, fosse hostilizada caso perdesse a virgindade antes do casamento – em épocas passadas – ou até mesmo numa primeira noite com alguém.

Nas falas dos(as) participantes veio em questão a pergunta se a virgindade é um valor ou não a ser preservado. Para a maioria dos(as) jovens, ela não é algo que precisa ser valorizado ao extremo (por exemplo, esperar até o casamento para o ato sexual acontecer), surgindo opiniões bem distantes da questão de se ganhar valor ao ser virgem (para a mulher). Na amostra maior, 45,5% dos(as) responden-

tes consideraram a virgindade um valor. Um(a) dos(as) participantes cita esse discurso como machista – tanto para os homens quanto para as mulheres –, o qual vai contra muitos discursos moralistas a favor da mulher virgem como agregadora de valor, mas que respeita quem aceita esse discurso. A religião tem o seu papel na disseminação de um discurso moral e de valor frente à sociedade, alegando que é pecado fazer sexo antes do casamento.

A religião é citada como um dos fatores que contribuiu para a criação do discurso moral e de valor associado à virgindade, além do caráter machista que perpetua a subalternidade da mulher na sociedade. Na fala de um(a) dos(as) participantes, isso aparece de forma clara, alegando que os(as) jovens tem um conhecimento de como as instituições podem atuar frente à sociedade, modificando seus valores e discursos. Algumas narrativas dos(as) jovens em relação à virgindade podem ser exemplificadas a seguir:

Cara, polêmica essa. Mas assim ó: eu acho que não é um valor. Acho que rola um apego ainda. Acho super machista na verdade essa história de virgindade. Principalmente pras gurias esse papo é mais importante. Porque pros guris sempre foi status perder a virgindade antes e pras gurias manter. Acho que isso ta com zero de moral, acho que isso já era e não vejo valor nisso assim. Vejo um apego super machista e retrógrado de querer colocar essas imagens aí, principalmente no mundo das gurias que eu acho é péssimo pra cabeça de todo mundo e é um atraso real assim. Mas também respeito quem, não quero ferir se alguém aqui mantém esse valor. Pra mim não é, não consigo enxergar nenhum lado positivo disso, mas respeito quem acha que é uma forma de se preservar ou de quem sabe, se entregar de verdade no relacionamento ou não sei o que essa pessoa pensa porque eu acho que eu não conheço ninguém virgem no meu grupo de amigos (GF7; S6).

Não. Eu acho que não é machista. Eu acho que é da igreja que vem isso. Mas não machista. Mas eu acho que hoje em dia não tem mais isso (GF7; S4).

Não precisa ter um ritual, uma coisa, porque é a primeira. Mas também não precisa banalizar. Pode ser sempre bacana. Desde a primeira pode ser bacana e isso, sei lá (GF7; S5).

E às vezes a pessoa ta tão bem resolvida com aquilo, por exemplo, a mina que foi lá e dormiu na primeira ta tão bem resolvida, que aquilo não é uma questão pra ninguém. Mas se as pessoas ficam fazendo disso uma questão, virgindade, dormir junto à primeira vez, aí vira uma questão, aí vira um problema, aí vira um tabu, aí vira um valor, aí vira uma coisa a se conservar. Mas se a galera fica de cuca fresca, se as pessoas tão bem resolvidas, cara, vamos se curtir, a vida é uma só, então (GF7; S6).

As narrativas revelam que a sexualidade e o gênero estão presentes no cotidiano da vida social, e em todos os ambientes. O discurso dos(as) jovens se centra principalmente na relação sexual e na questão da virgindade, mas entendemos a sexualidade em um sentido mais amplo como a relação de intimidade, afeto, emoções e sentimentos entre sujeitos que decorrem, inclusive, da história de vida de cada pessoa (LOURO, 1997).

Ao final do grupo focal “Gênero e Sexualidade” foi passada uma imagem que foi veiculada em uma campanha do Conselho Federal de Serviço Social e depois se solicitou a opinião de cada participante do grupo sobre o que a imagem transmitia:



Fonte da imagem <http://midiaequestaosocial.blogspot.com.br/2010/05/caleidoscopio-baiano.html>

Alguns só concordaram com a imagem ou sorriram, outros expressaram suas opiniões, afirmando que aquela imagem era “normal” e que “trazia felicidade” ao vê-la.

Me veio felicidade assim. (3 concordam com a cabeça e mantêm os braços cruzados). Acho super justo. Acho ridículo o preconceito. (1 passa a figura pra 3 sem emitir opinião). Não concordo. Acho que cada um tem que ser feliz do seu jeito. Se gosta, homem que gosta de homem, mulher que gosta de homem, beleza, e mulher que gosta de mulher, tranquilo (GF7; S4).

Achei a imagem simpática. Todo mundo em harmonia como deve ser. E também isso não tem que ser uma questão pra ninguém. Eles tem que ta super bem resolvidos. Não é problema pra ninguém, então não tem que ser problema pros outros. Também acho ridículo preconceito. Também acho que diminui a pessoa que ainda tem aquela pessoa dentro dela pra resolver e é preconceituosa no caso (GF7; S6).

Meu, não tem que julgar, cara, ninguém tem nada a ver com a vida do outro. A gente não tem poder de fazer julgamento moral nenhum sobre a vida do outro. Principalmente de casal, uma coisa super pessoal. Então o simples falar sobre isso, suscita o preconceito. Então, isso ser um tema, já é um problema. Ah, falar de racismo, só de ta falando isso, quer dizer que esse conceito existe e que alguém acredita nele. Então acho complicado (GF7; S5).

Para Kern e Silva (2009), a sociedade julga, condena e exclui, contribuindo para que os homossexuais sofressem vários preconceitos no decorrer da história. A homossexualidade ainda é condenada como pecado abominável com base no moralismo judaico-cristão. Ferreira e Aguinsky (2013) também destacam vários preconceitos vivenciados por pessoas homossexuais e a ausência do reconhecimento de certas identidades que eram vistas como “desviantes”. A escolha da figura para mostrar ao grupo de estudantes surgiu a partir da invisibilidade desse tema (homoafetividade) ao discutir sobre sexualidade e gênero no grupo focal piloto. Essa ausência no discurso dos(as) jovens reflete a heteronormatividade da sociedade, isto é, a definição da heterossexualidade como a norma, sendo que o indivíduo, ao assumir a identidade homossexual, muitas vezes passa a ser considerado o “outro”, ocupando o “não lugar”.

Com base em Gohn, Ferreira e Aguinsky (2013) pontuam que os fenômenos da sexualidade e do gênero, quando afirmados socialmente no campo dos direitos humanos, surgem alinhados a uma luta que buscava novas relações de igualdade e liberdade. Também ressaltam que na história dessas lutas, os movimentos se voltaram mais ao apoio às políticas de identidade em detrimento do questionamento da própria ordem social vigente. Esta situação levou à priorização da afirmação de seus espaços na sociedade, mas por outro lado acarretou maior vulnerabilidade ao não focar na transformação da raiz cultural da moralidade e da desigualdade.

## **Conclusão**

O gênero e a sexualidade geram muita discussão, independente da época, tornando-se assim um tema muito importante para que se possa entender como se dá a relação entre os(as) jovens e como eles(as) lidam com as mesmas. Grossi (1998), afirma que a luta pelas questões de gênero vêm desde os anos sessenta, onde houve diversos movimentos e manifestações para uma vida mais igualitária.

Cultura, valores, moral e ética estão interligados com a problemática do gênero e da sexualidade, devendo ser incorporados na análise dos sujeitos e suas relações sociais. Portanto,

além de mudarem de uma cultura para outra, os papéis associados a machos e a fêmeas também mudam no interior de uma mesma cultu-



ra. No caso da cultura ocidental, na qual vivemos, podemos observar a enorme importância dos movimentos sociais da segunda metade do século XX para a transformação de modelos esperados até então para homens e mulheres – modelos que se consolidaram no Ocidente com o Iluminismo e com a Revolução Francesa (GROSSI, 1998, p. 1).

Podemos dizer que, atualmente, mudaram os modelos que nos influenciam sobre esse tema, uma vez que os movimentos, os ideais e trabalhos feitos ao longo da história mudam o percurso das formas de atuar na sociedade, incluindo o gênero e a sexualidade.

Dessa forma, os(as) participantes do grupo focal sobre gênero e sexualidade tiveram discussões acerca desses temas que são interconectados e vêm se construindo ao longo da história da humanidade, apresentando ambivalências e contradições, determinadas pelas relações que se estabelecem entre os indivíduos, que são complexas e em constante transformação. As narrativas dos(as) jovens demonstram ainda uma concepção tradicional no relacionamento (valorização da fidelidade, amor e virgindade).

As falas dos sujeitos da pesquisa apontam a necessidade de apreender o modo de vida, os valores e crenças de jovens em relação aos papéis de gênero e sexualidade para a busca de compreensão e superação de formas de pensar que reproduzam práticas subalternizantes em relação a um determinado sexo. Nessa arena, emerge no debate teórico político a urgência de captar o real em suas múltiplas determinações. Economia, política, religião e cultura demarcam modos de constituir as relações de gênero.

Compartilhamos a posição de Santos e Oliveira (2010) ao reafirmar o caráter de contradição inerente à atuação do movimento feminista no contexto social contemporâneo que, ao mesmo tempo em que destaca a importância e a necessidade da organização desse sujeito político, reconhece a necessidade histórica da luta mais ampla caracterizada pela busca da construção de uma nova ordem societária, fundada no respeito à diversidade, no exercício da liberdade e na eliminação do preconceito e do sistema de dominação-exploração. Em relação a esse sistema de dominação-exploração que perpetua as desigualdades salariais entre homens e mulheres, alguns(as) jovens demonstram estar alheios(as) a ele, considerando que a mulher já avançou muito e se encontra em situação de igualdade aos homens. Essa visão idealizada da relação igualitária entre homens e mulheres na sociedade é contrastada com os indicadores sociais e econômicos quando se incorpora a variável do gênero. Esse pensamento expresso no grupo focal revela uma falácia associada à pseudolibertação da mulher das amarras da opressão. Apesar das reconhecidas conquistas no campo dos direitos das mulheres, ainda temos muito a conquistar conforme apontam os dados apresentados no decorrer do capítulo.

Um dos grandes desafios, portanto, consiste em reconhecer e aceitar os sujeitos em sua diversidade de gênero, raça/etnia e orientação sexual para que possamos viver em uma sociedade pautada pelo respeito aos direitos humanos. Pensar na discussão desses temas no contexto universitário, através da inclusão no currículo de disciplinas é uma das estratégias para sensibilizar os(as) estudantes e encontrarmos formas coletivas de enfrentamento às desigualdades. Somente assim poderemos iniciar a construção dos alicerces para a promoção da igualdade de gênero e étnico-racial tão almejada.

Em relação às implicações pedagógicas, as narrativas demonstram que a sexualidade e gênero são temáticas que atravessam e constituem o ser humano e devem ser contempladas não somente em uma disciplina específica do currículo da Universidade, mas ser uma discussão transversal, necessitando estar presente na formação dos próprios professores. A diversidade presente nos(as) estudantes universitários(as) mobiliza-nos a pensar em alternativas de inclusão no ambiente universitário.

Utilizar de seu espaço, enquanto docentes, para introduzir a discussão de gênero e sexualidade em cursos diversos faz parte dos jogos e relações de poder, na qual estamos inseridos(as). A introdução deste tema é uma estratégia que resiste ao comum e ao tradicional, suscitando o debate nas turmas de graduação que poderão ressignificá-lo e levá-lo para seus espaços de atuação em estágios em campos distintos. Podemos refletir sobre diferentes formas de compreender o currículo, em sua dinamicidade e historicidade e a partir da incorporação destes temas, trabalharmos as diferenças que são constituídas por experiências e subjetividades diversas.

Quando temos estudantes transexuais ou travestis, por exemplo, devemos respeitar sua orientação sexual e chamá-los(las) pelo nome social<sup>3</sup>. Caso contrário, produzimos práticas constrangedoras para esses sujeitos e violadoras de direitos no ambiente universitário. Outra questão a ser destacada em relação à temática de gênero é o uso não sexista da linguagem para que possamos contemplar a todos e todas e não reforçar binarismos ou produzir estereótipos de gênero. O Rio Grande do Sul adotou em forma de lei, uma resolução que determina o uso da linguagem

---

3 Nome social é o nome pelo qual pessoas com transtorno de identidade de gênero (transexuais e travestis) preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado que não reflete sua identidade de gênero. No Brasil, a Universidade Federal do Amapá foi pioneira na adoção do nome social para seus estudantes. Há iniciativas no mesmo sentido em andamento em outros estados, notavelmente Minas Gerais, Amazonas, Piauí, Pará, Goiás e Paraná, segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nome\\_social](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nome_social). Acesso em 15/08/14. O Governo do Rio Grande do Sul assinou em 2011 o Decreto número 48.118 que dispõe acerca do tratamento nominal, da inclusão e do uso do nome social de travestis e transexuais nos registros estaduais relativos a serviços públicos prestados no âmbito do Poder Executivo do Rio Grande do Sul. Sua previsão, em essência, recai no direito à escolha de nome social, independentemente de registro civil (AGUINSKY; FERREIRA; RODRIGUES, 2013, p. 6). Maiores informações sobre os desafios e dificuldades enfrentados no acesso a esse direito ver Aguiñsky, Ferreira e Rodrigues (2013).

inclusiva em todos os documentos da administração estatal e a Universidade não pode ficar alheia a esse processo.

A partir de 30/01/14, o Governo do Estado do RS, sanciona os projetos de lei 346/2013 e 344/2013 e passa a utilizar a linguagem inclusiva de gênero em todas as redações de atos normativos de editais e documentos oficiais no âmbito da Administração Pública Estadual. De acordo com a proposição, entende-se por “linguagem inclusiva de gênero o uso de vocábulos que designam o gênero feminino em substituição a vocábulos de flexão masculina para se referir ao homem e à mulher” (RIO GRANDE DO SUL, 2014).

Essas mudanças de terminologia não se referem somente a uma flexão de gênero, mas possuem implicações éticas e morais e envolvem todo um sistema de relações de poder presentes na linguagem que historicamente valorizou o masculino em detrimento do feminino. Capacitações para os(as) professores(as) no uso da linguagem inclusiva e não sexista constitui-se em uma das estratégias para incorporar esse tema no contexto universitário, além de outras.

## Referências

- AGUINSKY, B. G., FERREIRA, G. G.; RODRIGUES, M. C. A carteira de nome social para travestis e transexuais no Rio Grande do Sul: entre polêmicas, alcances e limites. Artigo completo publicado nos **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Florianópolis, SC, UFSC, 16 a 20 de setembro de 2013 Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/recursos\(a\)nais/20/1387471840\\_ARQUIVO\\_BeatrizGershensonAguinsky.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/recursos(a)nais/20/1387471840_ARQUIVO_BeatrizGershensonAguinsky.pdf). Acesso em 15 ago.2014.
- DE JESUS, J. S. O. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. **Psic**, São Paulo, v. 6, n. 1, jun. 2005 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142005000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 jul. 2014
- FERREIRA, G. G.; AGUINSKY, B. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 223-232, jul./dez. 2013 Acesso [https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis\(a\)rticle/view/28416/25767](https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis(a)rticle/view/28416/25767)
- GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 1-18, 1998. (*versão revisada - 2010*).
- IPEA. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**. 4ª ed. Brasil, 2011.
- KERN, F.; SILVA, A. Homossexualidade de Frente para o Espelho. **Psico**, v. 40, n. 4, p. 508-515, out./dez. 2009.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**. *Petrópolis: Vozes, 1997*.
- RIO GRANDE DO SUL. **Governador sanciona leis que instituem sistema de ouvidoria e linguagem inclusiva de gênero**. 30/01/2014. Disponível em: [http://www.estado.rs.gov.br/conteudo/22891/governador-sanciona-leis-que-instituem-sistema-de-ouvidoria-e-linguagem-inclusiva-de-genero/termosbusca=\\*Acesso em 15/08/14](http://www.estado.rs.gov.br/conteudo/22891/governador-sanciona-leis-que-instituem-sistema-de-ouvidoria-e-linguagem-inclusiva-de-genero/termosbusca=*Acesso em 15/08/14).
- SANTOS, S. M. de M. dos S.; OLIVEIRA, L. Igualdade nas Relações de Gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Revista Katálysis**, v. 13, n. 1, jan. a jun. 2010, p.11-19.
- SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, P. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992, p. 64-65.
- SILVA, M. B. N. da. A história das mulheres no Brasil: tendências e perspectivas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 27, São Paulo, 1987.
- SWAIN, T. N. Para além do binário: os queers e o heterogênero. **Gênero**. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, v. 2, n. 1, Niterói, UFF, 2. sem, 2001, p. 93-94.
- TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 24, jun. 2005 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100007&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 July 2014.

## Capítulo 7

### JUVENTUDES: RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

*Maurício Perondi<sup>1</sup>*

*José Jair Ribeiro<sup>2</sup>*

*Francine Ester da Silva Pereira<sup>3</sup>*

#### **Introdução**

Como os(as) jovens universitários(as) se relacionam com a religião? Frequentam alguma religião? Na prática religiosa predomina o individual ou o coletivo? A religião deveria se relacionar com ciência, economia, meio ambiente, política, questões sociais? Como veem a relação ciência e religião? O que pensam sobre espiritualidade?

Essas são algumas questões que surgem quando são analisadas as respostas quantitativas e qualitativas, oriundas da pesquisa “aspectos socioeconômicos, culturais e crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS”. Diante dessas perguntas, percebe-se que não é possível tirar respostas apressadas ou absolutas, tanto pela diversidade que atravessam as juventudes, quanto pela dinâmica que vem imprimindo profundas transformações no campo religioso em nosso país nestes últimos anos. Mas merecem ser refletidas, analisadas e projetadas.

Nas últimas duas décadas as questões juvenis passaram a ser mais frequentes nas diversas áreas sociais: da comunicação, da segurança pública, das religiões, das políticas públicas, na academia, etc. Uma parcela, ainda que não seja a mais expressiva, aborda as relações entre os(as) jovens e a religião, sendo que até o momento foram realizados dois levantamentos bibliográficos acerca desses estudos. O primeiro foi desenvolvido por Tavares e Camurça (2004), membros do Programa de Pós-Graduação em Ciência e Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, e publicado na Revista *Numen*, sob o título “Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica”<sup>4</sup>. Foi realizado um balanço dos principais estudos realizados até aquele momento, destacando autores, temas principais, métodos e abordagens de cada trabalho. O segundo foi elaborado pela socióloga Solange dos Santos Rodrigues, pesquisadora do Iser Assessoria, do Rio de Janeiro, com o título “Jovens, experiência do sagrado e pertencimento religioso: um olhar

1 Doutor em Educação. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

2 Mestre em Teologia. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

3 Graduanda em Arquitetura e Urbanismo e Bolsista de Iniciação Científica. Integrante do Observatório Juventudes PUCRS.

4 Este trabalho teve uma atualização através de um dos autores do primeiro estudo, Marcelo Camurça, intitulado “A experiência religiosa da juventude brasileira contemporânea: esboço atualizado de um estado da arte”, publicado em *O tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada* (FRAGA; IULIANELLI, 2013).

sobre a literatura”, publicado na obra “Mobilidade religiosa: linguagens, juventude e política”, (organizada em 2012 por Pedro Oliveira e Geraldo De Mori). A autora destaca que seu levantamento se coloca numa perspectiva de continuidade com o trabalho anterior, ainda que nos últimos anos a produção sobre o tema tenha se intensificado, dificultando uma análise mais aprofundada. Em sua abordagem aponta três grandes estudos quantitativos sobre o perfil das juventudes brasileiras, que incluíam pesquisa do tipo *survey*: “Perfil da juventude brasileira”, de Novaes (2005); “Juventude Brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas”, de Andrade, Lânes e Carrano (2005); “Juventude, juventudes: o que une, o que separa” de Abramovay e Castro (2006). Rodrigues afirma que

Nas três pesquisas os resultados para a questão referente à filiação religiosa foram semelhantes aos indicados até aqui: tendência a uma menor adesão ao Catolicismo; maior presença evangélica; e ampliação do percentual de jovens que se declararam “religiosos, mas não seguem nenhuma religião” [destaque do original] (RODRIGUES, 2012, p. 262).

Estes três aspectos também foram recorrentes nos dados produzidos pelo Censo 2010, conforme analisa o sociólogo Oliveira (2012). No entanto, não basta apenas saber a quantidade dos(as) que se dizem pertencentes a uma determinada religião ou até mesmo “sem nenhuma”. Tal constatação fica evidente no levantamento realizado por Rodrigues (2012), em que a autora destaca a ausência de estudos que abordem aspectos como: o trânsito religioso entre diversas instituições, as adesões provisórias, a prática simultânea de mais de uma religião, a produção de sínteses pessoais a partir de elementos presentes em diferentes religiões, as opções por determinadas religiões sem aceitar inteiramente o conjunto de concepções e práticas exigidas de quem é adepto(a).

Partindo desta perspectiva, o presente estudo não buscou traçar um perfil religioso dos(as) jovens universitários(as) da PUCRS, mas, outrossim, procurou compreender como se relacionam com a religião, como vivenciam a espiritualidade e qual o significado que estas têm para suas vidas. Também se buscou compreender quais são as relações que eles(as) estabelecem entre a religião e as ciências e religião e as causas sociais.

Partindo de tal premissa e dos resultados produzidos pela pesquisa, elencou-se dois grandes eixos de análise, que também são os dois tópicos deste capítulo: as relações dos(as) jovens com a religião e a vivência da espiritualidade. No primeiro serão abordados os aspectos especificamente relacionados com a religião<sup>5</sup> tais como: o pertencimento múltiplo, as relações com as questões sociais, as contradições das religiões, a relação religiosa familiar e como eles(as) percebem esta

5 Para fins deste estudo adotamos a expressão de religião como sinônimo de instituição religiosa, que compreende um conjunto de ritos, símbolos, doutrinas, mistérios, celebrações, tradições e que os transmite para serem vividos por uma comunidade de fiéis (LIBANIO, 2002).

dimensão na própria universidade. No segundo serão aprofundados os significados e a importância que os(as) jovens universitários atribuem à espiritualidade<sup>6</sup>.

### 1. Jovens distantes da religião?

Para iniciar a discussão sobre a relação dos(as) jovens com a religião cabe situar o entendimento que se tem acerca do tema. Por religião entende-se a relação do ser humano com o sagrado (do latim *re + ligare* = religar), em que se supõe a existência de uma realidade transcendente que pode ser nomeada de diferentes formas: deus, nirvana, tao, absoluto, etc. Esta relação geralmente é organizada através de instituições históricas que sistematizam um conjunto de dogmas, rituais e orações que são seguidos por seus fiéis (o Cristianismo, o Budismo, o Hinduísmo, etc.). A religião corresponderia ao “instituído” e os fiéis e suas práticas ao instituinte.

De acordo com diversos estudos sobre o tema (NOVAES, 2004; RODRIGUES, 2007 e 2012; PERONDI, 2012), nos últimos anos, o instituído tem diminuído o seu alcance junto aos(as) fiéis que cada vez mais, se relacionam com o sagrado, sem necessariamente a mediação de uma religião específica.

Nesta pesquisa, quando questionados(as) se têm alguma religião, 66,7% dos(as) jovens responderam afirmativamente, enquanto que 32% responderam negativamente e 1,3% não opinaram, conforme pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1: Jovens universitários(as) que afirmam ter uma religião

Tens alguma religião?	Porcentagem	Frequência
Sim	66,7	3336
Não	32,0	1601
Não respondeu	1,2	61

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Embora alto, o percentual dos(as) universitários(as) que afirmam ter uma religião é menor do que a média geral dos(as) jovens brasileiros(as) que é de 89,1% (IBGE, 2012). De outra parte, os(as) universitários(as) da PUCRS sem religião somam 32%, enquanto que o percentual dos(as) jovens brasileiros(as) é de 10,1%, ou seja, quase três vezes maior.

Além de saber se os(as) jovens têm ou não uma religião é importante questionar como eles a vivenciam e que sentidos ela tem em suas vidas, visto que afirmar ter uma religião não significa, necessariamente, praticá-la. Um exemplo disso fica evidente na pesquisa Agenda Juventude Brasil (SNJ, 2013) em que dos

6 Para fins deste estudo adotamos a expressão espiritualidade como “a forma de olhar o mundo, o que nos move, nosso jeito de ser. Aquilo que nos inspira as escolhas que fazemos, o que dá sentido ao que somos e realizamos” (REDE MARISTA RS/DF/AMAZÔNIA, 2014, p. 7).

56% dos(as) jovens que se declararam católicos(as), 29% afirmaram ser praticantes, enquanto que 26% disseram ser não praticantes.

Aprofundando a questão também se pode interrogar: o que significa ser praticante? E como deve ser esta prática? Na presente pesquisa uma das questões buscou compreender o entendimento dos(as) universitários(as) sobre tais práticas, conforme expressa o Quadro 2:

Quadro 2: Caráter da prática religiosa dos(as) jovens universitários(as)

Se praticas alguma religião ela deve ser:	Porcentagem	Frequência
Uma prática individual	30,3	1513
Uma prática comunitária / coletiva	4,0	198
Uma prática individual e comunitária / coletiva	29,5	1475
Não pratico nenhuma religião	33,9	1696
Não respondeu	2,3	116

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Dentre esses números, o que chama atenção é que apenas 4,1% vê a prática religiosa como comunitária/coletiva, confirmando que o aspecto institucional cada vez mais perde espaço. Segundo a socióloga Solange dos Santos Rodrigues,

Cada vez mais jovens deixam de encontrar nas grandes religiões tradicionais narrativas plausíveis que respondam às suas necessidades de sentido, e passam a ter uma experiência do sagrado sem a mediação de instituições religiosas (RODRIGUES, 2007, p. 67).

Já não é nenhuma novidade constatar que as juventudes vêm tendo práticas religiosas mais individualizadas e menos coletivas. Um(a) dos(as) jovens, participante de um dos grupos focais, destaca como realiza a sua prática:

Todos os dias antes de dormir e depois de acordar, faço uma oração, agradeço por tudo que eu tenho: pela saúde, pela minha família. Então, a religião e a fé tá sempre comigo, independentemente de eu ir pra um outro lugar, na igreja, no caso (GF5; S3<sup>7</sup>).

Além de a religião ter se tornado uma prática majoritariamente individual, outro aspecto que se modificou diz respeito ao pertencimento religioso.

7 Para melhor entendimento dos registros esclarecemos que o S seguido de um algarismo que aparece logo após o parêntese, indica o número que cada um dos(as) universitários(as) recebeu ao chegar, tendo em vista favorecer a fidedignidade no apontamento das falas de cada um(a) dos(as) participantes do grupo e GF3 identifica que se trata do Grupo Focal que tomou em questão a temática "Juventudes e espiritualidade".



Se em outros tempos a mobilidade religiosa era menos perceptível, nos tempos atuais, os(as) jovens afirmam transitar por diferentes tradições religiosas buscando respostas às suas questões existenciais. Ao destacar este aspecto um(a) dos(as) jovens afirma:

Eu fui batizado(a) na igreja católica, mas eu acredito no espiritismo. Não é uma religião em si. Eu comecei bem novinho(a) a ler livros e desde então eu comecei a frequentar os centros espíritas. Hoje em dia eu não posso ir toda a semana no centro espírita, mas eu faço todos os dias o evangélico. Antes de dormir a gente abre o evangelho e eu faço essa minha reflexão todas as noites. E isso tá bem presente no dia a dia. Tudo que eu faço, eu sempre peço uma orientação (GF5; S5).

O(a) jovem destaca que foi batizado(a) na Igreja Católica, mas, posteriormente passou a acreditar no Espiritismo e a frequentar centros espíritas, numa alusão à mobilidade religiosa realizada por ele(a). Esta mudança possivelmente não seja um caso isolado, visto que, segundo dados do Censo 2010 (IBGE, 2012), o Espiritismo, juntamente com as Igrejas pentecostais são as instituições religiosas a terem um crescimento em número de fiéis nas últimas décadas.

Outra variável neste cenário diz respeito ao pertencimento religioso múltiplo, em que os(as) jovens “experimentam” ou frequentam diferentes experiências religiosas, conforme destacam dois/duas jovens, participantes do grupo focal:

Fui batizado(a), fiz comunhão, fiz crisma. Vou na igreja, vou no centro espírita, em todos os lugares... Então, lá em casa a gente faz o evangélico. Então isso é muito presente e é bem assim, um pouquinho de cada um, de cada coisa, mas é muito importante (GF5; S1).

Eu acho que me ajuda bastante, ter uma religião. Eu tento pegar um pouquinho de cada religião, não sou muito cego(a) numa coisa só. Eu acho várias coisas respectivas com várias (GF5; S2).

As expressões dos(as) jovens revelam uma prática de busca de diversos elementos em diferentes expressões religiosas, numa tentativa de síntese pessoal que contemple as suas necessidades e expectativas. Tais achados, vão ao encontro de Carrano (2000), quando afirma que as identidades juvenis são múltiplas. Tal multiplicidade contempla as práticas religiosas dos(as) jovens universitários(as), pois estas se apresentam menos rígidas e compostas por elementos variados que comporiam uma espécie de mosaico religioso.

Outra questão da pesquisa interrogava acerca da relação da religião com a ciência, a economia, o meio ambiente, a política e as questões sociais, conforme pode ser visualizado no Quadro 3.

Quadro 3: Percepção dos(as) jovens quanto à relação da religião com diferentes temas

A religião se relaciona com:	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Não respondeu
Ciência	27,5	11,8	20,7	21,9	16,9	1,3
Economia	29,5	10,4	21,2	20,3	17,0	1,5
Meio ambiente	23,2	8,7	23,0	23,1	20,5	1,4
Política	28,6	8,1	20,6	21,6	19,7	1,5
Questões sociais	9,2	3,0	14,6	29,4	42,3	1,5

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Observando as respostas dos(as) universitários(as) compreende-se que a maioria deles(as) discorda total ou parcialmente que a religião deva ter relação com a ciência e com a economia. Esse posicionamento dos(as) jovens pode ser entendido a partir da relação que se estabelece com o modelo societário vigente, que reafirma fortemente a separação entre corpo e espírito, relegando o espírito ao cuidado da religião. Dentro desse modelo, cabe à religião cuidar das almas, do espírito e do sagrado, sem ter interferência em temas como: economia, política, ciência, meio ambiente. Tal posicionamento passa a ter maior assento a partir da modernidade, em que Nietzsche, entre outros(as) pensadores(as), põem em questão a concepção divina que influenciava grande parte das dimensões sociais.

Apesar de as explicações tradicionais da religião, como a de fato social de Durkheim, de ideologia de Marx ou de modelo mental de Weber tentarem compreender o lugar da dimensão religiosa numa sociedade em mudanças, elas se mostram insuficientes para entender o sentido e o significado da religião para os(as) jovens de hoje.

Um exemplo disso é que, apesar da maioria dos(as) jovens expressarem a necessidade de separação da religião de temas seculares, visualizado na tabela 3, outros(as) jovens, no grupo focal apresentam uma visão diferente conforme destaca um(a) dos(as) universitários(as):

A igreja, a religião, a instituição deve estar presente em todas as realidades, com todas as instâncias da sociedade. Sempre promovendo o quê? A vida, o bem comum, seus valores. Não pode só ficar num espaço físico, sem referência. Mas, nos seus limites, claro, com suas condições de todas as instâncias, da sociedade, política, social, cultural. Enfim... deve estar sempre junta, num conjunto, não isolado só numa, só sua instituição (GF5; S4).

No caso deste(a) jovem, seu destaque é de que a instituição deve se relacionar com outras dimensões da sociedade, mas com uma finalidade específica: promover a vida, o bem comum, os valores. No entanto, deve se relacionar, dentro de certos limites, que ele(a) não cita quais, mas talvez, sejam aqueles específicos aos ritos e práticas próprias da instituição, que não deveriam ser levadas ao espaço público.

Outro(a) jovem concorda que a religião possa se relacionar com temas sociais, ainda que com certa restrição. Ele destaca:

Sobre religião, política, sociedade e tal, eu acho que deve ter uma colaboração, um incentivo, ah, se aquilo não causar um mal como um todo (GF5; S5).

Segundo Rodrigues (2007) a desilusão com práticas das instituições ou dos líderes religiosos é um motivo recorrente pelo qual muitos(as) jovens se afastam da religião. Durante o grupo focal os(as) jovens destacaram alguns desses elementos. Um(a) dos(as) participantes expressa:

Eu acho que é muito complexo isso, envolver religião, sociedade, política... Acho que se for espiritualidade sim, mas religião propriamente dita: A, B, C, D. Eu acho que isso já dá problema. Um dos grandes problemas que a gente tem hoje é os católicos dizerem não ao anticoncepcional, à camisinha. Isso é um grande problema que a gente tem hoje. E a religião impõe isso e, quem é... acaba tendo uma guerra, né (GF5; S1).

Neste caso fica claro um questionamento do(a) jovem à proibição da Igreja Católica quanto ao uso de anticoncepcionais e de preservativos. Em sua visão isso consiste num problema para sociedade atual, gerando contradições. Este aspecto pode ser inserido dentro do contexto das discussões mais amplas acerca da sexualidade e das religiões, às quais geraram e continuam fomentando discussões e divergências<sup>8</sup>, de modo particular para os(as) jovens, conforme discutido no capítulo seis deste livro.

Outro(a) jovem questiona as práticas de religiões afro ao realizarem seus rituais em vias públicas:

Por exemplo, tem os terreiros que, às vezes eles sujam tudo. Dentro do terreiro não, mas eles saem nas ruas e fazem. Eu acho que tem que ter um controle com isso, tem que ter uma relação com políticas, com religiões. Eu acho que pode incentivar, pode cuidar isso, mas se aquilo for causar um mal para o restante eu acho que tem que controlar (GF5; S5).

---

<sup>8</sup> Ainda que as relações entre religião e sexualidade careçam de maiores pesquisas, a pesquisadora Solange Rodrigues (2012) aponta alguns estudos que foram realizados sobre o tema: Tavares et al. (2004), Meinerz (2004), Bertolazo (2008), Santos (2009), Dantas (2010), Gomes (2010), Fernandes (2011).

Aqui o(a) jovem destaca rituais afros que, em sua percepção, sujam as ruas e, portanto, deveriam ser controlados. Ele não discorda das práticas, mas sim de sua realização no espaço público. Neste aspecto ele traz presente a discussão entre os âmbitos público e privado, salientando que uma religião específica pode ser exercida, porém, em âmbito interno. Portanto, além da separação mencionada anteriormente, em que os(as) jovens referem a separação das questões do espírito com as sociais, aqui emerge outra divisão: religião no espaço público e religião no espaço privado.

Um(a) dos(as) universitários(as) destaca outro elemento questionador acerca da relação da religião com outras dimensões sociais. Ele(a) afirma:

Na minha visão, os evangélicos, alguns, claro né, não vamos generalizar. Acho que veem isso [a religião] mais como um comércio hoje em dia. A igreja é comércio. (GF5; S5).

Neste caso o(a) jovem questiona quem ele denomina como “evangélicos(as)”, sem fazer uma distinção de um grupo específico, e a prática financeira que é desenvolvida em sua igreja. Ele(a) aponta que a religião pode estar sendo transformada em comércio. Conforme destaca Rodrigues (2007), tais práticas são vistas pelos(as) jovens como incoerentes com aquilo que pregam em seus discursos. Tais práticas não são desenvolvidas apenas pelas religiões evangélicas, mas também por outras, que entram cada vez mais na lógica do mercado de consumo, gerando inclusive uma disputa por fiéis. De acordo com Tomazi,

[...] A dimensão religiosa da vida se depara com o espírito do mercado, cujos anjos mensageiros são os meios de comunicação de massa. Eles abrem os “apetites” das pessoas e prometem satisfazê-los. É o mercado que à sua frente envia “lúcifer” a fim de angariar consumidores e adoradores, capazes de promover seu espírito mediante os mais diversos meios possíveis, sejam eles tradicionais ou novos (2013, p. 195).

Para o autor, as religiões estão sendo permeadas pelo espírito do mercado, ancoradas, sobretudo, nos meios de comunicação. Comprovam este fato as inúmeras redes de comunicação que estão sendo criadas ou adquiridas por instituições religiosas, fora a inserção de programas religiosos em redes abertas de comunicação. Tal crescimento está ocasionando o aumento no “consumo religioso” de um número significativo de fiéis, mas que não deixa de ser interrogado pelos(as) jovens universitários(as). Conforme foi possível visualizar através do grupo focal, eles(as) questionam quando percebem que certas práticas religiosas não são coerentes com os princípios em que acreditam.

Ainda sobre a relação da religião com outros temas do Quadro 3, os que obtiveram maior índice de concordância foram o meio ambiente, a política e as questões sociais. No último item, 71,7% dos(as) universitários(as) respondentes

afirmaram que concordam totalmente ou parcialmente de que a religião deva se relacionar com as questões sociais. Por um lado, esta resposta sobre as questões sociais pode exprimir uma preocupação com as pessoas mais excluídas da sociedade, que se constitui como uma das atenções das tradições religiosas. Por outro lado, esta visão pode ter um caráter restritivo, pois pode dar a entender que a religião tem um papel social de suprir os direitos sociais que são negados pelo Estado, gerando uma situação de acomodação estatal de confusão de papéis sociais. Ao falar da atuação social da Igreja (Católica), um(a) dos(as) jovens participantes do grupo focal salienta:

Quantas pastorais existem na igreja, né? Eu acho que mais de quarenta. Até se tu olhar em escola, em hospitais, todos eles são exemplos de ajuda à sociedade e não só religião, mas no cultural ou a saúde. É, atua de muitas formas, em prol da sociedade, não só na religião, mas em todos os ambientes: escolas, áreas físicas, saúde coletiva, enfim, é bem diversificado (GF5; S4).

O(a) jovem destaca a atuação da Igreja Católica, através de suas pastorais sociais e de outras formas, nas áreas da saúde, da educação, da cultura, entre outras, em que a religião também contribui socialmente. Tal compreensão pode gerar motivação para a participação em causas sociais, através das instituições religiosas. Afirmando esta possibilidade, Tomazi, destaca,

Os valores religiosos podem ser causa de participação social, na medida em que assumem uma dimensão coletiva e pública. A esfera religiosa pode ser uma referência para a participação social, política e democrática. A vivência religiosa pode fomentar a experiência da cidadania e o engajamento social (2013, p. 228).

A possibilidade de atuação social, motivada por utopias e valores religiosos, salientada pelo autor, pode ser encontrada também em outros estudos que analisam o tema: Beozzo (1983), Novaes (1994; 2005), Steil et al. (2001), Perez et al. (2004), Tavares e Camurça (2004), Perez et al. (2009), Novaes e Vital (2006) e Fernandes (2008 e 2009)<sup>9</sup>.

Outra questão discutida junto aos(as) jovens diz respeito às relações entre ciência e fé. Historicamente houve grandes divergências e também tentativas de aproximação entre ambas, contudo, ainda continua como um tema recorrente, sobretudo no âmbito universitário, lócus privilegiado para esta discussão.

Perguntando sobre esta relação no grupo focal, percebe-se que os questionamentos continuam, que as visões sobre as diferenças, complementos e ajuda mútua ressoam de forma diferente para cada jovem. Um(a) dos(as) universitários(as) assim expressa:

<sup>9</sup> Conforme levantamento bibliográfico realizado por Rodrigues (2012).

É que há coisas que não se pode comprovar, que o ser humano não tem capacidade, nunca vai ter. E muitas pessoas querem o modo positivo, empírico, de prova, de visual, que em certos aspectos não vão alcançar. E nessa busca incessante às vezes acabam perdendo a fé e ficando focadas só nisso, né. Uma questão que não tem solução, que não vai conseguir comprovar. Então, tem essa questão da comprovação que muitas vezes afasta da fé. Quer botar a ciência como absoluta (GF5; S4).

Neste caso, o(a) jovem destaca que muitas pessoas buscam a comprovação empírica de tudo o que acreditam, colocando a ciência como absoluta, em detrimento da fé, que não se pode comprovar cientificamente. Segundo Libânio (2002), este confronto entre fé e ciência tem repercussão significativa para o(a) jovem que ingressa no mundo universitário, onde ele(a) se depara com outras cosmovisões sobre a realidade, que podem gerar crises de fé, especialmente, àqueles(as) que provêm de famílias religiosas, que estudaram em colégios confessionais, que frequentaram paróquias ou grupos de jovens religiosos.

Outro(a) universitário(a) enfatiza certa divisão entre fé e ciência:

Eu acho que a religião começa onde a ciência termina. Aonde a ciência parou de explicar, a religião se estabelece. Não que tu não precise de uma pra crer na outra, mas eu não acho que são coisas diferente, dicotômicas. Eu acho que a religião vai muito daquilo que não se pode explicar e a ciência vai até aonde se pode explicar e comprovar. Só que o que anda acontecendo, como a ciência tá se desenvolvendo muito a religião tá diminuindo de tamanho (GF5; S2).

A dicotomia percebida pelo(a) jovem tem a ver com a natureza diferenciada de ambas. Esta diferença é explicada por Betto ao destacar que “a fé parte de verdades reveladas sem comprovação experimental, a ciência é o reino da dúvida, e se apoia em pesquisas empíricas. A fé apreende a essência das coisas; a ciência, a existência” (2013, p. 55). Contudo, tal diferenciação não implica numa contraposição entre elas, como muitas vezes se sugere.

A discussão no grupo focal também mostrou que há percepções que veem complementaridade entre ciência e fé. Um(a) dos(as) jovens destacou:

O que eu digo é assim, na área médica com certeza, sem dúvida, da nossa, da Psicologia assim, existem testes comprovados que a pessoa que tem uma espiritualidade, que tem fé, ela tem muito mais chance de obter um sucesso no seu procedimento, na sua cura, encara de uma forma muito melhor a doença, o problema (GF5; S4).

Neste caso, o(a) jovem destaca que na sua área (Psicologia) existem pesquisas que comprovam as relações entre a ciência e a fé no tratamento de pa-

cientes que possuem algum tipo de crença. Diferente das visões anteriores, nesta situação se concebe que existiria uma complementação entre ambas.

Enfatizando esta ideia, em outra afirmação o(a) jovem manifesta:

Há uma tendência de unir as outras, de uma ajudar a outra, serem complementares. Claro que muitas questões nem sempre são, mas ambas tem essa tendência de agir, de se tornarem juntas, uma segurando a outra. E analisando assim, mais profundamente, a gente sabe que tudo é religião, a própria ciência. Mesmo os cientistas eram religiosos. Então quem disse que a ciência é oposta da fé tá tendo um equívoco nesse ponto. Acho que é muito comum dizer que são opostas, mas na verdade não são. Alguns pontos diferem, mas elas caminham juntas, com o mesmo objetivo (GF5; S4).

Além de destacar a complementaridade entre ambas, neste caso, o(a) jovem acaba por (con)fundir fé e ciência, ao enfatizar que até mesmo os cientistas são religiosos. É possível afirmar que cientistas tenham uma fé, mas não, necessariamente que sejam religiosos. Do mesmo modo, é possível que não exista oposição entre ciência e fé, mas não significa que elas tenham o mesmo objetivo.

Ainda que possam persistir dúvidas e algumas confusões que outrora já se faziam presentes, os(as) universitários(as) tendem a perceber mais complementaridade do que oposição nesta relação, mantendo uma postura crítica frente à religião:

E eu acho que também tem que cuidar porque a religião às vezes cega um pouco. Também não adianta simplesmente aceitar tudo. Eu sou uma pessoa bem religiosa só que eu sempre tento refletir bem sobre o que alguém me fala, sabe? Eu não vou seguir só aquilo que me falam (GF5; S5).

O(a) jovem refere ser uma pessoa religiosa, mas enfatiza que ele(a) não aceita tudo aquilo que lhe falam, demonstrando uma autonomia de posicionamento com relação àquilo que a religião lhe propõe. Percebe-se, então, uma visão que não é passiva e que não aceita todos os dogmas religiosos.

Os aspectos referidos até o momento apontam para uma mudança na forma como os(as) jovens universitários(as) se relacionam com a religião, apresentando novas compreensões, novas relações e novos posicionamentos. Tais mudanças também podem ser situadas no contexto histórico que vivenciamos, em que

a busca de respostas para suas dúvidas e angústias existenciais, a abertura ao novo, a extrema curiosidade, a liberdade frente a exigências incompreensíveis, a crítica aguçada quando percebem nos líderes religiosos atitudes consideradas inadequadas, tudo isso pode explicar uma adesão mais fluida, os vínculos tênues que uma parcela da juventude mantém com as instituições religiosas (RODRIGUES, 2007, p. 65).

Além de destacar como os(as) universitários(as) se relacionam com a religião, (enquanto instituição), com as questões sociais, com a ciência, etc., a pesquisa também buscou compreender como estes(as) jovens vivenciam a espiritualidade e que significado esta tem para suas vidas. Este é o tema que será abordado na sequência.

## 2. Jovens e espiritualidade

Nesta segunda parte do capítulo será abordada a vivência da espiritualidade pelos(as) jovens universitários(as), questionando o significado desta para suas vidas e seus cotidianos.

O termo espiritualidade vem da palavra *espírito*, do grego *ruah*, que significa ar, sopro, respiração, o que dá movimento, vida. Segundo Dalai Lama, a espiritualidade

Está relacionada com aquelas qualidades do espírito humano tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros (2000, p. 16-17).

Esta compreensão amplia o entendimento da espiritualidade para além das religiões ou de uma expressão específica de fé, pois remete a uma dimensão mais ampla que atribui sentido para as pessoas que a vivem no seu cotidiano. Está relacionada à ideia de que a busca por algo transcendente é constitutiva do ser humano<sup>10</sup>, que é concebido como *homo religious* ou *homo symbolicus* (TOMAZI, 2013, p. 272). Assim pensada, a espiritualidade pode ser considerada como “uma dimensão antropológica, estrutural do ser humano” (LIBÂNIO, 2002, p. 100).

Nesta perspectiva, não há uma clareza na fala dos(as) universitários(as) participantes do grupo focal entre a dimensão espiritual e a busca pelo sagrado, visto que eles(as) apontam como se fossem a mesma coisa. A fala de um(a) dos(as) participantes aponta para esta realidade:

Eu acho que assim, em linhas gerais [a espiritualidade] é buscar uma força maior, uma força sobrenatural. Se diz aspecto transcendente, transcende o ser humano, que na prática a gente sabe que é buscar a Deus. A espiritualidade é buscar a Deus (GF5; S4).

Na percepção deste(a) jovem, a espiritualidade está relacionada com uma realidade superior, que ele(a) nomeia de diferentes formas, mas que ao final, acaba

10 Leonardo Boff (2012), em *o Cuidado Necessário* aborda o tema cuidar do próprio espírito e dos outros, através das características da pessoa-espírito, a saber: um ser de transcendência; a conexão com o todo; um ser de liberdade como autodeterminação; a capacidade de amar e perdoar; a capacidade de compaixão; o eterno buscador; um ser capaz de uma grande síntese.



referindo que se resume a “buscar a Deus”, como tradicionalmente se denomina. Segundo Dalai Lama (2000), a dimensão do espírito no ser humano não está necessariamente relacionada com o sagrado, mas a um modo de ser e agir no mundo.

Outro(a) jovem destaca:

As pessoas buscam alguma força sobrenatural para acreditar, num momento de aperto. Até uma pessoa que não acredita em Deus, sempre busca de uma certa forma, inconscientemente, num momento que precisa. Então eu acho que todo mundo tá em busca dessa espiritualidade, dessa fé, inconscientemente ou conscientemente (GF5; S3).

De modo semelhante, este(a) jovem também afirma que a espiritualidade está relacionada com uma força sobrenatural, porém, destaca que até mesmo uma pessoa que não acredita em Deus, pode desenvolver relação com uma realidade transcendente. Estas compreensões demonstram que grande parte dos(as) jovens acredita em alguma forma de realidade divina e que o número de ateus é baixo, conforme outras pesquisas já demonstraram (RODRIGUES, 2007; NOVAES; MELLO, 2002).

Na perspectiva dessas falas, percebe-se que espiritualidade refere-se à força vital que existe dentro das pessoas, ou à sua natureza mais profunda e mais fundamental; a verdadeira natureza, o eu, que está profundamente conectada com uma realidade espiritual maior (YUS, 2002, p. 111); constitui o fundamento, a base, a motivação de sua vida interior, subjetiva, é o seu verdadeiro eu, que muitas vezes não se consegue vivenciar (BETTO, 2013, p. 17-24); os seres humanos têm a capacidade de ir além das meras aparências, além do que vemos, escutamos, pensamos e amamos; percebem valores e significados e não apenas eventos e ações (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 421-430).

Entendendo deste modo, a espiritualidade configura-se como um paradigma global, enfatizando as conexões humanas entre as pessoas por meio das fronteiras políticas; é um paradigma ecológico, enfatizando nossas conexões com todo o tipo de vida e se opondo ao antropocentrismo destrutivo e ao materialismo da cultura ocidental moderna; é uma reverência à vida, uma atitude de respeito e de reverência ante a transcendência da Origem de nossa existência (YUS, 2002, p. 113).

A espiritualidade é apontada pelos(as) universitários(as) que participaram do grupo focal como algo que contribui para orientar as suas escolhas e os seus posicionamentos:

Eu acho que a espiritualidade baseia muito o tipo de escolha que tu vai tomar. Independendo do quão isso é forte ou não na tua vida, influencia muito o teu posicionamento diante da tua forma de escolher, da tua forma de agir. Então acaba influenciando indiretamente as tuas escolhas e aquilo que tu vai te tornar, te transforma, entende? (GF5; S2).

Além de contribuir com as decisões, o(a) jovem enfatiza que a espiritualidade contribui para a construção de sua identidade ao afirmar que influencia “aquilo que tu vai te tornar”, ou seja, está intimamente ligada com o sentido mais profundo e com as convicções que contribuem para formar a identidade pessoal. Esta situação pode ser contextualizada ao momento histórico em que se vive, em que “a própria identidade de uma pessoa não mais passa pela comunidade a que pertence, pelo clã ou aldeia, mas é individual” (TOMAZI, 2013, p. 197).

Os(as) jovens expressam um reposicionamento da concepção “tradicional” de espiritualidade, que estaria vinculada unicamente a dimensões divinas, visto que ela passa a incorporar também valores éticos, conforme afirma um(a) dos(as) participantes:

Acho que ela [a espiritualidade] é essencial sim pra todas as idades, para todas as etapas da vida e é nossa força maior assim. Sem esse aspecto espiritual a gente não consegue ter força, não consegue enfrentar as dificuldades e não só em valores religiosos, mas éticos e morais e isso às vezes a gente busca por si só ou geralmente a família traz esses valores. Inicia uma tradição já, um certo tempo e que fazem toda a diferença pra nossa vida (GF5; S4).

O relato expressa a vivência de uma espiritualidade que transcende gerações, visto que pode ser algo “para todas as idades” e que vai além dos valores religiosos, incluindo valores éticos, que podem ser buscados individualmente ou que tenham influência da própria família.

A vivência de uma religiosidade e as suas relações com a família apresentaram diferentes situações nos relatos dos(as) universitários(as). Uma delas demonstra uma forma diferenciada de como os(as) jovens a vivenciam com relação a seus pais. O relato a seguir demonstra esta diferença:

Meus pais sempre pegam no meu pé: “Vai na igreja no domingo!”, porque sempre que eu fico em casa eu vou na igreja com eles, quando eu estou fora de casa eu não vou muito. Por quê? Eu sempre digo pra eles: “Pai, se eu tenho fé, se eu acredito em Deus, se eu rezo todas as noites, agradeço a Deus por tudo, a minha fé tá comigo onde quer que eu vá, não importa se eu vou ou se eu não vou na igreja, não importa se eu estou dentro do prédio ou não. A minha fé tá comigo, não no local, reservado, sagrado”. Eu acredito nisso (GF5; S3).

É perceptível o apontamento de uma religiosidade que se diferencia dos seus pais, demonstrando que “a fé não é mais uma questão de tradição, mas de opção” (PERONDI, 2012). Neste caso, o(a) jovem não está referindo à espiritualidade, numa perspectiva mais ampla, enquanto dimensão humana, mas sim às suas práticas religiosas, numa clara evidencia de que ele(a) não realiza distinções entre elas.

Ainda tratando do tema espiritualidade, outro(a) jovem destaca:

[A espiritualidade] me baseia assim, principalmente quando eu estou exausto(a) quando eu preciso de alguma base, de alguma força, é a isso que eu recorro. Eu não vou na igreja, mas eu tenho a minha, a minha própria oração. Eu oro antes de dormir. Eu acho que isso tá presente em mim bastante, tá comigo sempre (GF5; S2).

Ainda que denomine como sendo espiritualidade, nesta situação, o(a) jovem, está falando explicitamente de suas práticas religiosas e como ele(a) às desenvolve.

Discorrendo acerca das práticas, outro(a) universitário(a) destacou ser um praticante da sua religião, inclusive, frequentando a instituição, diferentemente da maioria dos(as) jovens participantes da pesquisa, conforme se visualiza em sua expressão:

Eu sou católico, praticante. Sempre que tenho tempo, eu vou toda a semana, às vezes mais de uma vez por semana, participo de grupos de jovens, pastorais e me arrependo de não ter começado antes. Eu vejo como me faz bem, como acrescenta na minha vida, então eu pratico muito por esse lado assim, me sinto muito bem (GF5; S4).

Ao destacar que é fiel praticante este(a) jovem, acrescenta que participa de grupo de jovens e de pastorais e que isso contribui para a sua vida. Percebe-se neste caso como as instituições religiosas podem constituir-se como espaços de socialização, de construção de valores éticos, de formação de atitudes e para a realização de opções pelos(as) jovens, algo particularmente importante para esta fase de vida. Deste modo, tais espaços contribuiriam para uma vivência de uma espiritualidade num sentido mais amplo, como se apresentou nesta parte da análise.

Segundo a Pesquisa do Projeto Juventude (ABRAMO; BRANCO, 2005), os grupos de jovens religiosos ainda são os que têm um dos maiores índices de participação juvenil no Brasil. Além da socialização, tais grupos também podem se constituir como espaços de aprendizados, conforme destaca Perondi (2008) ao analisar a participação de jovens em grupos de pastoral da Igreja Católica.

Esta busca por experiências grupais também é referida por outro(a) universitário(a):

Já fiz parte de um grupo de jovens, só que eu troquei de cidade aí eu não encontrei outros, então, parei de ir nos grupos (GF5; S3).

Ao mesmo tempo em que jovens referem ao longo da pesquisa que buscam cada vez mais a vivência individual da fé, também referem à procura por experiências coletivas, inclusive no âmbito religioso. Tal situação pode levar-nos ao questionamento: as instituições estão oferecendo espaços que valorizem as cul-

turas juvenis e as expectativas dos(as) jovens com relação à vivência da espiritualidade e de valores?

Durante a pesquisa os(as) universitários(as) também ressaltaram que a religiosidade não deveria ser algo forçado, como se pode visualizar:

Acho que a faculdade te impor isso ou o colégio te impor isso de uma maneira forçada também não é legal, porque não vai tá fazendo isso se desenvolver em ti, mas vai tá plantando ideia pronta, né. Não vai estar te fazendo construir um conceito, não vai estar plantando a sementinha pra crescer em ti, mas vai tá te dando a planta pronta. Pra mim, pelo menos, isso não vale. Te dar um conceito pré-estabelecido, te dar um padrão e te dizer é assim que tu tem que seguir. Eu acho que vai muito de te instigar, subjetivamente, a desenvolver isso (GF5; S2).

Novamente ressalta-se a ideia de que os(as) jovens buscam vivenciar uma religiosidade que confira sentido ao seu cotidiano. Neste caso, o(a) jovem enfatiza que não é através de formas prontas que ele(a) irá assumir determinadas práticas de fé em sua vida. Aqui pode ser retomada a ideia apresentada no início deste capítulo a respeito do instituído e do instituinte. O(a) jovem deixa claro que a religiosidade não pode ser imposta pelo instituído (a religião, a universidade, a escola, a família), mas precisa ser construída pelo instituinte (sujeito). Neste caso não há uma negação da instituição, mas há um questionamento metodológico de como a vinculação e o sentido religioso são construídos e assimilados.

### **Considerações Finais**

A análise empreendida permitiu apontar alguns elementos para o entendimento de como os(as) jovens universitários(as) se relacionam com a religião e como vivenciam a espiritualidade. Constatou-se que há uma falta de clareza entre ambas as dimensões. Em diversas ocasiões, principalmente durante o grupo focal, os(as) jovens utilizam a expressão espiritualidade, mas acabam por discorrer sobre a religião ou as práticas religiosas e não a uma dimensão humana mais ampla. Portanto, fica evidente a necessidade de um melhor entendimento da espiritualidade como dimensão humana e não reduzida apenas a uma religião em si ou a um conjunto de práticas religiosas.

No âmbito social, as pesquisas revelam um distanciamento cada vez maior das juventudes das instituições religiosas. Tal dado pode ser comprovado e até mesmo ampliado com relação aos(as) jovens universitários(as) participantes da pesquisa. Contudo, não é possível afirmar que os(as) jovens não têm fé ou são menos religiosos, o que se evidencia é um afastamento do instituído (religião). A maioria deles(as) afirma ter uma fé, uma crença, que, no entanto, é cada vez mais vivenciada individualmente.

Há uma valorização da coerência entre a crença que se professa e a prática cotidiana, que vale tanto para a instituição como também para as pessoas. Os(as) universitários(as) questionam as más ações das religiões ou dos(as) líderes religiosos(as), assim como criticam as contradições pessoais, quando estas não correspondem aos valores que dizem acreditar.

A pesquisa também apontou que as instituições educativas e religiosas, como é o caso da PUCRS, precisam conhecer melhor os(as) jovens que se dizem sem religião, visto que representam quase um terço do total de universitários(as). Há a necessidade de aprofundamento visto que a investigação não produziu dados suficientes para compreender melhor tal segmento, pois não houve universitários(as) com este perfil participando do grupo focal e as questões objetivas não aprofundaram este aspecto.

Os dados apontam para a complementaridade entre ciência e religião, no pensamento das juventudes, mas os(as) jovens não sabem muito bem como isso pode acontecer, pois têm pouca clareza sobre a finalidade de cada uma. Fica um desafio de como a universidade poderia fomentar este diálogo e como os professores, a partir de suas áreas de conhecimento, poderiam contribuir para este entendimento.

A partir da constatação da espiritualidade, enquanto dimensão humana, emerge um questionamento acerca da possibilidade de uma educação que permita a professores e estudantes despertar para consciência da conectividade do universo. Para isso, o ato educativo precisa partir de uma dimensão holística, em que o propósito da educação seja alimentar o crescimento do potencial intelectual, emocional, social, físico, artístico e espiritual. Ter esse olhar é perceber que a espiritualidade não se reduz a ações e atos pontuais, e sim, a um modo de ser, uma atitude de se conectar com tudo o que acontece ao redor do ser humano. É ter uma preocupação maior com abrir portas a cada estudante para que este(a) possa pessoalmente estabelecer o diálogo místico e, dessa forma, se sobrepor a uma cultura excessivamente materialista e positivista imposta a eles(as) desde a mais tenra idade.

Por fim, percebe-se que estamos diante de jovens universitários(as) com novos perfis, mais plurais e dispostos(as) a fazer opções vitais cada vez mais baseadas nas experiências realizadas e não pautadas somente na tradição. Tal situação remete à importância em aprofundar o conhecimento das culturas juvenis, pensando em diálogos possíveis e em metodologias que melhor correspondam ao tempo presente.

## Referências

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006.
- ANDRADE, E. R.; LÂNES, P.; CARRANO, P. **Juventude Brasileira e democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Relatório Final. Rio de Janeiro: Ibase; São Paulo: Pólis, 2005.
- BERTOLAZO, G. Moral e comportamento sexual: a perspectiva dos jovens do grupo de oração universitário “Valei-nos, São José”. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS. Campo Grande, 2008.
- BETTO, F. **Fome de Deus: fé e espiritualidade no mundo atual**. São Paulo: Paralela, 2013.
- BOFF, L. **O cuidado necessário**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CARRANO, P. C. R. As identidades são múltiplas. In: **Movimento**, Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 1, p. 11-27, mai. 2000.
- DALAI-LAMA. **Uma ética para o Novo Milênio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DANTAS, B. S. do A. A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve. *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, 30/1, P. 53-80, 2010.
- FERNANDES, S. R. Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais na Baixada Fluminense – Algumas proposições a partir de um survey. *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, v. 31/1, P. 96-125, 2011.
- FRAGA, P. C. P.; IULIANELLI, J. A. S. (Orgs.) *O tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada*. Rio de Janeiro: letra Capital, 2013.
- GOMES, E. E. Ensaios etnográficos sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé: “vem, você vai gostar”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2010.
- HATHAWAY, M.; BOFF, L. **O tao da libertação**: explorando a ecologia da transformação. Petrópolis: Vozes, 2012.
- IBGE. Censo 2010: **Número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. 2012. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/default\\_caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm).
- LIBÂNIO, J. B. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MEINERZ, N. E. Sexo, oração e rock and roll: um estudo antropológico das percepções de sexualidade de jovens a partir da vivência religiosa. *Numen* 12. Juiza de Fora, v. 7, n. 1, p. 123-144, 2004.
- NOVAES, R. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. **Comunicações do ISER**, n. 45, p. 62-74, 1994.
- NOVAES, R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. São Paulo: **Revista Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, set./dez., 2004.
- NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In:

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P.P. M. (Orgs.) **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 263-290.
- NOVAES, R.; MELLO, C. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. **Comunicações do ISER**, v. 57. Rio de Janeiro: ISER, 2002.
- NOVAES, R.; VITAL C. A juventude de hoje: (re)invenção da participação social. In: THOMPSON, A. A. (Org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo: Periópolis, 2006. p. -107- 147.
- OLIVEIRA, P. R. A desafeição religiosa de jovens e adolescentes (Entrevista Especial). **IHU Online**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- PERONDI, M. **Jovens da pastoral da Juventude Estudantil**: aprendizados na experiência. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRGS. Porto Alegre, 2008.
- PERONDI, M. Adolescência e fé: questão de religião ou de religiosidade? São Paulo: **Diálogo-Revista de Ensino Religioso**, n. 68, Out/Dez, 2012.
- REDE MARISTA RS/DF/AMAZÔNIA. **Nós em rede**. Publicação Semestral da Coordenação de Pastoral, a. 5, n. 8, Porto Alegre, 2014.
- RODRIGUES, S. dos S. Como a juventude brasileira se relaciona com a religião? **Revista Sociologia Especial**, a. I, n. 2, 2007, p. 64-73.
- RODRIGUES, S. dos S. Jovens, experiência do sagrado e pertencimento religioso: um olhar sobre a literatura. In. OLIVEIRA, P. A. R.; DE MORI, G. **Mobilidade religiosa**: linguagens, juventude e política. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SANTOS, V. G. Juventude e gênero na renovação carismática católica em Goiânia. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUCSP. São Paulo, 2009.
- TAVARES, F.; CAMURÇA, M. “Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Revista Numen**, Juiz de Fora, v. 7, n 1, p. 11-46, 2004.
- TOMAZI, G. **Juventude: protagonismo e religiosidade**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- YUS, R. **Educação integral**. Uma educação holística para o século XXI. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.





## Capítulo 8

### A CERTEZA E A (IN)CERTEZA: TRAJETÓRIAS JUVENIS E PROJETOS DE VIDA EM UM CONTEXTO DE TRANSFORMAÇÕES SOCIETÁRIAS

*Giovane Antonio Scherer<sup>1</sup>*

*Patricia Krieger Grossi<sup>2</sup>*

#### **Introdução**

Planejar o futuro sempre se constituiu em um importante desafio para todo e qualquer sujeito, uma vez que, todo e qualquer planejamento possibilita a construção de estratégias frente à dinâmica da realidade. Porém, na atual conjuntura, diversas transformações societárias vêm impactando as percepções para com o futuro, uma vez que, ao mesmo tempo em que se ampliam possibilidades, com o surgimento de novas profissões (embaladas por novas tecnologias como debatido no capítulo 4 deste livro), ampliam-se também o contexto de precarização para com o mundo do trabalho (como refletido no capítulo 3). Diante dessa realidade, a certeza quanto ao futuro e aos “planos” para com esse futuro, se fragilizam, se constituindo em (in)certezas diante da dinâmica do real.

Nesse sentido, as juventudes, assim como os demais segmentos sociais, vêm sendo impactadas pelas mudanças estruturais ocorridas no último século, resultando na corrosão das estruturas sólidas no que se refere, especialmente, ao mundo do trabalho, incidindo na catalisação de (in)certezas. Isso é, o que aparecia como a certeza quanto ao futuro para as juventudes que vivenciaram o século XX, se apresenta como uma grande interrogação para as juventudes do século XXI. No âmbito da sociabilidade capitalista, as relações de produção são acirradas, modificando as trajetórias juvenis de diversas formas.

Este capítulo apresenta o debate a respeito dos projetos de vida de jovens universitários da PUCRS, como se veem no futuro, o que pretendem alcançar e o que gostariam que fosse diferente na sociedade. As narrativas dos(as) jovens acerca dos projetos de vida e futuro foram vocalizadas nos grupos focais com essa temática, bem como, pela análise de questões objetivas coletadas por meio do questionário da pesquisa. As falas desses sujeitos serão analisadas com base na análise de conteúdo, levando em consideração o contexto juvenil e as transformações societárias das últimas décadas. Desta forma, no próximo subcapítulo, iremos abordar as transformações societárias e os projetos de vida das juventudes em tempos de incerteza.

<sup>1</sup> Assistente Social. Mestre em Serviço Social. Professor da Faculdade de Serviço Social da PUCRS. Pesquisador do Observatório Juventudes da PUCRS. E-mail: giovane.scherer@puccrs.br

<sup>2</sup> Assistente Social. PhD em Serviço Social, Universidade de Toronto, Canadá. Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social da PUCRS. Pesquisadora do Observatório Juventudes PUCRS. E-mail: pkgrossi@puccrs.br

## **Transformações societárias e juventudes: as trajetórias juvenis em tempos de incertezas**

Compreender o percurso das trajetórias juvenis com relação ao futuro, nos exige pensar em múltiplos aspectos que compõem a realidade atual, que vem delimitando as diversas incertezas no planejamento de vida das juventudes. Pais (2006) refere que nas décadas imediatas ao pós-guerra, as transições para a vida adulta assemelhavam-se as viagens em estrada de ferro nas quais os(as) jovens, dependendo da sua classe social, gênero e qualificações acadêmicas, tomavam diferentes comboios com destinos previamente determinados, sendo que as oportunidades para mudar de destino ou trajeto eram limitadas. Posteriormente as transições vivenciadas por jovens eram mais comparadas a viagens de automóvel, uma vez que o condutor do automóvel encontra-se em condição de selecionar o seu itinerário de viagens em um vasto número de alternativas, em função da sua experiência ou intuição. Porém, no contexto atual não são mais as condições do motorista que garantem uma condução ajustada a rotas predeterminadas.

A metáfora abordada por Pais (Idem) refere quanto ao contexto atual, a qual os sujeitos, aparentemente, possuem inúmeras possibilidades de escolhas entre diversas atividades referentes ao mundo do trabalho, porém, devido às transformações societárias das últimas décadas, que acarretam no acirramento das condições de trabalho, essas “escolhas” acabam sendo escassas em meio a um contexto cada vez mais precarizado. Evidentemente, não se pode resumir “os projetos de vida e futuro” das juventudes a suas escolhas profissionais, porém, tratando-se do contexto da sociedade capitalista, a qual os sujeitos adquirem a maioria do acesso a bens e serviços pela lógica da venda da sua força de trabalho, não se pode furtar a esse debate.

Neste sentido, Harvey (1989) afirma que, especialmente a partir da década de 1970 vem ocorrendo mudanças abismais no âmbito da sociedade capitalista. Tais transformações são embaladas por revoluções tecnológicas, compreendidas como um poderoso e visível conjunto de tecnologias, produtos e indústrias novas e dinâmicas, capazes de sacudir as bases da economia e de impulsionar uma onda de desenvolvimento econômico em longo prazo (PEREZ, 2004). Diante destas revoluções tecnológicas, observa-se uma série de metamorfoses no mundo do trabalho, expressas tanto no mercado global, como nas transformações nos padrões organizacionais nas empresas, que buscam a administração da sua produção através de modelos mais flexíveis de produção (HARVEY, 1989).

Todos estes processos impactam diretamente no trabalhador, que neste contexto deve se adaptar ao novo padrão tecnológico e organizacional das grandes empresas capitalistas, que agora competem em um mercado globalizado. Tais transformações acarretam a ampliação do desemprego, do subemprego, de formas precarizadas de inserção no mundo do trabalho, as quais, inevitavelmente, passam a impactar nos projetos de vida e de futuro das juventudes. Esse contexto

afeta ideologicamente as juventudes, que assim como os demais segmentos sociais, buscam estabelecer suas relações sociais nessa nova conjuntura, uma vez que, como afirma Berman (1986), as velhas formas de honra e dignidade se resignificadas, incorporadas ao mercado, ganham etiquetas de preço, como mercadorias. Sendo assim, qualquer espécie de conduta humana se torna permissível no instante em que se mostra economicamente viável, tornando-se “valiosa”; tudo o que pagar bem terá livre curso. As mudanças ocorridas na órbita do capital, modificam além da inserção no mundo do trabalho, as formas de relações entre os sujeitos, onde ampliam-se processos de reificação<sup>3</sup>.

Outro aspecto fundamental das mudanças socioetárias das últimas décadas que merece destaque na análise do contexto juvenil, uma vez que vem acirrar as condições de vida das juventudes, refere-se à perspectiva neoliberal que ganha terreno, especialmente a partir de 1974, quando grande parte dos países capitalistas desenvolvidos entra em uma profunda recessão, combinando taxa de crescimento baixa e uma taxa alta de inflação (HOUTART; POLET, 2002). Esta vem sendo desenvolvida como uma política de enxugamento dos gastos sociais, tanto no âmbito do Estado (e assim redefinindo o papel do Estado não mais como interventor, e sim como regulador), quanto no âmbito das empresas, fomentando o processo de maior exploração com menos mão de obra, tendo a avançada tecnologia como apoio para o desenvolvimento deste processo. Essa tríade dialética entre precarização das condições de trabalho, alterações nas relações sociais e mudanças nas responsabilidades do Estado são elementos fundamentais na análise das transformações societárias das últimas décadas que implicam nas trajetórias juvenis.

Diante desse contexto, planejar o futuro, com base na compreensão do presente, se constitui em uma complexa tarefa, uma vez que o emprego estável que garanta acesso a bens e serviço, na perspectiva da construção da autonomia juvenil não mais se constitui em uma garantia. Como refere Cordeiro (2009) ser jovem, muito além de uma experiência geracional, diz respeito a viver múltiplos pertencimentos, estando permanentemente em trânsito nessas experiências de vida, sendo atravessado e construído pelas condições concretas de vida. Isso é, torna-se fundamental para compreender as juventudes na atualidade com relação aos seus projetos de vida, analisar o contexto que atravessa as suas experiências e impactam na projeção de seu futuro.

A condição juvenil, se constituindo como etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta, tem suas especificidades, sendo necessária a compreensão da rapidez e as características das mudanças do mundo de hoje (NOVAES, 2006). Esse contexto,

---

3 Na perspectiva Marxista se refere a uma forma particular de alienação, que implica na coisificação das relações sociais, onde, muitas vezes valores e sujeitos são transformados em coisas; e as mercadorias, que a priori, são objetos, ganham status de sujeitos.

conforme refere Pais (2006) impacta na condição labiríntica das trajetórias juvenis, uma vez que no labirinto da vida, como no labirinto rodoviário, surgem frequentemente sentidos obrigatórios e proibidos, alterações de trânsito, caminhos que parecem já ter sido cruzados, várias vezes percorridos: essa é uma retomada de caminhos que provoca uma sensação de confusão, constituída por “voltas e mais voltas”. Essa sensação presente no contexto atual, de incertezas quanto ao futuro, pode ser observado em diversas falas nos grupos focais da pesquisa:

Ah não sei na verdade. É que... a gente se forma ano que vem e a gente senta pra conversar assim: “bah, que que tu vai fazer? Bah, daí tu fica assim. Ah, mestrado, especialização, concurso público, ...hã não sei o que, voluntário, tu pensa um leque de opções, né. Então eu também não sei onde eu vou estar daqui a dez anos [...] Então daqui a dez anos eu penso isso. Agora, profissionalmente, eu posso tá com a minha clínica, eu posso tá só com o meu consultório, eu posso tá trabalhando no serviço público. Eu não tenho nada delimitado (GF3; S2<sup>4</sup>).

A fala evidencia, ao referir a “não delimitação” do futuro, o repleto do contexto atual, desenhado pelas incertezas, especialmente quanto à carreira profissional. Assim, ao analisar os projetos de vida e futuro, torna-se fundamental ultrapassar a ideia de linearidade, isso é, da possibilidade de construção de um projeto de vida calcado em certezas, uma vez que, por exemplo, a formação universitária não abre, automaticamente, as suas portas para as juventudes, ditas “qualificadas”. É nesse sentido, que para alguns jovens, na atualidade, surge, então, uma forte orientação em função do presente, já que o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação a eles se desenham (PAIS, 2006). Isso se potencializa, especialmente onde as condições de acesso à educação e qualificação profissional se tornam de difícil acesso. É diante dessa conjuntura que surge, muitas vezes, o medo diante do futuro, uma vez que esse medo é quase sinônimo do medo de “sobrar” e está relacionado ao mercado de trabalho, uma vez que, com todas as diferenças de expectativas, os jovens de diferentes classes sociais temem o futuro (NOVAES, 2006).

Parafraseando Marx é possível afirmar que as certezas se desmancham no ar, especialmente potencializadas pelo contexto de precarização no mundo do trabalho, que vem atingindo fortemente todos os segmentos sociais, mas em especial, as juventudes. Um dos aspectos desta condição de precarização do mundo do trabalho que é vivenciado pelas juventudes, é destacado por Alves (2012) quando utiliza o termo “precarizado” com a finalidade de designar a camada média do

---

4 Para melhor entendimento dos registros esclarecemos que o S seguido de um algarismo que aparece logo após o parêntese, indica o número que cada um dos(as) universitários(as) recebeu ao chegar, tendo em vista favorecer a fidedignidade no apontamento das falas de cada um(a) dos(as) participantes do grupo e GF3 identifica que se trata do Grupo Focal que tomou em questão a temática “Juventudes, projetos de vida e futuro”.

subproletariado urbano, constituída por jovens-adultos altamente escolarizados, mas com inserção precária nas relações de trabalho e vida social. O debate sobre a condição precária e insegura quanto ao mundo do trabalho, é um aspecto central que desenha o contexto de incertezas com relação ao futuro das juventudes. A própria noção de precariado busca desconstruir a ideia, muito presente no século XX, que a formação profissional iria abrir todas as portas de um mercado de trabalho formal e seguro. Sendo assim, o precariado é somente um dos aspectos da precarização que atinge as juventudes, pois há jovens que, em função da falta de acesso a políticas públicas, bens e serviços de qualidade não têm condições de ter acesso a um emprego com garantias legais. Mesmo o mercado de trabalho formal, que se constitui em uma “terra dos sonhos” para a maioria dos trabalhadores, se reconfigura na conjuntura atual se caracterizando por altas taxas de rotatividade, especialmente para os jovens (CARDOSO, 2012).

Neste sentido, em uma sociedade na qual não se vive sem possuir capital, o indivíduo busca de várias maneiras sobreviver dentro de um sistema excludente em que se vivencia uma realidade de um trabalho precário, com altas taxas de desemprego estrutural e subempregos (ANTUNES, 2007). É nesse contexto que as juventudes vêm constituindo suas trajetórias, em meio a incertezas e trajetórias labirínticas, como refere um jovem no grupo focal: *“Essa é uma questão um pouco difícil, porque apesar da gente sempre ter planos, eles vão mudando conforme as oportunidades vão ocorrer [...]”* (GF3; S1). As oportunidades, cada vez mais escassas para as juventudes vão impactar diretamente no projeto de vida e futuro dos jovens, sendo a compreensão do contexto estrutural necessária para a compreensão da forma que os jovens percebem seus projetos em relação ao futuro.

Nessa realidade de incertezas, inseguranças e caminhos labirínticos para as trajetórias das juventudes, surgem tendências culpabilizadoras da realidade juvenil, isso é, muitas vezes os(as) jovens são rotulados(as) como “sujeitos inconsequentes”, que “não pensam no futuro”, porém, faz-se necessário compreender a complexidade de planejar o futuro em um contexto labiríntico, sendo fortemente impactado por dimensões estruturais das transformações societárias.

O termo *projeto*, como é hoje reconhecido, surgiu em meados do século XX e, embora tenha sofrido atualizações ao longo de sua história, consolidou-se *modernamente*, como significante para *intenção, objetivo, planejamento, programa*, buscando corresponder às preocupações e expectativas do tempo técnico, o tempo do trabalho. O projeto, seja ele individual ou coletivo, vai encontrar seu fundamento na forma como os indivíduos e a sociedade se relacionam com o tempo e o devir (DIB; CASTRO, 2010, p.4).

Essa noção é importante para entendermos a posição dos(as) jovens em relação ao seu futuro. Apesar das incertezas, conseguem vislumbrar um projeto de vida, sendo “conseguir um bom emprego”, seguido de “ganhar muito dinhei-

ro” como os aspectos mais destacados pelos 4998 estudantes respondentes de um questionário online. Compartilhamos a posição de Dib e Castro (2010, p. 4) ao referirem que:

O emprego e todo seu corolário trazem elementos de permanência que influenciam, decisivamente, a relação dos indivíduos com o devir. Em um cenário previsível e com garantias, o sujeito se encontra em posição privilegiada para explorar o futuro e prever, controlar e ordenar os seus movimentos. O projeto de vida encontra sua ancoragem em formas estáveis, em função das quais se podem traçar e alcançar objetivos e metas, assim como definir e desenvolver os cursos de ação para atingir esses fins.

Os(As) jovens foram convidados(as) a assinalar seu grau de concordância em relação a três projetos prioritários para o seu futuro. O quadro a seguir apresenta a síntese das respostas dos(as) jovens universitários(as) a partir da frequência das respostas.

Quadro 1: Projetos prioritários para o futuro

Grau de concordância com as frases:	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Não respondeu
Arranjar um bom emprego depois da formação	0,3	0,8	3,1	23,2	71,3	1,3
Constituir família	2,5	3,8	15,0	32,3	45,0	1,4
Continuar os estudos e fazer uma especialização, mestrado ou doutorado	0,8	1,8	7,3	31,6	57,1	1,5
Empenhar-me em questões de direitos humanos, paz, ecologia ou outros movimentos sociais	6,4	11,4	33,4	30,7	16,6	1,4
Encontrar forma de trabalhar no sentido de uma sociedade mais justa e igualitária	45,7	16,5	21,5	8,6	6,4	1,3
Envolver-me com um grupo religioso para aprofundar a minha fé	57,0	17,5	17,2	4,6	2,3	1,4
Envolver-me em política partidária	10,9	12,9	28,3	35,3	11,1	1,5
Fazer trabalho voluntário em lugares empobrecidos	2,3	5,3	21,1	39,4	30,4	1,3
Ganhar muito dinheiro	0,7	0,6	3,6	21,6	72,1	1,4
Ter casa própria	6,2	6,7	32,0	24,6	29,0	1,5
Ter o meu próprio negócio	0,6	1,9	8,3	28,0	59,7	1,4

Fonte: Observatório Juventudes PUCRS. Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014.

Percebe-se que continuar os estudos se encontra na terceira opção mais citada. A experiência positiva como bolsistas de iniciação científica e a perspectiva de maiores ganhos salariais, além de manterem-se atualizados(as), através da qualificação profissional, estão entre as motivações para a formação continuada, verbalizados por vários(as) participantes no grupo focal. O próprio ambiente universitário favorece esse público a buscar a continuação de sua formação profissional como projeto de vida futuro. Constituir família também está entre os projetos prioritários, aparecendo em quarto lugar, mostrando a importância dessa no seu cotidiano. Esse aspecto vai ser mais explorado no decorrer desse capítulo.

Outro aspecto a destacar no quadro é a grande frequência de jovens (47,1%), que afirmou querer se envolver em política partidária, seja total ou parcialmente. Para Rocha (2012, p. 2), este dado é positivo, pois “A construção de uma nova realidade para a juventude passa, obrigatoriamente, pela participação política. E esta participação se faz dentro das atividades políticas em geral, mas em especial no ambiente político-partidário”.

Um aspecto que ganha destaque na análise das falas dos(as) participantes do grupo focal diz respeito à realização profissional por meio do trabalho. No grupo focal, jovens falam sobre onde querem estar daqui a dez anos e o trabalho aparece como categoria principal, sendo que trabalhar é referido como base para conquistas posteriores, ou seja, o trabalho é a categoria principal para que se possa ter uma vida plena e feliz.

Eu, daqui a 10 anos, eu gostaria muito de estar trabalhando onde eu trabalho hoje, que é o Departamento Municipal de Habitação. Só que também, totalmente diferente do jeito que estaria agora, né. Mas, me imagino lá, “sempre incomodando todo mundo”, sempre questionando, trabalhando com as comunidades, com a minha família, podendo no domingo sair, almoçar, fazer um churrasco com a família... (GF3; S2).

Ter prazer no que se faz e gostar daquilo que exerce são categorias principais quando se trata de trabalho, ou seja, para os participantes, não adianta só trabalhar e ganhar dinheiro, há de ter que ser feliz com o trabalho que exerce ou irá ser um sujeito que não teve seus projetos de vida e futuro alcançados. As narrativas dos jovens a seguir expressam essa associação do trabalho com algo prazeroso:

Exatamente, é consequência do trabalho com prazer. Acho que o jovem hoje em dia, a gente busca muito prazer, ser feliz. Eu gosto do que eu faço? Não? Então eu não faço. A gente é muito assim (GF3; S8).

Porque meu próprio pai, coitado, ele fala: “porque eu não fui pra tal área e vim pra essa entendeu”. Ele trabalha e não gosta. Tipo, quanto tu trabalha tipo, tu vai, tu gosta, tu tem muito mais prazer (GF3; S2).

Evidentemente a busca pelo prazer no trabalho se torna cada vez mais um desafio em uma sociedade onde se ampliam processos de precarização, porém, percebe-se que é um aspecto fundamental apontado pelos jovens participantes da pesquisa. Neste sentido, um trabalho que possa trazer realização pessoal é o elemento almejado pelos jovens quando se refere a projetos de vida e futuro.

Em um estudo de caso com jovens universitários do Distrito Federal sobre seus projetos de vida, realizado por Ojala (2008), os resultados apontam que os jovens diferem em termos de condição socioeconômica em relação aos planos de futuro profissional. Os jovens das camadas mais altas da sociedade procuram se realizar sem se preocupar com a sobrevivência, enquanto os estudantes de origem social inferior procuram estabilidade. Quanto aos papéis na futura família, além das diferenças socioeconômicas, os jovens diferem em termos de gênero. Nas futuras famílias, os de origem mais confortável começam a repensar os papéis sociais e as diferenças entre os gêneros não se destacam. Já os jovens de origem menos privilegiada reproduzem na futura família os papéis sociais tradicionais, sendo que a mãe-esposa, neste caso, abre mão da sua realização pessoal.

Apesar de não aparecer no grupo focal essa distinção em relação aos projetos de vida, a classe social a que o(a) jovem pertence pode influenciar no seu processo de decisão em relação ao futuro profissional e também condiciona o acesso às oportunidades.

No próximo item serão apresentadas as concepções das juventudes quanto às suas perspectivas de futuro e sobre o mundo que gostariam de deixar para seus filhos.

### **O Futuro que eu quero! As perspectivas quanto ao futuro na análise das juventudes**

Apesar do contexto das incertezas quanto ao futuro, a juventude, em sua diversidade, percebe a sua implicação como protagonista na construção do futuro. Os impactos que jovens podem ter na contemporaneidade são enfatizados por Melucci (1997), que relaciona esses impactos produzidos pelos jovens na sociedade com o tempo, sendo que as juventudes são os autores-chave para a contemporaneidade e para a mudança na percepção do tempo. Não se trata aqui de colocar a juventude como o único segmento social responsável pela construção do futuro, uma vez que essa tarefa é de todos os segmentos sociais. Implica em analisar a percepção desses sujeitos quanto à ideia de futuro necessária para construir um projeto de futuro iniciado no tempo presente. Nesse sentido, os jovens referem:

[...] Eu acho que o jovem ele tem essa coisa de **mudança**, de atrevimento sabe? As pessoas hoje em dia falam, o jovem vai, já vem e fala já vem e participa. As empresas mesmo, por exemplo, se tu tem um chefe, tu vê uma coisa, tu acha que vai dar errado, tu tem a capacidade de dizer: “Olha...”. Claro que com jeito, né, com jeitinho. “Olha, eu acho que isso não vai dar certo”. Nossos pais viam que ia dar errado e ficavam quietos.



Então eu **acredito que a gente tem isso, de mudança, de ir lá e fazer.** Porque a gente acredita que possa se melhorar e acredita que **o que vale é o tempo presente pra melhorar o futuro.** Acho que ser jovem é isso sim... é o que eu acredito (GF3; S3), [grifo dos autores].

Os(As) jovens possuem uma visão positivada a respeito da juventude como agentes de mudança, já evidenciada em outro capítulo desse livro. Essa possibilidade de transformar a realidade vem acompanhada do desejo de se tornar adulto. Para Guerreiro e Abrantes (2005), embora as mudanças estruturais venham se transformando significativamente, os percursos biográficos dos jovens, o *tornar-se adulto* ainda tende a ser reconhecido através da obtenção de autonomia financeira. Isto também se reflete nos dados dos jovens que responderam o questionário online. Na maioria dos casos, passa pela necessidade de se ter uma ocupação de modo permanente, que assegure um rendimento compatível. Dessa forma, torna-se imperativo saber de si e do futuro. Contudo, em que pese a integração do jovem ao mercado de trabalho, observa-se que as trajetórias educacionais nem sempre levam a empregos e que, diante de formas instáveis e vínculos precários de trabalho, a obtenção de uma vaga, por si só, não parece assegurar o processo de autonomização. Essa procura pelo trabalho como forma de independização esteve muito presente nos grupos focais, inclusive na definição do que é ser jovem em um dos grupos, no qual o jovem estudante verbalizou “*ser jovem é estar sempre correndo... estar sempre correndo atrás de trabalho*” (GF3; S1). O trabalho continua sempre associado à melhoria das condições de vida do jovem no presente e no futuro.

A pesquisa Agenda Jovem Brasil, da Secretaria Nacional da Juventude de 2013, que busca analisar o perfil e as opiniões dos jovens brasileiros, demonstra que o jovem tem a perspectiva de melhoria de futuro nas dimensões mais próximas à sua realidade, isso é: 36% dos entrevistados possuem expectativas que o mundo poderá melhorar nos próximos cinco anos, 44% referem que o país poderá melhorar nesse período, 53% que o seu bairro poderá melhorar e 94% acreditam que a sua vida pessoal tende a melhorar nos próximos cinco anos (SNJ, 2013). Ao analisar tais dados nacionais de juventude, torna-se visível a percepção da juventude quanto à crença na possibilidade de mudança. Nesse sentido, os jovens participantes do grupo focal também acreditam nas possibilidades de mudança da sociedade, especialmente quando impulsionada pela educação.

Na discussão sobre projetos de vida e futuro durante o grupo focal, foi proposta uma dinâmica em que os jovens poderiam pensar no que eles mudariam da sua realidade se tivessem uma varinha mágica. O desejo de uma melhor educação apareceu como categoria principal nas falas dos(as) jovens. Esse dado pode ser relacionado com a pesquisa Agenda Jovem Brasil, onde 65 % dos entrevistados referem quanto à importância da escola no futuro profissional e para conseguir

um trabalho (SNJ, 2013). Desta forma, os jovens do grupo focal entenderam que a melhoria da educação pode proporcionar ao jovem uma condição de agente de mudanças que atinge o âmago da contemporaneidade, contribuindo para mudar o país.

É que a educação pode gerar as outras coisas... A partir dela vai se construindo aquele espaço pras outras coisas... Que daí vai tornando as pessoas mais empoderadas do seu discurso... Daí elas vão poder reivindicar as outras coisas a partir daí. É um bom começo (GF3; S6).

Dessa forma, a educação é vista pelos jovens entrevistados como algo mais que uma preparação para a vida, mas como uma forma de despertar o senso crítico na percepção do contexto social. Neste sentido, é importante observar a valorização dos processos educativos, sendo que, na percepção dos jovens participantes do grupo focal, a educação pode ser uma ferramenta de mudança na sociedade. Neste aspecto, torna-se fundamental questionar, conforme afirma Tonet (2012), qual o tipo de educação que vem sendo desenvolvida na sociedade capitalista em seu atual estágio, pois, conforme afirma o autor, a educação deve ser engajada na busca por um projeto de sociedade mais justa e igualitária, e não na simples preparação para o mercado de trabalho.

Em um contexto, onde a incerteza quanto ao futuro é uma certeza constante, potencializada pelos processos de precarização do mundo do trabalho, os(as) jovens elencam que a educação se constitui como uma ferramenta de fundamental importância na construção de uma sociedade calcada em mais justiça social, conforme a narrativa de uma participante do grupo focal “[...] *Então pra mim, a minha varinha mágica, eu daria igualdade de oportunidades para todos.*” (GF3; S8). Pensar a igualdade em um contexto potencializado por desigualdade de acesso a múltiplos espaços no contexto juvenil, torna-se necessário para pensar o futuro das juventudes, e, conseqüentemente, de todo país. Jovens como partícipes desta sociedade possuem, também, a possibilidade de modificá-la, sendo assim, não se constituem como únicos sujeitos que podem realizar alguma transformação, mas possuem a possibilidade de contribuir para importantes modificações no âmbito da sociedade.

Os dados do nosso estudo corroboram com outras pesquisas realizadas sobre juventudes e projetos de vida. Em uma revisão das pesquisas sobre esse tema, Mandelli, Soares e Lisboa (2011) concluem que em relação aos elementos constituintes do projeto de vida dos jovens, independentemente da classe social a que os jovens pertencem, aparecem profissão, constituição de família, estudo e preparo profissional, realização e felicidade, viagens, amigos, aquisição de bens materiais e, por fim, melhoria do mundo, sendo estes dois últimos os elementos mais citados por jovens de escolas públicas.

## **Considerações Finais**

As trajetórias juvenis, especialmente no que se refere aos seus projetos de vida e futuro vão se delimitando conforme uma dialética das (in)certezas, isso é, a certeza quanto ao futuro, inserção profissional, relações afetivas e familiares não são mais passíveis de um planejamento com a certeza da sua real efetivação. Isso se dá, especialmente, em razão das mudanças do contexto no mundo do trabalho, que afetam diversas dimensões da vida das juventudes.

Nesse sentido, o debate sobre projeto de vida e futuro é fundamental na discussão da temática “juventudes”, especialmente devido às transformações societárias das últimas décadas e do contexto de incertezas agravados pela dinâmica do capital, que vem afetando diretamente as trajetórias de vida dos jovens. O trabalho, por exemplo, para os participantes do grupo focal “projetos de vida e futuro”, aparece como categoria principal. As juventudes de hoje não podem ser consideradas como não questionadoras ou que não colocam em pauta as questões mais providenciais dos diversos problemas da sociedade brasileira, mas sim almejam mudanças na ordem social vigente através de diferentes mobilizações.

Partimos do pressuposto de que os(as) jovens podem ser agentes protagonistas de seus projetos de vida e as narrativas mostram que a preocupação com o futuro está no tempo presente. Nessa trajetória de incertezas, jovens vêm construindo as bases para o futuro no presente, através de estágios, de experiências de iniciação científica, participação em voluntariado e outras atividades acadêmicas que permitam um diferencial. Cursos de línguas e intercâmbios no exterior também surgiram nos seus projetos. Devemos levar em conta que as narrativas apresentadas nesse capítulo refletem pensamentos, valores e projetos de um determinado segmento da juventude, a juventude universitária, em sua diversidade de classe social, etnia/raça, gênero e cultura, porém uma juventude que teve acesso ao ensino superior, e, portanto, com maiores possibilidades de inserção social no futuro.

Em relação às práticas pedagógicas, os achados da pesquisa em relação a projetos de vida revelam que esses estão relacionados, fundamentalmente, com o trabalho/emprego e principalmente à realização pessoal. Torna-se fundamental que a Universidade possibilite espaços aos jovens para vocalizarem essas demandas que são constituídas por elementos voltados – em última instância – para a melhoria da qualidade de vida e independência. A busca pela inserção no mercado de trabalho demonstra a importância cada vez maior da sinergia da Universidade com esse mercado para estar atenta a essas novas demandas e oportunidades em que jovens possam se inserir de forma plena. Compartilhamos também da posição de Mandelli, Soares e Lisboa (2011, p. 12) de que “se o projeto de vida é visto como constituído nas relações, ele também deve ser vinculado às transformações das relações humanas”. Neste sentido, dentro da concepção de uma educação centrada na formação integral e cidadã, a Universidade, em seus mais diversos cursos, deve procurar aliar em seus projetos políticos-pedagógicos esta concepção de formação dentro do tripé indissociável do ensino-pesquisa-extensão.

## Referências

- ALVES, G. Juventude e Nova Precaridade Salarial no Brasil: Elementos da Condição Proletária no Século XXI. In: ALVES, G.; ESTANQUE, E. (Orgs.). **Trabalho, Juventude e Precaridade: Brasil e Portugal**. Bauru: Ed. Praxis, 2012.
- ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Bontempo, 2007.
- BERMAN, M. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- CARDOSO, A. Juventudes Desnordeadas e Gerações Perdidas: Dinâmicas do Mercado de Trabalho Brasileiro. In: ALVES, G.; ESTANQUE, E. (Orgs.). **Trabalho, Juventude e Precaridade: Brasil e Portugal**. Bauru: Ed. Praxis, 2012.
- CORDEIRO, D. **Juventudes nas Sombras**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2009.
- DIB, S. K.; CASTRO, L. R. de. O trabalho é Projeto de Vida para os Jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n. 1, p. 1-15, 2010.
- ROCHA, N. C. da. **Juventude, política e partidos políticos**. Disponível em: [http://www.webartigos.com\(a\)rtigos/juventude-politica-e-partidos-politicos/88781/#ixzz36R3k5xBX](http://www.webartigos.com(a)rtigos/juventude-politica-e-partidos-politicos/88781/#ixzz36R3k5xBX). Mai. 2012. Acesso em 3 de julho de 2014.
- GUERREIRO, M.; ABRANTES, P. How to become an adult: transitional processes in advanced modernity. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 58, n. 20, p. 157-175, 2005.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.
- HOUTART, F.; POLET, F. **O Outro Davos: mundialização de resistências e de lutas**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MANDELLI, M. T.; SOARES, D. H. P.; LISBOA, M. D. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 2011. Disponível em: [http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php\(a\)bp\(a\)rticle/view/723/587](http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php(a)bp(a)rticle/view/723/587). Acesso em 15/08/14.
- MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 5-6, p. 5-14, 1997.
- NOVAES, R. Os Jovens de Hoje: Contexto, Diferenças e Trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.
- OJALA, R. M. P. Projetos de futuro de jovens universitários do Distrito Federal: um estudo de caso. **Soc. estado**, Brasília, v. 23, n. 2, 2008. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922008000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922008000200013&lng=en&nrm=iso)>. access on 16 Aug. 2014.
- PAIS, J. M. Buscas de si: Expressividades e Identidades Juvenis In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.
- PEREZ, C. **Revoluciones tecnológicas y capital financiero: la dinámica de las grandes burbujas financieras y las épocas de bonanza**. Primera edición em espanhol. México: Siglo XXI, 2004.
- SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE – SNJ. **Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional do Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros**, 2013. Brasília, novembro de 2013, disponível em [http://www.juventude.gov.br/noticias\(a\)rquivos/pesquisa-atualizada-16-01.2013](http://www.juventude.gov.br/noticias(a)rquivos/pesquisa-atualizada-16-01.2013), acesso em maio de 2014.
- TONET, I. **Educação Contra o Capital**. São Paulo: Ed. Instituto Luckás, 2012.

## Considerações finais

A pesquisa com os(as) jovens universitários da PUCRS apresentou dados importantes para compreender melhor estes sujeitos que agora aportam no Ensino Superior. Destacam-se significativas diferenças geracionais com relação às gerações passadas, pois os(as) universitários(as) atuais se configuram em outros paradigmas, se subjetivam em outras lógicas, que necessitam de um olhar diferenciado para compreendê-los(as). Apontam outras representações sobre o mundo do trabalho, se informam mais através da internet em detrimento das mídias tradicionais, são permeados pelas novas tecnologias e redes sociais, que não existiam anteriormente, apresentam diferenças sobre a concepção de família e sobre o tempo para ter filhos, se preocupam com a questão da violência de maneira muito mais expressiva, entre outros aspectos. Além desses, outro dado interessante, revelado pelas escutas que fizemos, diz respeito ao fato que, alguns de nossos acadêmicos, constituem a primeira geração de suas famílias que chega à Universidade.

Cabe enfatizar que não podemos compará-los(as) com outros(as) do passado, pois, como bem lembram Margulis e Urresti (2000), mais do que comparar gerações, é preciso comparar as sociedades em que vivem as diferentes gerações. Portanto, para melhor conhecê-los, necessitamos compreender as mudanças que ocorrem na sociedade e assim perceber como estas impactam nas trajetórias juvenis.

Ao falar das profundas e velozes transformações que ocorreram na virada de milênio e que continuam em marcha nos anos posteriores, Melucci (2004, p. 15), destaca que habitamos um planeta que se transformou numa sociedade global, em que o ritmo acelerado da mudança, a multiplicidade de papéis desempenhados, o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossas experiências cognitivas e afetivas, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. O autor aponta ainda três traços básicos que caracterizam a sociedade contemporânea: a diferenciação, a variabilidade e o excedente cultural, os quais podem ser relacionados com os dados provenientes de nossa pesquisa.

A diferenciação refere-se à multiplicação dos âmbitos da vida e forma de estruturas específicas para responder a tarefas que em outros tempos eram resolvidas por estruturas mais simples e homogêneas. No caso da pesquisa com os(as) universitários(as), percebe-se que eles interagem com diferentes grupos, fazem estágios, acessam a internet de modo intensivo, muitos fazem compras e fazem operações bancárias pela web, visto que estas estruturas ampliaram as suas possibilidades.

A variabilidade diz respeito às alterações nas dimensões temporais em função do ritmo contínuo da mudança. Este aspecto é expressivamente salientado pelos(as) jovens da pesquisa, como é possível perceber no emblemático depoimento de um(a) dos(as) participantes, ao falar do ritmo de sua rotina:

[...] Acordar cedo, ir pro estágio obrigatório, andar de ônibus, vai lendo, estudando nessa locomoção, almoçar correndo – um almoço que tu leva de casa –, vai pro outro estágio, aí naquele período do qual saiu do outro estágio, aquele tempinho que tu tem, que sobrou, tu vai fazer os trabalhos da faculdade, depois tem aula, chega tarde em casa... (GF2; S3).

O ritmo intenso também é percebido quando se analisam os cotidianos desses(as) jovens, pois grande parte deles conjuga o estudo, com trabalho ou outra ocupação, tal como estágios, voluntariado, etc. Em vista disso, também destacam ter pouco tempo para a família, para os relacionamentos afetivos e para si mesmos.

O terceiro aspecto, o excedente cultural, refere-se ao fato de que as possibilidades simbolicamente disponíveis às pessoas são muito mais amplas que a sua capacidade de ação. Neste sentido, os(as) jovens universitários(as) apontam para a quantidade de atividades culturais e educativas que tem ao seu dispor e das dificuldades que têm em fazer opções. Um exemplo é o caso de um dos participantes ao falar sobre sua gama de possibilidades ao chegar no final da graduação:

A gente se forma ano que vem e aí a gente senta pra conversar assim: ‘bah! o que que tu vai fazer?’, Aí tu fica assim: ‘ah, mestrado, especialização, concurso público, voluntariado, não sei o que...’. Tu pensa tem um leque de opções (GF5; S7).

Tais cenários produzem impactos para as trajetórias juvenis deste início de milênio, configurando-os diante de múltiplas variáveis, com diversos dilemas e com a necessidade de tomar decisões de modo mais rápido e diante de quadros de incerteza.

Pela experiência realizada, percebe-se que uma das melhores formas de compreensão de como estas situações são vivenciadas pelas juventudes atuais é criando espaços e canais para que estas se expressem. Isso ficou evidente durante a realização dos grupos focais, em que após o término da atividade os(as) jovens teciam comentários tais como: “quando será o próximo?”, “que legal ter um espaço para falar o que pensamos” ou então “a universidade deveria proporcionar mais momentos como este”. Tais expressões remetem a um desafio pedagógico de possibilitar, tanto em sala de aula, como em outros espaços da universidade um exercício de escuta e de diálogo com os(as) universitários(as).

Quanto aos dados da pesquisa, ainda que tenhamos algumas homogeneidades, sobretudo étnica (90,4% são brancos) e geográfica (71% são de Porto Alegre ou região metropolitana), os resultados também apontam para uma diversidade cada vez maior dos(as) estudantes que compõem o quadro universitário. Percebe-se que grande parte dos(as) universitários estuda e trabalha concomitantemente; que muitos(as) vêm de trajetórias marcadas por interrupções que

decorrem de suas entradas e saídas do sistema escolar e, ainda, por exigências de um mundo cada vez mais excludente. Um dado que contribui para a compreensão dessa situação é aquele referente à situação financeira dos(as) participantes, em que 20,6% afirmam não possuir nenhuma renda, 23,5% afirmam receber até R\$ 622,00 e outros 36,1% disseram ganhar entre R\$ 622,00 e R\$ 1.244,00. Somando esses três percentuais, temos mais de 80% dos universitários(as) respondentes que recebem menos do que R\$ 1.200,00 mensais. Tal dado sinaliza para as dificuldades que eles dizem encontrar no cotidiano, em que estão submetidos a um intenso ritmo, que em muitas ocasiões reflete em jornadas divididas entre os estudos acadêmicos, o trabalho, estágios ou mesmo com atividade de iniciação científica.

Outra questão versa sobre a chegada à Universidade de pessoas com deficiências. Sem dúvidas, temáticas como a inclusão trazem novas demandas e desafios para a universidade. A Instituição já tem algumas Políticas de Inclusão, como por exemplo, Centro de Atendimento Psicossocial/CAP, Laboratório de Ensino Atendimento a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas/LEPNEE, Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Aprendizagem e Processos Inclusivos/NEPAPI, Núcleo de Estudos em Cultura Afro-Brasileira e Indígena/NEABI. É importante que outras ações continuem a ser pensadas e implementadas, sem esquecer da importância de que os professores conheçam tais iniciativas para que delas possam lançar mão com o propósito de assegurar as melhores condições para aprendizagem de todos os alunos que aqui ingressam.

Ao contemplar a diversidade dos universitários(as), a sala de aula alarga suas paredes para deixar o campus e inscrever-se na realidade, que por sua vez é mais desafiadora, mais complexa e isso impacta na formação do docente do ensino superior, visto que este precisa considerar tais fatores no processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo da pesquisa foi questionado aos(às) estudantes as principais características que eles identificavam na universidade. Entre as possibilidades de resposta, os índices para a alternativa “concordo totalmente” foram: “seu compromisso com a inovação”, com 58,4%; “sua qualidade de ensino”, com 58,3%; “seu compromisso com a formação humana”, com 38,4%; “uma instituição católica”, com 34,3%; “seu compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna”, com 25,6%; e, “sua tradição marista”, com 25%. Os dados revelam maior incidência nos itens da inovação e da qualidade de ensino, que têm sido bastante enfatizados pela comunidade universitária e, ao mesmo tempo, reconhecidos internamente, como os próprios(as) universitários o fazem, mas, também, externamente, dadas as últimas avaliações das universidades do país, em que a PUCRS, esteve muito bem classificada.

Contudo, cabe também ressaltar o desafio de continuar avançando no trabalho de outras dimensões importantes para a vida dos(as) jovens a fim de possi-

bilitar uma formação integral, visto que o objetivo da educação marista universitária pretende formar bons(as) profissionais, mas também bons(as) cidadãos(ãs):

As principais dimensões que o estudante deve desenvolver ou aprimorar no processo de sua formação são: novas possibilidades de desenvolvimento pessoal, novos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores, enriquecimento experiencial, descoberta do verdadeiro sentido da vida. Em suma, os estudantes são chamados a buscar uma educação que harmonize a excelência do desenvolvimento humanístico e cultural com a formação profissional especializada (REDE MARISTA INTERNACIONAL DE INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2010, p. 57).

Este referencial da educação marista nos desafia a complementar a formação técnica com a formação humana/integral, visando o desenvolvimento de uma proposta – a mais completa possível para os(as) universitários(as) que passam pela instituição. A mesma está fundamentada tanto na proposta institucional de uma educação integral, como também pela complexidade do mundo contemporâneo, que passa por uma mudança de época, que exige sujeitos com uma formação mais ampla possível e uma visão abrangente da sociedade.

Para trabalhar os diferentes desafios que os(as) jovens apresentaram durante a pesquisa, cabe um aprofundamento contínuo a respeito dos(as) mesmos(as), ou seja, o trabalho investigativo não pode parar por aqui. Constatou-se que a realidade dos(as) universitários(as) é complexa e diversa, portanto, não cabem respostas simples, outrossim, análises em profundidade e de forma permanente. Para tal, são necessárias outras pesquisas, tratando de temas específicos, visando aprofundar as características e as necessidades próprias deste contingente.

Outro destaque importante é dar a conhecer aos educadores e aos diferentes setores da Universidade as características destes(as) universitários(as) a fim de que as práticas pedagógicas desenvolvidas na Instituição estejam cada vez mais sintonizadas com estes sujeitos, proporcionando uma formação de maior qualidade e cada vez mais integral.

## **Referências**

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, L. et al. **La juventud es más que una palabra**: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 2000.

MELUCCI, A. **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

REDE MARISTA INTERNACIONAL DE INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Missão Marista na Educação Superior**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2010.



## Agradecimentos

A equipe do Observatório Juventudes agradece a todos e todas que contribuíram para a elaboração e desenvolvimento da Pesquisa “Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS” que tornou possível esta publicação Livro.

Às Unidades Acadêmicas da nossa Universidade na pessoa de cada um de seus diretores e de cada uma de suas diretoras.

Aos professores e às professoras que foram sensibilizadores/as, contribuindo para a motivação junto aos universitários/as, fazendo que tivéssemos uma ampla adesão à proposta por parte destes/as.

A todos/as estudantes que contribuíram respondendo ao questionário online e também participando dos Grupos Focais.

À Gerência de Tecnologia da Informação e Telecomunicação – GTIT, setor da Universidade, que contribuiu com a operacionalização técnica do questionário online.

Ao Grupo Universitário Marista – GUM que participou do pré-teste da Pesquisa.

À PROPEQ/PUCRS, através do apoio financeiro e material, através dos editais BPA Institucional 2012 e 2013 e PRAIAS 2013 e 2014.

À professora Jussara Margareth de Paula Loch, representante da Faculdade de Educação que participou da criação do Observatório Juventudes, da elaboração do nosso primeiro Projeto de Pesquisa e foi vice-coordenadora da pesquisa no período de 2011-2012.

Ao professor Doutor João Feliz Duarte de Moraes, da Faculdade de Matemática, pela contribuição com a tabulação estatística da parte quantitativa da pesquisa.

Ao Irmão Dionísio Roberto Rodrigues, diretor do Centro de Pastoral e Solidariedade da PUCRS, pelo apoio à realização da pesquisa.

À Marisol Germano Trindade, ex-integrante do Centro de Pastoral e Solidariedade da PUCRS, pela contribuição com a estruturação da pesquisa no ano de 2012.

Aos/às bolsistas que contribuíram diretamente na pesquisa, ao longo do seu processo:

Alex Primo Brustolin, acadêmico de História, bolsista de Iniciação Científica/FAPERGS e bolsista Voluntário do Observatório Juventudes, durante o ano de 2012.

Aline Souza da Rocha, estudante da Faculdade de Serviço Social, bolsista de Iniciação Científica no Observatório Juventudes em 2012 e 2013, vinculada ao BPA Institucional.

### *Agradecimentos*

Jéssica Lima Ramos, estudante da Faculdade de Serviço Social, bolsista de Iniciação Científica no Observatório Juventudes em 2012, vinculada ao BPA Institucional.

Naiane Andreia Rodrigues Pisoni, estudante da Faculdade de Educação, bolsista de Iniciação Científica no Observatório Juventudes em 2012, vinculada ao BPA Institucional.

Lucas Antunes Machado, estudante da Faculdade de Psicologia, bolsista de Iniciação Científica no Observatório Juventudes em 2013 vinculado ao BPA Praias.

Maria Inês Nunes Barcelos, estudante da Faculdade de Serviço Social, bolsista de Iniciação Científica no Observatório Juventudes em 2013, vinculada ao BPA Praias.

Cinara Padilha, estudante da Faculdade de Comunicação Social, bolsista de Iniciação Científica no Observatório Juventudes em 2013, vinculada ao edital BPA Institucional.

Tamires de Oliveira, estudante da Faculdade de Serviço Social, bolsista de Iniciação Científica no Observatório Juventudes em 2014, vinculada ao BPA Praias.

Aos bolsistas do NEPEVI, Grupo de Estudos e Pesquisa em Violência da Faculdade de Serviço Social da PUCRS, Ana Rita Costa Coutinho, Madalena Leite, Adriana Lessa, que participaram dos grupos focais como observadoras e contribuíram na realização das transcrições dos dados.

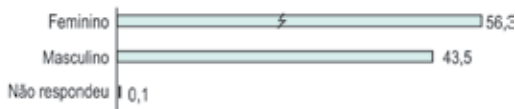
## Apêndice

### Pesquisa Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Crenças dos Jovens Estudantes da PUCRS, 2014 (N = 4998)

#### Realização: Observatório Juventudes PUCRS

##### 1. Gênero

Gênero	%	Freq.
Feminino	56,3	2816
Masculino	43,5	2175
Não respondeu	0,1	7



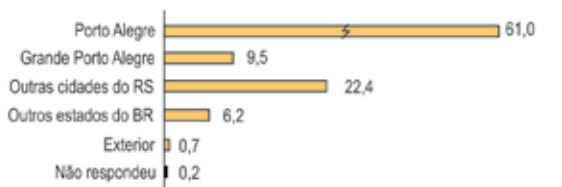
##### 2. Idade

Idade	%	Freq.
16 a 17 anos	2,1	105
18 a 20 anos	35,0	1747
21 a 24 anos	44,3	2212
25 a 29 anos	18,6	928
Não respondeu	0,1	6



##### 3. Naturalidade

Naturalidade	%	Freq.
Porto Alegre	61,0	3047
Grande Porto Alegre	9,5	475
Outras cidades do RS	22,4	1122
Outros estados do BR	6,2	309
Exterior	0,7	36
Não respondeu	0,2	9



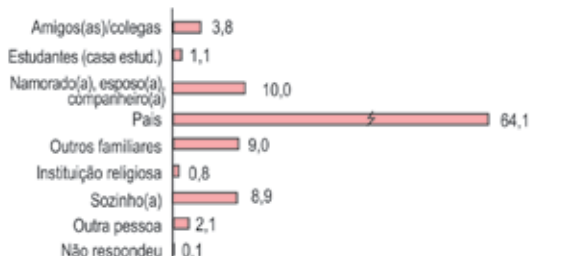
##### 4. Etnia

Qual a tua etnia?	%	Freq.
Negra	3,1	157
Parda	5,4	269
Indígena	0,1	7
Branca	90,4	4518
Outra	0,8	39
Não respondeu	0,2	8



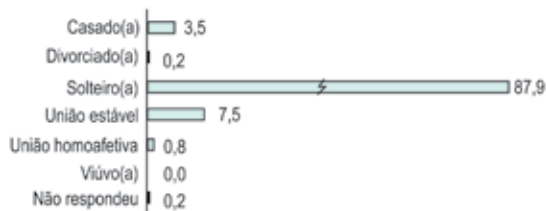
##### 5. Moradia

Com quem moras	%	Freq.
Amigos(as)/colegas	3,8	191
Estudantes (casa estud.)	1,1	57
Namorado(a), esposo(a), companheiro(a)	10,0	502
Pais	64,1	3202
Outros familiares	9,0	451
Instituição religiosa	0,8	41
Sozinho(a)	8,9	444
Outra pessoa	2,1	104
Não respondeu	0,1	6



## 6. Situação Atual

Qual tua situação atual?	%	Freq.
Casado(a)	3,5	174
Divorciado(a)	0,2	9
Solteiro(a)	87,9	4391
União estável	7,5	373
União homoafetiva	0,8	38
Viúvo(a)	0	1
Não respondeu	0,2	12



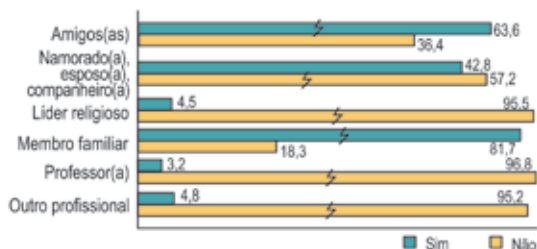
## 7. Filhos

Tens filhos?	%	Freq.
Sim	3,4	172
Não	96,2	4809
Não respondeu	0,3	17



## 8. Apoio nos momentos de dificuldade

Apoio de:	Sim		Não	
	%	Freq.	%	Freq.
Amigos(as)	63,6	3180	36,4	1818
Namorado(a), esposo(a), companheiro(a)	42,8	2140	57,2	2858
Líder religioso	4,5	227	95,5	4771
Membro familiar	81,7	4085	18,3	913
Professor(a)	3,2	161	96,8	4837
Outro profissional	4,8	242	95,2	4756



## 9. Grau de concordância com as frases:

Grau de concordância:	Discredo totalmente		Discredo parcialmente		Nem concordo nem discredo		Concordo parcialmente		Concordo totalmente		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
A família contribui para meu amadurecimento	0,8	40	1,8	90	4,6	231	21,9	1097	70,8	3533	0,1	7
O trabalho contribui para meu amadurecimento	0,7	36	0,9	43	4,8	238	23,2	1158	70,3	3515	0,2	8
As amizades contribuem para meu amadurecimento	1,0	52	2,3	116	12,4	617	40,3	2011	43,9	2188	0,3	14
A religião contribui para meu amadurecimento	23,9	1194	10,3	516	27,2	1357	16,9	845	21,1	1054	0,6	32
A universidade contribui para meu amadurecimento	1,2	61	2,8	138	11,2	561	35,6	1778	48,8	2440	0,4	20

## 10. Estudos

Estudaste...	%	Freq.
Só em escola pública	36,9	1843
Só em escola particular	40,7	2035
Em escola pública e particular – sendo que a maior parte em rede pública	11,7	584
Em escola pública e particular – sendo que a maior parte em rede particular	10,5	523
Não respondeu	0,3	13



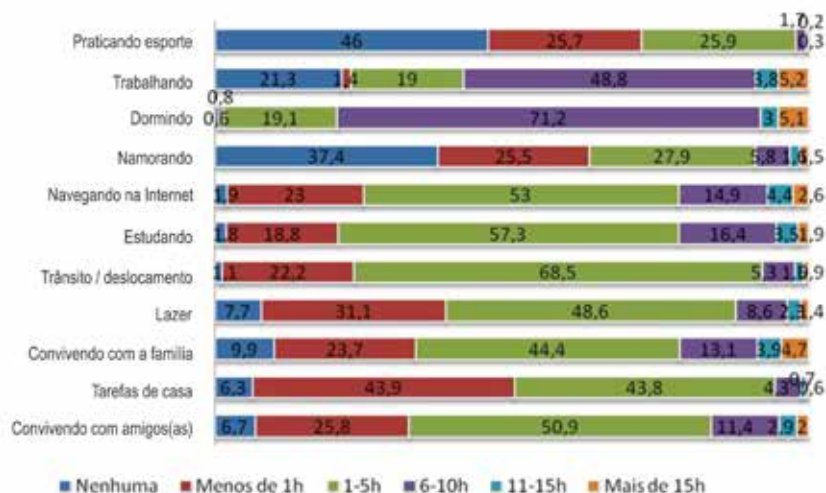
## 11. Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Cursaste EJA?	%	Freq.
Não	94,3	4712
Sim, no Ensino Fundamental	0,4	19
Sim, no Ensino Médio	4,8	238
Sim, em ambos	0,3	13
Não respondeu	0,3	16



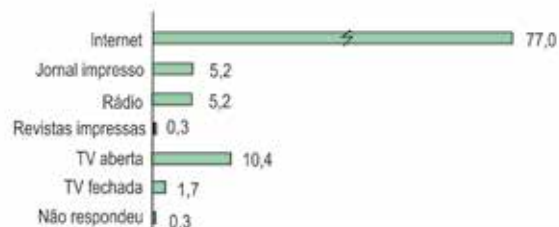
12. Número de horas usadas – em um dia típico – nas seguintes atividades:

Tempo que gasta com as atividades:	Nenhuma		Menos de 1h		1 - 5h		6 - 10h		11 - 15h		Mais de 15h		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Convivendo com amigos(as)	6,7	337	25,8	1288	50,9	2546	11,4	572	2,9	143	2,0	101	0,2	11
Tarefas de casa	6,3	317	43,9	2195	43,8	2191	4,3	213	0,7	37	0,6	32	0,3	13
Convivendo com a família	9,9	497	23,7	1185	44,4	2218	13,1	656	3,9	195	4,7	235	0,2	12
Lazer	7,7	384	31,1	1553	48,6	2428	8,6	432	2,3	115	1,4	72	0,3	14
Trânsito / deslocamento	1,1	57	22,2	1112	68,5	3423	5,3	266	1,5	76	0,9	46	0,4	18
Estudando	1,8	91	18,8	940	57,3	2864	16,4	819	3,5	176	1,9	94	0,3	14
Navegando na Internet	1,9	93	23,0	1148	53,0	2648	14,9	743	4,4	221	2,6	132	0,3	13
Namorando	37,4	1870	25,5	1272	27,9	1394	5,8	292	1,6	82	1,5	73	0,3	15
Dormindo	0,6	28	0,8	38	19,1	953	71,2	3558	3,0	152	5,1	255	0,3	14
Trabalhando	21,3	1063	1,4	70	19,0	949	48,8	2441	3,8	189	5,2	262	0,5	24
Praticando esporte	4,6	2299	25,7	1285	25,9	1292	1,7	87	0,2	12	0,3	13	0,2	10



13. Principal fonte de informações / notícias

Principal fonte de informações / notícias	%	Freq.
Internet	77,0	3846
Jornal impresso	5,2	260
Rádio	5,2	259
Revistas impressas	0,3	13
TV aberta	10,4	521
TV fechada	1,7	84
Não respondeu	0,3	15

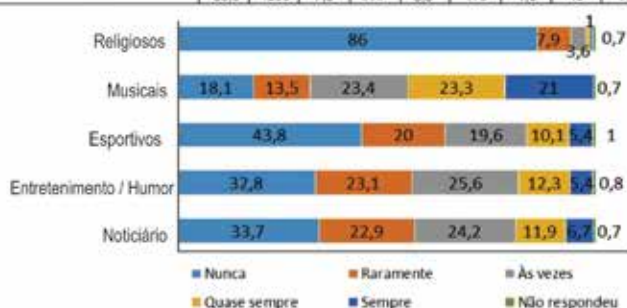


#### 14. Programas de TV

Frequência com que assistes programas de TV	Nunca		Raramente		Às vezes		Quase sempre		Sempre		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Feminino	49,1	2456	27,5	1375	16,9	847	4,1	206	1,7	86	0,6	28
Game Show	57,1	2855	29,7	1483	10,9	543	1,3	64	0,4	18	0,7	35
Filmes	3,4	168	13,3	663	42,3	2112	27,1	1356	13,6	678	0,4	21
Telenovelas	32,3	1616	25,9	1292	23,8	1189	11,7	587	5,7	287	0,5	27
Musicais	32,2	1608	32,1	1602	23,0	1148	7,8	392	4,5	225	0,5	23
Esportivos	26,9	1342	25,1	1258	24,4	1219	14,6	732	8,4	421	0,6	28
Religiosos	81,7	4063	12,2	609	4,1	207	1,0	51	0,4	19	0,6	29
Auditório	53,1	2652	30,3	1516	13,4	670	2,1	105	0,4	19	0,7	36
Reality Show	46,3	2314	30,5	1523	17,0	851	4,2	210	1,3	64	0,7	36
Seriados	11,3	564	17,3	866	29,4	1470	23,3	1163	18,1	903	0,6	32
Jornalísticos	7,3	365	14,2	712	38,4	1919	29,1	1455	10,4	521	0,5	26
Humorísticos	16,7	833	24,9	1244	36,3	1815	16,6	828	5,0	249	0,6	29

#### 15. Programas de Rádio

Frequência com que ouves programas de Rádio	Nunca		Raramente		Às vezes		Quase sempre		Sempre		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Noticiário	33,7	1682	22,9	1144	24,2	1209	11,9	593	6,7	337	0,7	33
Entretenimento / Humor	32,8	1637	23,1	1156	25,6	1280	12,3	613	5,4	270	0,8	42
Esportivos	43,8	2188	20,0	1002	19,8	982	10,1	505	5,4	271	1,0	50
Musicais	18,1	904	13,5	675	23,4	1168	23,3	1163	21,0	1051	0,7	37
Religiosos	86,0	4298	7,9	396	3,6	179	1,0	49	0,7	34	0,8	42



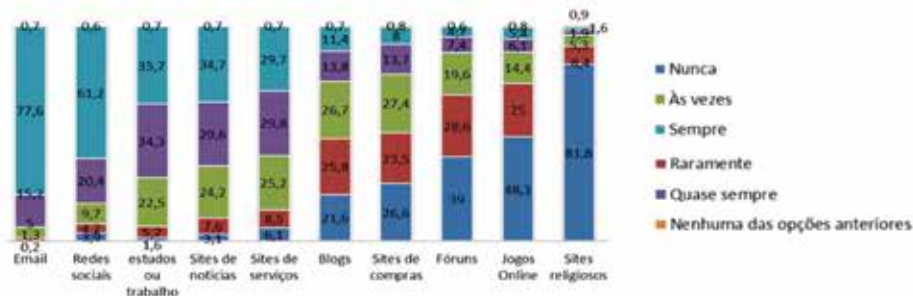
#### 16. Géneros Musicais

Frequência com que ouves os géneros musicais	Nunca		Raramente		Às vezes		Quase sempre		Sempre		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Clássica	44,1	2203	29,6	1481	19,1	957	4,2	208	2,3	115	0,7	34
Eletrónica	22,9	1145	27,0	1349	29,7	1482	13,2	658	6,6	331	0,7	33
Funk	66,3	3313	20,3	1013	9,5	475	2,2	111	1,0	51	0,7	35
Gospel	78,7	3932	10,5	524	5,6	282	1,9	97	2,5	123	0,8	40
Hip Hop / Rap	38,8	1941	27,3	1363	21,5	1074	8,0	402	3,7	183	0,7	35
Jazz	47,8	2389	28,3	1415	17,6	881	3,9	197	1,5	76	0,8	40
MPB	22,5	1123	25,2	1260	31,9	1595	13,9	695	5,7	286	0,8	39
Música Tradicionalista	39,7	1982	29,5	1478	21,0	1048	6,2	308	2,9	147	0,7	37
Pagode	46,4	2320	20,6	1032	17,3	867	8,9	445	5,9	295	0,8	39
Pop	10,5	526	16,5	825	31,8	1591	26,7	1334	13,6	682	0,8	40
Reggae	24,6	1229	24,1	1203	29,7	1485	13,5	676	7,2	362	0,9	43
Rock	7,9	396	11,6	581	22,1	1107	25,2	1260	32,2	1610	0,9	44
Samba	35,8	1789	26,1	1306	22,3	1117	9,3	463	5,4	270	1,1	53
Sertanejo / Sertanejo Universitário	39,7	1985	18,9	947	19,3	966	12,7	634	8,5	425	0,8	41

## Apêndice

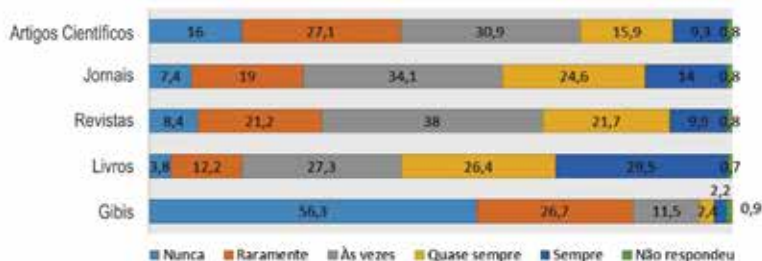
### 17. Internet

Frequência com que acessa a Internet	Nunca		Raramente		Às vezes		Quase sempre		Sempre		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Blogs	21,6	1078	25,8	1291	26,7	1335	13,8	692	11,4	569	0,7	33
Fóruns	39,0	1950	28,6	1430	19,6	980	7,4	371	4,7	235	0,6	32
Jogos Online	48,3	2415	25,0	1249	14,4	720	6,1	304	5,4	270	0,8	40
Redes Sociais	3,9	195	4,2	211	9,7	1018	20,4	3057	61,2	4966	0,6	32
Sites de compras	26,6	1330	23,5	1174	27,4	1369	13,7	685	8,0	399	0,8	41
Sites de Serviços	6,1	303	8,5	426	25,2	1280	29,8	1491	29,7	1484	0,7	34
Sites de Notícias	3,1	157	7,6	378	24,2	1212	29,6	1478	34,7	1736	0,7	37
Sites Religiosos	81,8	4087	8,4	419	5,3	266	1,9	97	1,6	82	0,9	47
Estudos ou Trabalho	1,6	82	5,2	259	22,5	1125	34,3	1713	35,7	1786	0,7	33
E-mail	0,2	12	1,3	66	5,0	252	15,2	758	77,6	3877	0,7	33



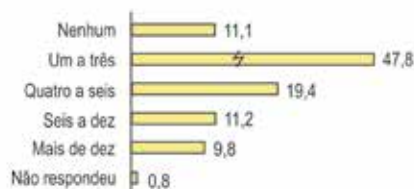
### 18. Leitura

Frequência com que costuma ler:	Nunca		Raramente		Às vezes		Quase sempre		Sempre		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Gibis	56,3	2815	26,7	1335	11,5	574	2,4	118	2,2	110	0,9	46
Livros	3,8	188	12,2	611	27,3	1366	26,4	1321	29,5	1475	0,7	37
Revistas	8,4	419	21,2	1058	38,0	1901	21,7	1087	9,9	493	0,8	40
Jornais	7,4	372	19,0	952	34,1	1704	24,6	1232	14,0	699	0,8	39
Artigos Científicos	16,0	802	27,1	1356	30,9	1545	15,9	793	9,3	463	0,8	39



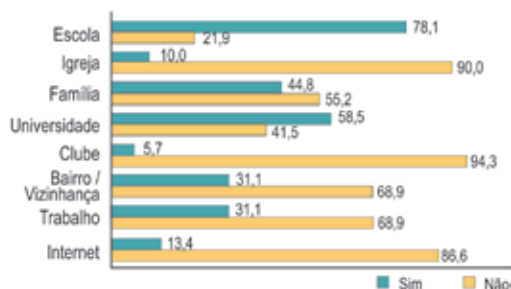
### 19. Livros

Sem contar as leituras obrigatórias, quantos livros lê por ano?	%	Freq.
Nenhum	11,1	554
Um a três	47,8	2387
Quatro a seis	19,4	970
Seis a dez	11,2	550
Mais de dez	9,8	489
Não respondeu	0,8	38



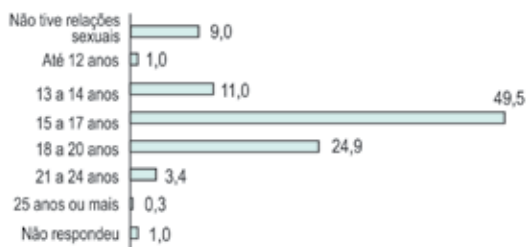
## 20. Amizades

Local em que tuas melhores amizades foram construídas:	Sim		Não	
	%	Freq.	%	Freq.
Escola	78,1	3904	21,9	1094
Igreja	10,0	501	90,0	4497
Família	44,8	2237	55,2	2761
Universidade	58,5	2924	41,5	2761
Clube	5,7	285	94,3	4713
Bairro / Vizinhança	31,1	1554	68,9	3444
Trabalho	31,1	1552	68,9	3446
Internet	13,4	668	86,6	4330



## 21. Início da Vida Sexual

Com que idade iniciaste a vida sexual?	%	Freq.
Não tive relações sexuais	9,0	448
Até 12 anos	1,0	49
13 a 14 anos	11,0	549
15 a 17 anos	49,5	2475
18 a 20 anos	24,9	1247
21 a 24 anos	3,4	169
25 anos ou mais	0,3	13
Não respondeu	1,0	48



## 22. Grau de concordância com as proposições

Grau de concordância:	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Concordo parcialmente		Concordo totalmente		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Ficar é melhor que namorar	26,4	1321	23,5	1175	35,1	1753	11,8	590	2,6	131	0,6	28
Os jovens têm suficiente conhecimentos sobre sexualidade	16,5	827	34,7	1735	18,5	927	23,2	1161	6,3	315	0,7	33
O sexo é tabu entre os jovens	24,0	1200	28,6	1430	23,7	1187	18,6	932	4,3	214	0,7	35
A virgindade é um valor	17,8	892	13,0	649	24,9	1245	22,3	1115	21,2	1061	0,7	36
No sexo tudo é permitido	21,1	1053	20,5	1025	21,2	1058	26,2	1310	10,2	512	0,8	40
O amor é algo secundário na relação sexual	42,5	2123	25,5	1275	17,4	870	9,7	486	4,1	203	0,8	41
A fidelidade no relacionamento amoroso é essencial	1,7	85	1,5	76	5,0	252	11,7	582	79,2	3958	0,9	44
Os métodos contraceptivos são conhecidos pelos jovens	2,0	101	14,5	723	12,4	619	42,5	2123	27,7	1386	0,9	46
A gravidez na adolescência é própria de quem não tem informação	21,6	1080	29,2	1460	13,7	686	21,9	1097	12,6	630	0,9	45
Os jovens não conversam com os pais sobre sexo como deveriam	2,0	99	6,7	333	17,6	882	37,6	1881	35,3	1762	0,8	41

## 23. Grau de concordância com as situações

Grau de concordância:	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Concordo parcialmente		Concordo totalmente		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Sonegar impostos	65,6	3278	15,5	774	11,2	558	4,7	235	2,2	110	0,9	43
Consumir drogas ilícitas	65,4	3268	13,6	682	13,3	664	5,3	267	1,5	75	0,8	42
Colar para sair bem nas provas	46,2	2307	22,7	1135	21,2	1061	7,4	372	1,6	78	0,9	45
Beber e dirigir	79,4	3967	12,5	627	4,7	235	2,0	99	0,5	23	0,9	47
Aborto	33,8	1689	13,3	667	19,3	964	18,7	936	14,0	701	0,8	41
Deixar-se subomar	83,1	4154	9,3	463	5,2	259	0,9	47	0,6	29	0,9	46
Penal de morte	22,5	1124	11,2	562	16,0	802	28,2	1407	21,1	1057	0,9	46
Redução da maioridade penal	17,0	850	8,0	400	13,1	656	24,7	1234	36,1	1805	1,1	53
Tirar vantagem da posição social ou económica	76,8	3836	10,9	544	8,0	402	2,3	116	0,9	46	1,1	54
Ceder lugar no transporte para idoso, gestante ou deficiente	1,3	64	1,3	67	2,9	146	11,8	591	81,5	4073	1,1	57
Cotas raciais para ingresso na universidade	47,4	2368	14,9	743	13,0	648	12,3	617	11,4	572	1,0	50

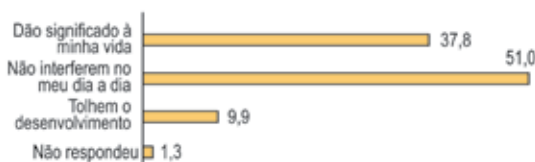


**24. Grau de concordância com as proposições:**

Grau de concordância:	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Concordo parcialmente		Concordo totalmente		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Ser pobre é uma opção pessoal, uma vez que se a pessoa trabalhar poderá conquistar tudo	27,1	1356	32,7	1633	12,3	616	20,6	1031	6,3	313	1,0	49
É aceitável a agressão verbal e/ou física a um homossexual	89,4	4470	5,3	264	2,8	141	0,6	31	0,8	42	1,0	50
Penso que o Estado não deveria investir em presídios, mas em outras prioridades, pois não quero que meu dinheiro seja investido em pessoas que cometeram crimes	40,2	2009	26,0	1300	15,2	760	11,7	583	5,8	289	1,1	57
Não convivo com pessoas que pensam de maneira diferente de mim	67,9	3396	19,7	984	7,4	370	3,1	153	0,8	39	1,1	56
Um jovem tem direito de agredir outro que esteja "dando em cima" de sua namorada	67,3	3365	15,5	777	9,2	458	4,8	242	2,0	99	1,1	57
Um jovem tem o direito de agredir outra que esteja "dando em cima" de seu namorado	68,1	3402	15,5	774	9,3	464	4,3	216	1,6	82	1,2	60

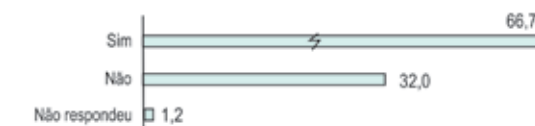
**25. Crenças Espirituais**

Minhas crenças espirituais:	%	Freq.
Dão significado para a minha vida	37,8	1891
Não interferem no meu dia a dia	51,0	2549
Tolhem o desenvolvimento	9,9	493
Não respondeu	1,3	65



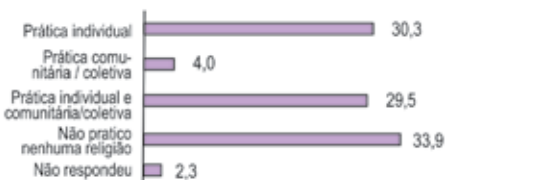
**26. Religião**

Tens alguma religião?	%	Freq.
Sim	66,7	3336
Não	32,0	1601
Não respondeu	1,2	61



**27. Práticas Religiosas**

Se praticas alguma religião ela deve ser:	%	Freq.
Uma prática individual	30,3	1513
Uma prática comunitária / coletiva	4,0	198
Uma prática individual e comunitária/coletiva	29,5	1475
Não pratico nenhuma religião	33,9	1696
Não respondeu	2,3	116



**28. Religião se relaciona com:**

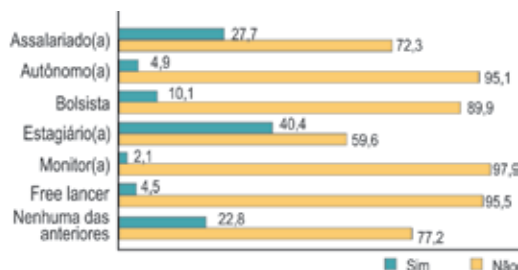
Religião se relaciona com:	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Concordo parcialmente		Concordo totalmente		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Ciência	27,5	1372	11,8	588	20,7	1035	21,9	1093	16,9	843	1,3	67
Economia	29,5	1474	10,4	521	21,2	1062	20,3	1015	17,0	851	1,5	75
Meio ambiente	23,2	1159	8,7	436	23,0	1152	23,1	1153	20,5	1026	1,4	72
Política	28,6	1428	8,1	405	20,6	1028	21,6	1079	19,7	984	1,5	74
Questões sociais	9,2	461	3,0	148	14,6	732	29,4	1469	42,3	2113	1,5	75

**29. Significado do Trabalho**

Para ti, o significado do trabalho é:	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Concordo parcialmente		Concordo totalmente		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Autorrealização	1,0	48	1,1	57	4,4	219	29,1	1454	63,2	3160	1,2	60
Crescimento	0,5	27	0,6	28	1,9	93	19,1	953	76,6	3830	1,3	67
Exploração	34,9	1743	22,3	1117	15,0	752	12,6	631	13,8	689	1,3	66
Fonte de renda	0,3	16	0,4	20	2,0	99	18,6	931	77,4	3868	1,3	64
Independência	0,7	34	0,9	46	3,0	148	19,9	994	74,3	3712	1,3	64
Necessidade	1,7	86	3,6	181	9,7	484	28,7	1434	54,8	2741	1,4	72

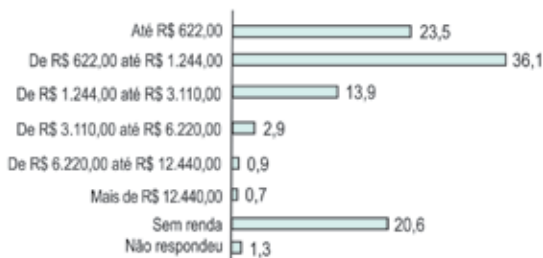
### 30. Fonte de Renda

Com relação à fonte de renda é(s):	Sim		Não	
	%	Freq.	%	Freq.
Assalariado(a)	27,7	1382	72,3	3616
Autônomo(a)	4,9	244	95,1	4754
Bolsista	10,1	503	89,9	4495
Estagiário(a)	40,4	2019	59,6	2979
Monitor(a)	2,1	106	97,9	4892
Freelancer	4,5	223	95,5	4775
Nenhuma das anteriores	22,8	1141	77,2	3857



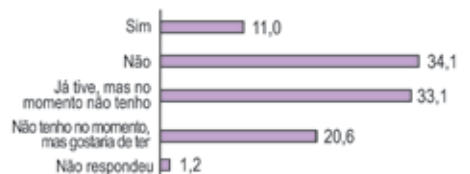
### 31. Renda Mensal

Qual o valor aproximado de tua renda?	%	Freq.
Até R\$ 622,00	23,5	1173
Mais de R\$ 622,00 até R\$ 1.244,00	36,1	1805
Mais de R\$ 1.244,00 até R\$ 3.110,00	13,9	693
Mais de R\$ 3.110,00 até R\$ 6.220,00	2,9	146
Mais de R\$ 6.220,00 até R\$ 12.440,00	0,9	46
Mais de R\$ 12.440,00	0,7	37
Sem renda	20,6	1031
Não respondeu	1,3	67



### 32. Trabalho Voluntário

Tens envolvimento com trabalho voluntário?	%	Freq.
Sim	11,0	549
Não	34,1	1704
Já tive, mas no momento não tenho	33,1	1654
Não tenho no momento, mas gostaria de ter	20,6	1031
Não respondeu	1,2	60



### 33. Identifico na PUCRS

Identifico na PUCRS:	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Concordo parcialmente		Concordo totalmente		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Sua qualidade de ensino	0,7	33	1,7	87	3,8	190	34,3	1712	58,3	2915	1,2	61
Sua tradição marista	13,1	654	6,4	318	35,5	1774	18,5	926	25,0	1251	1,5	75
Seu compromisso com a construção de uma sociedade justa e fraterna	7,8	391	8,6	431	29,7	1496	27,0	1347	25,6	1277	1,3	66
Seu compromisso com a formação humana	4,2	212	4,8	241	17,7	885	33,3	1664	38,4	1919	1,5	76
Seu compromisso com a inovação	1,6	82	2,1	103	8,2	408	28,2	1411	58,4	2919	1,5	75
Uma instituição católica	10,1	504	4,8	239	28,3	1416	21,0	1051	34,3	1716	0,4	22

### 34. Projetos Prioritários para o Futuro:

Grau de concordância:	Discordo totalmente		Discordo parcialmente		Nem concordo, nem discordo		Concordo parcialmente		Concordo totalmente		Não respondeu	
	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
Arranjar um bom emprego depois da formação	0,3	17	0,8	39	3,1	156	23,2	1159	71,3	3563	1,3	64
Constituir família	2,5	123	3,8	190	15,0	748	32,3	1614	45,0	2251	1,4	72
Continuar os estudos e fazer uma especialização, mestrado ou doutorado	0,8	38	1,8	89	7,3	367	31,6	1577	57,1	2852	1,5	75
Empenhar-me em questões de direitos humanos, paz, ecologia ou outros movimentos sociais	6,4	319	11,4	572	33,4	1671	30,7	1534	16,6	830	1,4	72
Encontrar forma de trabalhar no sentido de uma sociedade mais justa e igualitária	45,7	2283	16,5	823	21,5	1077	8,6	428	6,4	320	1,3	67
Envolver-me com um grupo religioso para aprofundar a minha fé	57,0	2849	17,5	876	17,2	861	4,6	228	2,3	113	1,4	71
Envolver-me em política partidária	10,9	545	12,9	647	28,3	1413	35,3	1763	11,1	557	1,5	73
Fazer trabalho voluntário em lugares empobrecidos	2,3	117	5,3	267	21,1	1057	39,4	1971	30,4	1521	1,3	65
Ganhar muito dinheiro	0,7	34	0,6	30	3,6	182	21,6	1078	72,1	3604	1,4	70
Ter casa própria	6,2	309	6,7	336	32,0	1598	24,6	1232	29,0	1449	1,5	74
Ter o meu próprio negócio	0,6	32	1,9	94	8,3	414	28,0	1401	59,7	2986	1,4	71

## Sobre os Autores

### **Andréia Mendes dos Santos – andreiam72@gmail.com**

Possui Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1995), Mestrado (2003) e Doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Realizou Estágio Pós-Doutoral (Pós-Doutorado Júnior/ CNPq) na Faculdade de Serviço Social PUCRS (2008) e Estágio Pós-Doutoral (Recém-Doutor/ FAPERGS) na FAENFI/PUCRS (2009/10). Atualmente desenvolvendo Pós-Doutorado junto ao programa de Pós Graduação em Serviço Social e Professora colaboradora do mesmo Programa na PUCRS (2010/atual). É coordenadora do Grupo de Pesquisa CONSUMIRES – Consumo, Mídia, Relações Sociais e Saúde, vinculado ao NEPEVEDH/ FSS/PUCRS. Colaboradora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Violência, Ética e Direitos Humanos – NEPEVEDH e do Grupo de Estudos em Teorias Marxiana, Ensino e Políticas Públicas – GETEMPP/ NEDEPS (PUCRS). É docente nos Cursos de Especialização em Direito de Família e Sucessões (Faculdade de Direito da PUCRS), Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador (UFRGS) e Curso de Especialização em Medicina do Trabalho (UFRGS). Possui experiência nas áreas de Psicologia, Pesquisa e Serviço Social. Desenvolve estudos nas temáticas de obesidade, família, saúde, saúde do trabalhador, SUAS, bullying, violência, justiça e dependência química. Possui parcerias com o CEDOP – Centro de Documentação e Pesquisa em Saúde e Trabalho, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina / Departamento de Medicina Social e NEST – Núcleo de Estudos em Saúde do Trabalhador, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Faculdade de Serviço Social. Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde março/2013, como bolsista PNPd.

### **Fernanda Tavares Aschidamini – fernanda08@pop.com.br**

Estudante de graduação do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Participou no ano de 2011, como bolsista de Iniciação Científica do Grupo de Estudos e Pesquisa em Violência (NEPEVI), coordenado pela Prof. Dra. Patrícia Krieger Grossi. Em 2014 participou como bolsista de Iniciação Científica do Observatório Juventudes da PUCRS pelo projeto PRAIAS orientada pela Prof. Dra. Patrícia Krieger Grossi. Também atuou como estagiária na área de Assistência Social através da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) no ano de 2011. Estagiou também em uma entidade do Terceiro Setor no período de 2012/2013 tendo aprofundado seu estudo com relação aos Direitos da Criança e do Adolescente.

### **Francine Ester da Silva Pereira – francine.esterp@gmail.com**

Estudante de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul /PUCRS. Participou do Projeto Universidade Missionária do Centro de Pastoral e Solidariedade da PUCRS em dez/2012 na Missão Paróquia em dez/2013 na Missão Solidária. Atualmente é bolsista de Iniciação Científica do Observatório Juventudes da PUCRS pelo projeto PRAIAS orientada pela Professora Miriam Pires Corrêa de Lacerda da Faculdade de Educação PUCRS. Também atua como estagiária na área de habitação de interesse social no setor de Coordenação de Urbanização no Departamento Municipal de Habitação da Cidade de Porto Alegre, RS. Participa do Grupo Universitário Marista – GUM, integrado à Pastoral Juvenil Marista – PJM desde abril/2012, na PUCRS.

**Gabriela Dutra Cristiano – gabrieladutrac@hotmail.com**

Assistente Social formada pelo Centro Universitário Metodista do IPA. Atualmente cursa Mestrado em Serviço Social no PPGSS PUCRS sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Berenice Rojas Couto. Integra o Observatório Juventudes PUCRS e o Núcleo de Estudos em Políticas e Economia Social (NEPES). Atuou como Docente Conteudista no Grupo Educacional RS. Tem experiência em Serviço Social nas áreas de Saúde do Trabalhador, Saúde Mental, Habitação e Assistência Social. Dedicar-se ao estudo das seguintes temáticas: ética, trabalho, formação, fundamentos do Serviço Social e juventudes.

Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde março/2013.

**Giovane Antonio Scherer – giovane.scherer@pucrs.br**

Assistente Social, mestre e doutorando em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Atualmente é professor da Faculdade de Serviço Social da PUCRS, atuando também como pesquisador associado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Ética e Direitos Humanos e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Redes, Identidades e Subjetividade da FSS/PUCRS; e do Observatório Juventudes PUCRS. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase no trabalho com a infância e juventudes, atuando principalmente nos seguintes temas: juventudes, identidades, arte, teatro, direitos humanos, justiça restaurativa e seguranças. Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde o início de sua formação, em 2011, atuando como pesquisador colaborador.

**Gisele Ribeiro Seimetz – grseimetz@hotmail.com**

Estudante de graduação do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Também está cursando Técnico em Administração, modalidade EAD, pela FACCENTRO. Participou do Projeto Universidade Missionária do Centro de Pastoral e Solidariedade da PUCRS em dez/2012 na Missão Paróquia e em dez/2013 na Missão Solidária. Em jan./2013 participou do Projeto Rondon, coordenado pelo Ministério da Defesa, na Operação Canudos em Jacobina do Piauí-PI. Participa do Movimento Estudantil na PUCRS, através do qual foi delegada do CONUNE/Congresso da UNE em mai./2013, na cidade de Goiânia-GO. Atualmente, é estagiária no Centro de Pastoral e Solidariedade da PUCRS. Participa do Grupo Universitário Marista-GUM, integrado à Pastoral Juvenil Marista-PJM, desde set/2012, na PUCRS.

**João Paulo Ottolia Niederauer – joao.niederauer@acad.pucrs.br**

Estudante de Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Atualmente atua como bolsista PROBITI/FAPERGS no NEPEVEDH – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência, Ética e Direitos Humanos, coordenado pela Prof. Dra. Patrícia Krieger Grossi.

Atuou como bolsista de Iniciação Científica no Observatório Juventudes no ano de 2013.

**José Jair Ribeiro – jair.ribeiro@maristas.org.br**

Possui graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1999), graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (1993) e mestrado em Teologia – Università Pontificia Salesiana (2005). Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Pastoral de Juventude, atuando principalmente nos seguintes temas: juventudes, planejamento pastoral, educação e formação de educadores. É coordenador da Pastoral Juvenil Marista/PJM da Rede Marista RS/DF/Amazônia. Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde o início, em 2011.

**Josiane Machado Godinho – [josi\\_godinho@hotmail.com](mailto:josi_godinho@hotmail.com)**

Pedagoga no IFRS – Campus Restinga, licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2009). Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, na Linha de Formação Políticas e Práticas em Educação (bolsa CAPES/PROSUP). Pesquisadora do Observatório Juventudes PUCRS. Desenvolve pesquisas acerca dos seguintes temas: Políticas Educacionais, Juventudes e Educação de Jovens e Adultos.

Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde março de 2013 como bolsista de mestrado.

**Karen Theline Cardoso dos Santos da Silva – [karen.theline@gmail.com](mailto:karen.theline@gmail.com)**

Graduada em Pedagogia. Atua na Coordenação de Pastoral da Rede Marista RS | DF | Amazônia. Acompanha a Pastoral Juvenil Marista na Rede. Atuou na Pastoral da Juventude na Arquidiocese de Porto Alegre/ RS, como animadora, articuladora e assessora. Trabalhou em Projetos Sociais no Instituto Leonardo Murialdo e no Amparo Santa Cruz, ambos em Porto Alegre.

Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde março/2014.

**Maurício Perondi – [mauricio.perondi@puhrs.br](mailto:mauricio.perondi@puhrs.br)**

Graduado em Filosofia. Possui Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (2013). Fez Doutorado Sanduíche na Catalunha, Espanha, sob orientação de Carles Feixa (2011-2012). Suas principais ênfases de pesquisa são: as juventudes e os processos educativos; as culturas juvenis; as juventudes e participação social. Participa do grupo de pesquisa internacional “GENIND: La Generación Indignada. Espacio, poder y cultura en los movimientos juveniles de 2011: una perspectiva transnacional”. É conselheiro suplente do Conselho Estadual de Juventude do Rio Grande do Sul-CONJUVE/RS (gestão 2014-2015) e membro do Observatório Juventudes PUCRS desde 2013.

**Miriam Pires Corrêa de Lacerda – [miriam.lacerda@puhrs.br](mailto:miriam.lacerda@puhrs.br)**

Graduada em Pedagogia com Habilitação em Orientação Educacional. Mestre e doutora em Educação – UFRGS. Professora Adjunta do Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Integra a Linha de Pesquisa Formação, Políticas e Práticas de Formação. Doutora em Educação pela UFRGS (2009). Realizou Estágio Pós Doutoral junto ao programa de Pós-Graduação em Educação PUCRS, pelo Programa Nacional Pós Doutoral – CAPES – sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Villela Pereira. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de Professores, Currículo, Infâncias e Juventudes. Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação. Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde o início, em 2011.

**Patrícia Krieger Grossi – [pkgrossi@puhrs.br](mailto:pkgrossi@puhrs.br)**

Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1987), mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994) e doutorado em Serviço Social – University of Toronto (1999). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Toronto, Canadá (2010), com auxílio do Faculty Research Program da Embaixada Canadense. Atualmente é professora adjunta da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professora do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Serviço

Social da PUCRS e do programa de pós-graduação em Geriatria e Gerontologia do Instituto de Geriatria e Gerontologia. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Serviço Social da Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: violência de gênero e políticas públicas, violência contra idosos, violência nas escolas, bullying, práticas restaurativas e cultura de paz, políticas de enfrentamento à drogadição e juventudes. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Violência (NEPEVI) e o Grupo de Estudos da Paz (GEPAZ). Membro do comitê editorial da Revista Textos & Contextos. Consultora Ad hoc do CNPq. Bolsista produtividade 1C do CNPq. Pesquisador Destaque Gaúcho na área de Ciências Humanas e Sociais pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) em 2013.

Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde o início, em 2011, como pesquisadora e coordenadora da pesquisa “Aspectos Socioeconômicos, culturais e crenças de jovens Estudantes da PUCRS”.

**Silvia Gama da Silva – silviagamasg@hotmail.com**

Possui Graduação em Pedagogia pela PUCRS (2010), Pós-Graduação em Gestão da Educação pela PUCRS (2012). Mestrado Sanduíche pela Universidad de La República – UDELAR/Uruguay. Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, na Linha de Formação Políticas e Práticas em Educação – Bolsista Integral CAPES/PROSUP. Pesquisadora do Observatório Juventudes PUCRS. Desenvolve pesquisas relacionadas com os temas Juventudes e Educação de Jovens e Adultos. Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde março de 2013 como Bolsista de Mestrado.

**Beatriz Gershenson Aginsky – aginsky@puccrs.br**

Graduada em Serviço Social pela PUCRS (1982) e em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS (1985), especialização em Direitos Humanos pela ESMPU/UFRGS e doutorado em Serviço Social pela PUCRS (2003). É assistente social do Poder Judiciário do Rio Grande do Sul. É professora titular da Faculdade de Serviço Social da PUCRS onde, atualmente, exerce a função de Diretora; Vice-editora da Revista Textos & Contextos (Porto Alegre) – FSS/PUCRS; membro do conselho editorial científico da Revista Katalysis da UFSC. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Infância e Juventude, atuando principalmente nos seguintes temas: serviço social, socioeducação, justiça restaurativa, direitos humanos, ética e formação profissional. Possui vínculo com o Observatório Juventudes desde 2012.



**Redes Editora**

Av. Plínio Brasil Milano, 388, conj. 501 - Porto Alegre, RS - Brasil  
<http://www.redeseditora.com.br/loja>



## **Autores**

Andréia Mendes dos Santos

Beatriz Gershenson Aginsky

Fernanda Aschidamini

Francine Ester da Silva Pereira

Gabriela Dutra Cristiano

Giovane Antonio Scherer

Gisele Ribeiro Seimetz

João Paulo Ottolia Niederauer

José Jair Ribeiro

Josiane Machado Godinho

Karen Theline Cardoso dos  
Santos da Silva

Maurício Perondi

Miriam Pires Corrêa de  
Lacerda

Patrícia Krieger Grossi

Silvia Gama

A juventude universitária, em sua diversidade, constitui-se numa força positiva e possui um enorme potencial para contribuir no desenvolvimento da sociedade. Isso significa trabalhar com três atitudes básicas diante dos jovens e das jovens na Universidade. A primeira é perceber as juventudes como solução e não como problema; uma segunda atitude implica ver as juventudes como fonte de iniciativa e não como receptáculo; e por fim, considerá-las como parceiras e interlocutoras das decisões nos processos educativos e não como destinatárias das ações voltadas a elas. O mundo adulto é convidado a desenvolver uma nova visão e uma nova atitude em relação às juventudes. Caso contrário, nossa sociedade continuará privando o segmento juvenil do direito de desenvolver suas potencialidades. Este livro trata-se de um trabalho interdisciplinar, e de muitas mãos, envolvendo o Observatório Juventudes PUCRS, numa parceria do Centro de Pastoral e Solidariedade com as Faculdades de Educação e de Serviço Social e com a Coordenação de Pastoral da Rede Marista que instiga os leitores e leitoras a aprofundar o olhar acerca das juventudes, seu modo de pensar, agir e ser no mundo.

*Ir. Evilázio Teixeira – Vice Reitor da PUCRS*

